

JANEIRO, 1923

NUMERO 85

REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES:

PAULO DA SILVA PRADO
MONTEIRO LOBATO

REDACTOR

SÉCRETARIO:

JULIO CESAR DA SILVA.

ANNO VIII - VOLUME XXII

S U M M A R I O

| | |
|--|-------------------------------------|
| REVISTA DO BRASIL | 1 |
| HOMENAGEM A "LA NACION" | 3 |
| UM HOMEM HONESTO | Monteiro Lobato 5 |
| NOTAS SCIENTIFICAS | Arthur Neiva 16 |
| COPA E COPO | M. Said Ali 20 |
| ORAÇÃO Á BANDEIRA | Pethion de Vil 25 |
| FRAGMENTO DE PROLOGO | J. Capistrano e Abreu 31 |
| O COLLAR DE MORAN | Martim Francisco 37 |
| CRÓNICA DE ARTE | Mario de Andrade 45 |
| A' CERCA DA EXPRESSÃO "A PAGI- NAS TRINTA E DUAS" | Rodrigo de Sá Nogueira 49 |
| O LEPROSO | Oliveira e Souza 52 |
| A ENTREVISTA | Braz da Silveira 58 |
| LITERATURA ESCOLAR | Americo Bruschini 64 |
| BIBLIOGRAPHIA | 68 |
| DEBATES E PESQUIZAS | 73 |
| CURIOSIDADES | 86 |
| AS CARICATURAS DO MEZ | 94 |

REVISTA DO BRASIL - RUA DOS GUSMÕES, 70 - CAIXA, 2-B - SÃO PAULO

ASSIGNATURAS: ANNO - 20\$000 EXTRANGEIRO - 25\$000 NUMERO AVULSO - 1\$800

BIOTONICO FONTOURA

Fortificante poderoso

EFFICAZ EM AMBOS OS SEXOS

E EM TODAS AS EDADES ::

PREMIADO COM MEDALHA DE OURO
NA EXPOSIÇÃO DE HYGIENE DO CON-
— GRESSO MEDICO BRASILEIRO —

Fabricado exclusivamente nos grandes laboratorios do

Instituto “Medicamenta”

FONTOURA, SERPE & C. - S. Paulo

"Revista da America Latina"

PUBLICA estudos de escriptores, sabios e homens politicos francezes, hispano-americanos e brasileiros, sobre a America latina e suas relações com a França; dá traducções de romances, contos, novellas, poemas e ensaios de escriptores da America latina.

Suas chronicas numerosas e variadas resumem a vida intellectual, artistica, economica e social de todo o continente latino da America.

Director: Ernest Martinenche
Charles Lesca

Redactor-chefe: Ventura Garcia Calderon

Principaes collaboradores:

Mmes. Collete, Gérard d'Houville, Mathieu de Noailles et Rachilde. Mgr. Baudrillat, MM. Maurice Barrès, Paul Bourget, Maurice Donnay, Henri de Regnier, da Academia Franceza, Coelho Netto, Graça Aranha, Luiz Guimarães, Magalhães de Azeredo, da Academia Brasileira, Marius André, Antoine, Paul Appell, Jacques Bainville, Jean Aubry, Hugo Barbagelata, F. L. de la Barra, Julien Benda, Luis Bertrand, Henri Bidou, Dominique Braga, Docteur Capitan, Armando Chirveches, Pedro Emilio Coll, Max Daireaux, Amiral Degouy, Pierre Denis, Luiz Delluc, Georges Dumas, Georges Duhamel, Goffredo d'Escragnolle Taunay, Affonso d'Escragnolle Taunay, Engel de Estrada, Claude Farrère, Paul Fort, Francisco Garcia Calderon, Fed. Garcia Godoy, André Gide, Gomez de la Serna, Georges Herelle de Homem Christo, Juan de Ibarborou, Lugné Poe, Leopoldo Lugenes, Charles Maurras, Camille Mauclair, Francis de Miomandre, Gabriella Mistral, E. Ortiz Echague, Jean Peres, Edmond Pilon, Docteur Ramond, Affonso Reyes, Carlos Reyles, Jules Romain, J. H. Rosny, Rainé, Goffredo Telles, André Salmon, Albert Thibaudet, André Weiss, Gonzalo Zalumbide, A. Zerega Fambona, Cesar Zumeta, etc., etc.

Assignaturas para o estrangeiro:

Anno 42 frs. - Semestre 22 frs.

Redacção e Administração:

Rue Scribe, 2 - PARIS - (França)

Ultimas Edições da Casa

Monteiro Lobato & C.

III

| | |
|--|--------|
| MONTEIRO LOBATO — <i>Onda Verde</i> , 2. ^a edição | 4\$000 |
| <i>A menina do narizinho arrebitado</i> , album, 2. ^a edição | 3\$500 |
| <i>O Marquez de Rabicó</i> , album 1. ^a edição | 2\$000 |
| <i>Negrinha</i> , contos, edição popular | 1\$500 |
| ALBERTO SEABRA — <i>Higiene e tratamento homeopathico das</i> <i>doenças domesticas</i> , encadernado | 8\$000 |
| <i>Phenomenos psychicos</i> , estudos | 3\$000 |
| ALOYSIO DE CASTRO — <i>Palavras de um dia e de outro</i> , allocuções | 4\$000 |
| RIBEIRO COUTO — <i>O crime do estudante Baptista</i> , contos | 4\$000 |
| RAOUL POLLILO — <i>A dança do fogo</i> , romance | 5\$000 |
| MENOTTI DEL PICCHIA — <i>O Homem e a Morte</i> , romance | 4\$000 |
| LEOPOLDO PEREIRA — <i>S. Paulo nos tempos coloniaes</i> , tradu- cção da obra de Saint-Hilaire | 4\$000 |
| CHRYSANTHÉME — <i>Gritos femininos</i> , contos | 4\$000 |
| MUCIO DA PAIXÃO — <i>Typos, curiosidades, exquisites dos ho-</i> <i>mens celebres</i> | 3\$000 |
| SERAPHIM FRANÇA — <i>Cantos da linda terra dos pinheiros</i> , versos | 3\$000 |
| PEDRO SATURNINO — <i>Grupiaras</i> , versos | 3\$000 |
| LEONARDO PINTO — <i>Conjunções</i> , edição escolar | 2\$500 |
| LUCILO VAREJÃO — <i>De que morreu João Feital</i> , romance | 4\$000 |
| LIMA BARRETO — <i>Vida e Morte de Gonzaga de Sá</i> , do grande escriptor ha pouco fallecido | 2\$000 |

Rua dos Gusmões, 70

CAIXA 2-B - S. PAULO

Acaba de sair :

O BRASIL DE OUTRORA

luxuosa edição encadernada, com cerca de 400 paginas.
E' um trabalho de real valor historico, organizado pelo

Professor ASSIS CINTRA

Preço 25\$000

Pedidos aos Editores :

Monteiro Lobato & Cia. - Rua Gusmões, 70 - São Paulo

LOTERIA DE S. PAULO

Terça Feira, 30 de Janeiro

20:000\$000

Por 1\$800

Os bilhetes já estão á venda
em todas as casas lotericas

Novidade Litteraria

O PALANQUIM DOURADO

romance de MARIO SETTE com ilustrações
de Wasth Rodrigues. — Edição do Centenario

Preço do volume em papel optimo, capa illustrada ... 5\$000

A' Venda na Revista do Brasil.

Byington & Cia.

Engenheiros, Electricistas, Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES
FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES
ABATJOURS, LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS
SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEOS
VENTILADORES

PARA RAIO
FERROS DE ENGOMMAR

LAMPADAS
ELECTRICAS 12 WATT

ISOLADORES
TELEPHONES

Estamos habilitados para a construcção de Installações Hydro-Electricas completas, Bondes Electricos, Linhas de Transmissão, Montagem de Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & Co.

Telephone, 745 - Central --- S. PAULO
LARGO DA MISERICORDIA No. 4

REVISTA DO BRASIL

VOLUME XXII

JANEIRO — ABRIL DE 1923

ANNO VIII

S. PAULO - RIO

BRASIL

REVISTA

DO

BRASIL

DIRECTORES:

PAULO DA SILVA PRADO
MONTEIRO LOBATO

REDACTOR

SECRETARIO:

JULIO CESAR DA SILVA.

ESTA revista inicia com este numero o seu oitavo anno de existencia. Para uma publicação deste genero, neste paiz, é já uma vida longa. Outras, mais brilhantes, ou mais ambiciosas e audazes, têm succumbido logo ao nascer, abafadas pela indifferença ou hostilidade do meio ambiente.

A nossa, pela paciencia e tenacidade, e tambem pelo alargamento espantoso da propaganda em favor do livro brasileiro que promovem os seus editores — vive e prospera no seu modesto canto de provincia.

Agora, para acompanhar a vida rapida e cambiante desta epoca e desta terra, se apresenta a “Revista do Brasil” como que transformada, com um novo aspecto, e com a collaboração de uma nova direcção. E’ sempre a mesma publicação que tantos favores tem merecido do publico que lê, mas com outros elementos, que podem talvez completar a obra brilhante do passado, e num anseio de renovação, escapar á lamentavel velhice, que tanto desfigura e enfeia os homens, as cousas e os livros.

Si quizessemos, á nossa moda, redigir um programma eloquente, como qualquer presidente de repu-

blica ou ministro novato, diríamos que, nesta nova phase, a "Revista do Brasil" tratará de tudo que interesse á vida do paiz nos dominios do pensamento e da acção, em referencia ao seu passado, ou ao seu presente, e sempre com a preocupação de tudo reportar ao ponto de vista brasileiro.

Diríamos a nossa ambição de tornal-a assim, como as revistas inglezas e americanas, factor vivo e intelligente do que nesses paizes se chama — a opinião publica, e que tanto se refere ao recente livro de versos, ao "ultimissimo" quadro de pintura moderna, ou á determinação positiva de um facto historico, como á praga do cafeeiro, á lei do Banco Emissor ou ao caso do Rio Grande do Sul.

Diríamos finalmente o nosso desejo de abrir as paginas desta publicação aos que nos honrarem com a sua cooperação, na mais absoluta liberdade de pensamento e de expressão, que só pode offender e irritar os que se deshabituarão de cousa tão sagrada entre gente livre e culta.

Diríamos tudo isso, e mil outras promessas, que a imaginação — professora de erro, mas muito desta terra — bordaria com carinho e enthusiasmo para enganar nosso e dos leitores.

Não será melhor — e mais honesto — que o nosso programma se realise primeiro, e que peçamos os applausos — depois?



HOMENAGEM A “LA NACION,”

Um grupo de intellectuaes brasileiros tomou a iniciativa de promover uma homenagem ao grande órgão argentino. Foi redigida a moção abaixo, que receberá as assignaturas de todos quantos desejarem contribuir para essa demonstração de sympathia, podendo os interessados dirigir-se á “Revista do Brasil”.

DE longa data vem demonstrando “La Nacion” suas claras sympathias pelo Brasil. Fundada por Bartholomeu Mitre, nosso companheiro d’armas no drama do Paraguay e nosso amigo de toda a vida, conserva-se a grande folha fiel ao espirito do seu fundador. Jamais se afastou uma linha do fecundo programma da amizade, por mais que lhe crepitasse em torno o fogo da animadversão racial.

Dizemos racial, conscientemente. A hostilidade entre os dois paizes não passa de vaga resonancia do passado ethnico. Filhos de hespanhoes e lusos, irmãos que na peninsula se hostilizaram sempre, herdamos desses avós o máu sentimento, surdos á voz da razão. Dizia-nos esta: se lá houve motivos de choque, não os ha aqui, e tal sentimento, lá justificavel, entre nós frisa o pueril.

Muito proximos estavamos, entretanto, dos troncos de origem. Era natural que bem viva lhes sentissemos a malefica influencia, como é natural que com o decurso do tempo de todo venha ella a extinguir-se.

Assim terá de ser, fatalmente, pela obra lenta dos annos, associada á acção benefica dos altos espiritos comprehensivos.

Foi Mitre um destes altos espiritos comprehensivos e por obra sua poudo "La Nacion" traçar para connosco a linha serena da sympathia carinhosa.

Compete-nos, portanto, significar ao velho jornal amigo o nosso mais alto apreço. Prova de sympathia que já tarda, nenhum momento é mais opportuno do que este, em que celebramos o centenario da nossa independencia.

E fazemol-o de maneira bem simples: offertando á "La Nacion" um busto de Machado de Assis.

E' Machado a figura maxima das nossas letras. Alem disso, em nenhum espirito brasileiro desabrochou mais opulenta a flor da suprema comprehensão.

Vá elle, pois, em effigie, dizer aos argentinos que tambem nós preferimos a oliveira á cizania, e que tambem sabemos sobre-pôr aos echos remotos da voz do sangue a clara serenidade da razão.

(assignado)

MONTEIRO LOBATO, CARLOS DE LAET, AMADEU AMARAL, RUY BARBOSA, AFRANIO PEIXOTO, ALBERTO FARIA, HUMBERTO DE CAMPOS, AUGUSTO DE LIMA, MARIO DE ALENCAR, ALOYSIO DE CASTRO, CONDE DE AFFONSO CELSO, ALCIDES MAYA, JOÃO RIBEIRO, SILVA RAMOS, FELIX PACHECO, LAURO MULLER, A. AUSTREGESILO, LUIZ MURAT, COELHO NETTO, J. M. GOULART DE ANDRADE, ALBERTO DE OLIVEIRA, ATAULPHO DE PAIVA, OSORIO DUQUE ESTRADA, XAVIER MARQUES, FERNANDO MAGALHÃES, GILBERTO AMADO, ADELMAR TAVARES, MENOTTI DEL PICCHIA, OSWALDO DE ANDRADE, BRENNO FERRAZ, LÉO VAZ, GASTÃO CRULS, GUSTAVO BARROSO, BASTOS TIGRE, RENATO VIANNA, J. M. TOLEDO MALTA, ENÉAS FERRÁS, ALVARO MOREYRA, VIRIATO CORRÊA, JORGE JOBIM, THÉO—FILHO, AUSTREGESILO DE ATHAYDE, A. J. PEREIRA DA SILVA, MUCIO LEÃO, RODOLPHO JOSETTI, ARISTIDES RABELLO, PONTES DE MIRANDA, AFFONSO LOPES DE ALMEIDA, RODRIGO OCTAVIO FILHO, BARBOSA LIMA SOBRINHO, MARIO FERREIRA, RODRIGO MELLO FRANCO, JULIO CESAR DA SILVA.



UM HOMEM HONESTO

— Excelente creatura! D'alli não vem mal ao mundo. E honesto, ah! honesto como não existe outro!...

João Pereira trabalhava numa repartição publica. Estivera a principio num tabellionato, e depois no commercio, caixeiro do emporio "Ao Imperador dos Borzeguins".

O emporio deixou por discordancia com a technica commercial do imperante, que toda se resumia no lemma velhissimo: gato por lebre. E deixou o cartorio por não conseguir augmentar com extras o lucro legal do honradissimo tabellião. Atinha-se ao regimento de custas, o ingenuo, como se aquillo fôra a taboa da lei de Moysés — coisa sagrada.

Na repartição metter-se amanuense, havia já dez annos, sem conseguir nunca mover passo á frente. Ninguem se empenhava por elle e elle — por honestidade, não orgulho — era incapaz de recorrer aos expedientes promonitorios, com tanta efficacia empregados pelos collegas.

— Quero subir por merecimento, legalmente, ho-nes-ta-mente! costumava dizer, provocando risinhos piedosos aos que "sabem o que é a vida."

— Has de colher bom proveito, redarguiam os finorios, pensando lá comsigo: que imbecil!

João Pereira casara cedo, por amor — não comprehendia outra fôrma de casamento — e já tinha duas filhas mocetonas. Como fosse sobremaneira curto o seu ordenado, remediava-se a pequena familia com a renda complementar dos trabalhos caseiros. Dona Maricota fazia doces, as meninas bordavam — e lá empurravam a vida, a pulso.

Eram felizes. Felizes, sim. Nenhuma ambição os atormentava e o ser feliz reside menos na riqueza do que nessa conformidade discreta d's humildes.

— H'ja saude que vae tudo muito bem, era o moto de João Pereira e dos seus.

Mas veiu um telegramma...

Em casa de pobre, telegramma é acontecimento de monta e traz sempre desgraça. Quando o estafeta bate á porta e entrega o papelucho esverdeado, os corações batem.

— Que será, santo Deus?

Não annunciava desgraça, aquelle. Um tio de João Pereira, residente no interior, convidava-o para servir de padrinho no casamento de uma filha.

A distincção era inesperada e Pereira, agradecido, foi. E foi de segunda classe, naturalmente, porque nunca viajara de primeira, nem podia.

Bem recebido, apesar da sua roupa preta fóra da moda, funcionou gravemente de testemunha, disse aos nubentes as graças do costume, comeu os doces da festa e no dia immediato se fez de volta.

Acompanharam-no á estação o tio e os noivos, amaveis e contentes, mas protestaram, á uma, ao vel-o metter sua maleta num carro de segunda.

— Não admittimos!... Tem que ir de primeira.

— Mas, se já comprei o bilhete de volta...

— E' o de menos, contraveiu o tio. Mais vale um gosto do que quatro vintens. Pago a differença. Tinha graça!...

E comprou-lhe o bilhete verde, sacudindo a cabeça:

— Este João...

João Honesto, assim forçado, pela primeira vez na vida embarcou em vagão de luxo. O conforto do *Pullman*, mal o trem partiu, levou-o a meditar sobre as desigualdades da vida.

A conclusão foi dolorosa. Verificou que é a pobreza o maior de todos os crimes, ou, pelo menos, o mais severa e implacavelmente punido.

Aqui, por exemplo — reflectia — neste vagão dos ricos: poltronas de plumas, boas molas no *truck*, asseio meticoloso, janelas amplas, criado ás ordens. Tudo pelo melhor.

Já nos carros para pobres, o reverso, demonstrando tudo o proposito de castigar com requintes de crueldade o crime de pobreza dos que nelles embarcam.

Nada de molas nos *trucks*, para que o rodar, aspero, solavancado, faça padecer a carne humilde dos pobres. Nos bancos de taboa dura, nem sequer um boleio que favoreça o repouso das nadegas. Tudo recto, anguloso. E feitos de taboinhas estreitas, separadas entre si, de modo a martyrizar o corpo. O espaldar — uma taboa a prumo — vae só até meia altura, negando assim a esmolinha d'um apoio á triste cabeça do "sentado". Bancos, em summa, que dão a idéa de terem sido estudados pacientemente por grandes technicos da judiaria, com o fim de obter o minimo de commodidades no maximo de possibilidades torturantes.

As janellas, sem vidraças, só de venezianas, parecem ageitadas com o duplo fito de impedir o recreio dos olhos na paizagem e de canalizar para dentro todo o pó de fóra.

Nada de lavatorios: o pobre deve ser mantido na sujeira.

Agua para beber? Vá ter sede na casa do senhor seu sogro!

João sorriu. Veiu-lhe á idéa um "melhoramento" escapo á sagacidade dos technicos: encanar para dentro dos vagões de segunda a fumaça quente da locomotiva.

-- Incrível que não tenham pensado nisso ainda!...

Lembrou-se, depois, dos theatros, e viu que é lá a mesma coisa. As torrinhas são construidas de geito a manter viva na consciencia do espectador sua odiosa condição de criminoso.

— E's pobre? Toma! Aguenta a dor de espinha do banco sem espaldar e resigna-te a não ver nem ouvir o que vae pelo palco.

João Pereira inda filosofava estas desconsoladoras filosofias, quando o trem chegou.

Desembarcaram todos — á rica, pacote e males por mãos de solicitos carregadores. Só elle conduzia a sua, pequenina mala barata, de papelão a fingir couro.

Sahiu. Na rua, porem...

-- Diario P'ular, Platéia...

...lembrou-se do jornal comprado em caminho e esquecido no carro.

Não vale nada um jornal lido? Vale, sim, e tanto que Pereira voltou depressa a buscal-o. Sempre é um bocado mais de papel na casa...

Ao penetrar no *Pullman* vazio tropeçou num pacote cahido ao chão.

— Não sou eu só o esquecido! reflectiu elle, apanhando-o.

Que seria? A curiosidade não é privilegio das mulheres e João apalpou o pacote, cheirou-o e por fim rasgou de leve um canto do envolucro.

— Dinheiro!

Era dinheiro, muito dinheiro, um pacotão de dinheiro!

Pereira sentiu um tremelique d'alma e corou. Se o vissem naquelle momento, sózinho no carro, com o pacote a queimar-lhe as mãos... "Péga o larapio!"

Pereira esqueceu o jornal e partiu incontinentemente á procura do chefe da estação.

— Dá licença?

O chefe interrompeu o serviço que lhe prendia a atenção, olhou-o com displicencia e disse:

-- Que quer? Ande depressa...

-- Encontrei num carro do expresso este pacote de dinheiro.

A' magica voz de dinheiro o homem perfilou-se e, arregalando os olhos, num dos bons assombros da sua vida, exclamou, pathetico:

-- Dinheiro!?!...

— Sim, dinheiro, confirmou João. Num carro do expresso. Voltava de Hymenopolis, e ao desembarcar...

— Deixe ver, deixe ver...

João depoz sobre a mesa o pacote. O chefe, com os oculos erguidos para a testa, desfez o amarrilho, desembulhou o bolo e assombrado viu que era na verdade dinheiro, muito dinheiro, um dinheirão!

Contou-o, com dedos commovidos.

— Tresentos e sessenta contos!

Pasmou. Encarou a fito o homem sobrenatural. Abriu a bocca. Depois, erguendo-se, disse, em tom sincero, extendendo-lhe a mão:

-- Quero ter a honra de apertar a mão do homem mais honesto que jamais topei na vida. O senhor é a propria honestidade sob forma humana. Toque!

João apertou-lh'a, com humildade, e tambem a de outros auxiliares que se haviam approximado, curiosos.

— O seu caso, continuou o chefe, marcará epoca. Ha trinta annos que sirvo aqui e nunca tive noticia de coisa identica. Dinheiro perdido é dinheiro sumido. Só não é assim quando o encontra um — como é seu nome?

— João Pereira.

— Um João Pereira, o Honrado. Toque de novo!

João foi para casa nadando em delicias. A virtude tem suas recompensas, deixem falar, e a consciencia d'um acto d'aquelles provoca n'alma um ineffavel estado de extase. João sentia-se muito mais feliz do que se tivera no bolso, suas para sempre, aquellas tres centenas de contos.

Em casa narrou o facto á mulher, minuciosamente, sem indicar, todavia, o *quantum* achado.

— Fez muito bem, approvou a esposa. Pobres, mas honrados. Um nome limpo vale mais do que um sacco de dinheiro. Mas quanto havia no pacote?

— Tresentos e sessenta contos.

A mulher piscou seis vezes, como se lhe jogaram areia aos olhos.

— Quan... quan... quanto?

-- Tre-sen-tos e ses-sen-ta!

Dona Maricota continuou a piscar, offuscada. Depois, arregalou os olhos e abriu a bocca. A palavra dinheiro nunca lhe suggeria a idéa de contos. Pobre que era, dinheiro significava-lhe cem, duzentos, no maximo quinhentos mil reis. Ao ouvir a historia do pacote, imaginou logo que se trataria ahi d'uns centos de mil reis apenas. Quando, porem, soube que a somma attingia a vertigem de tresentos e sessenta contos, soffreu o maior abalo da sua vida. Esteve uns momentos estarecida, com as idéas fóra do lugar. Depois, voltando a si de salto, avançou para o marido, num accesso de colera hysterica, agarrou-o pelo collarinho, sacudiu-o.

— Idiota! Tresentos e sessenta contos não se entregam nem á mão de Deus Padre! Idiota! Idiota! Idióóóó...

E cahiu numa cadeira, tomada de choro convulso.

João pasmou. Seria possivel que morasse tantos annos com aquella creatura e ainda lhe não conhecesse a fundo a alma? Tentou explicar-lhe que seria absurdo variar de proceder porque va-

riava a quantia, que tanto é ladrão quem furta um, como quem furta mil; que a moral...

Mas a mulher o interrompeu com outra série de "idiotas", esganiçados, hystericos, e retirou-se para o quarto, descabellando-se, louca de desespero.

As filhas estavam na rua. Quando voltaram, e souberam do caso, puzeram-se incontinente ao lado da mãe, furiosissimas contra a *tal honestidade* que lhes roubava uma fortuna.

— Você, papae...

João quiz impor a sua autoridade paterna, ralhou e fel-as ver como era indecoroso pensar de semelhante maneira.

Foi peor. As meninas riram-se, escarninhas, e deram de suspirar com o pensamento posto na vida de regalos que teriam se o pae...

— Automovel, um *bungalow* em Hygienopolis, meias de seda...

--- ...com baguettes...

— ...chapeus de Mme. Lucille, vestidos de tafetá..

— Qual, tafetá! Seda *lammée*...

— Meninas! esbravejou Pereira. Eu não admitto!...

Ellas sorriram com ironia e retiraram-se da sala murmurando com desprezo:

— Coitado! Até dá dó...

Aquelle nunca imaginado desrespeito magoou-o inda mais do que a repulsa da mulher. Pois que? Terem aquella recompensa uma vida inteira de virtudes e sacrificios e um culto severo da honra? Insultos da esposa, censura e sarcasmo das filhas? Teria, acaso, errado?

Verificou que sim. Errara num ponto. Devera ter entregue o dinheiro em segredo, de modo que ninguem viesse a ter noticia do caso. Mas, quão longe estava de suppor que...

Os jornaes do dia seguinte trouxeram notas sobre o grande acontecimento. Louvaram com calor aquelle "gesto raro, nobilissimo, denunciador das altas qualidades moraes que alicerçam o caracter do nosso povo."

A mulher, durante o almoço, leu a noticia em voz alta, e, como não houvesse sobremesa, disse á filha:

— Leva, Candoca, este elogio ao armazem e vê se nos compras com elle meio kilo de marmelada.

João encarou-a com uma tristeza infinita. Não disse palavra. Ergueu-se, tomou o chapéu e saiu.

Na repartição consolou-se. Receberam-no com parabens e louvores.

— O teu acto é daquelles que nobilitam a especie humana, disse, dando-lhe a mão, um companheiro. Toque!

Pereira apertou-lh'a, mas já sem commoção nenhuma.

Rodearam-no todos, curiosos de saber por miudo como fôra a coisa.

— Muito simples, respondeu com seccura. Encontrei um pacote de dinheiro que não era meu e entreguei-o, ahi está.

— Ao dono?

— Não. A um chefe, lá...

— Muito bem, muito bem. Mas, escuta cá: não devias ter entregue o dinheiro antes de saber a quem pertencia.

— Perfeitamente, acudiu um outro. Antes de saber a quem pertencia e antes que o dono o reclamasse...

— ...e provasse — pro-vas-se — que era d'elle, concluiu um terceiro.

João irritou-se.

— Mas que é que tem vocês com isso? Fiz o que a minha consciencia ordenou, e prompto! Não comprehendo essa meia-honestidade... Ora bolas!

— Não se abespinhe, amigo! Estamos dando a nossa opinião sobre um facto publico, que os jornaes noticiaram. Você hoje é um caso, e os casos debatem-se.

O chefe da secção entrou nesse momento. A palestra cessou. Cada qual foi para sua mesa e João absorveu-se no trabalho, de cara amarrada e coração pungido.

A' noite, na cama, já mais conformada, dona Maricota voltou ao assumpto.

— Você foi precipitado, João. Não devia ter tanta pressa em entregar o dinheiro. Porque não o trouxe primeiro aqui? Eu queria ao menos ver, pegar...

— Que idéa! "Ver, pegar"...

— Já contenta uma pé-rapada como eu, que nunca enxergou pellega de quinhentos. Tresentos e sessenta contos!...

— Não suspire assim, Maricota! Basta a scena de hontem...

— Impossivel. E' mais forte do que eu...

— Mas, venha cá, Maricota, fale sinceramente, fale de coração: acha mesmo que fiz mal procedendo honestamente?

— Acho que você devia ter trazido o dinheiro e devia consultar-me. Guardavamos o pacote e esperavamos que o dono o reclamasse — e que provasse — pro-vas-se! — que era delle...

— Dava na mesma. Esse dinheiro nunca seria meu, Maricota!...

— Ficava sendo. Mas, olha, João, você nunca pensou bem. Você não tem boa cabeça. E' por isso que vivemos toda a vida esta vidinha miseravel, comendo o pão que o diabo amassou...

— "Vidinha miseravel!"... Fomos sempre felizes, nunca percebemos que eramos pobres...

— Sim, mas percebo-o agora, porque só agora nos surgiu a ocasião de enriquecer. Foi uma sorte grande que Deus nos mandou.

— "Deus..."

— Deus, sim, e você o offendeu afastando-a com o pé. Poderíamos estar ricos, fazendo caridade, beneficiando os doentes... Quanta cousa! Mas a *tal honestidade*...

— "A tal honestidade!..."

— Sim, sim! Tudo tem conta na vida, homem! Ladrão é quem furta um; quem pega mil é barão, você bem sabe. Os seus companheiros: o Chicão, que começou com você, no cartorio, já ronca automovel e tem casa.

— Mas é um gatuno!

— Gatuno, nada! O Claraboia, esse já tem fabrica de chapéus. O são Miguel — até quem, meu Deus! — comprou outro dia um terrenão em Villa Marianna.

— Mas é um passador de nota falsa, mulher!

— Passador de nota falsa, nada! Tem boa cabeça, é o que é. Não vae na onda. Não é um trouxa como você!

E não teve mais arranjo a vida do homem honrado. Adeus, paz! Adeus, concordia! Adeus, humildade! a casa tornou-se-lhe um inferno. Só ouvia suspiros, queixas, palavras duras. Perdeu a esposa. Não conseguia reconhecer a meiga companheira de outróra na creatura amarga, irreductivel de idéas, que a visão dos tresentos contos deflagrara.

E aquelle côro que com ella faziam as meninas, sempre ironicas, ferinas...

— O vestido da Climene custou quinhentos mil reis. Quando teremos um assim?

— Pois, olhe, ás vezes a gente *acha* na rua vestidos assim, não um, mas centenas...

— Que adeanta? *Acha*, mas *desacha*...

E suspiros.

Tambem na repartição foi-se-lhe o socego. Todos os dias torturavam-no com allusões, indirectas ironicas.

Certa vez um dos collegas disse logo ao entrar:

— Sabem? Encontrei na rua um lindo broche de brilhantes.

— E levaste-o logo ao *chefe*, digo, ao Gabinete dos Objectos Achados...

— Não sou nenhum trouxa! Levei-o sim ao prego. Deu-me tresentos e sessenta mil reis, e desde já vos convido a todos para uma vasta farra no domingo proximo.

E voltando-se para João, com piscadelas aos companheiros:

— Vae tambem, sêo Pereira?

O martyr não respondeu, fingindo-se absorto no trabalho.

— Não dá a honra!... E' um homem honééééésto... Raça privilegiada, superior, que não se mistura, que não liga... Pois vamos nós, beber á bessa, beber o broche inteirinho! Nem todos nascem com vocação para santo do calendario...

E o peor foi que desde o malfadado encontro João Pereira entrou a decahir socialmente. Parentes e conhecidos deram de fazer pouco caso no "trouxa". Se alguém lhe lembrava o nome para algum negocio, era fatal um sorrisozinho de piedade.

— Não serve, o João não serve. E' um coitado...

Convenceram-se todos de que João Pereira não era "um homem do seu tempo". O segredo de todas as victorias está em ser um homem do seu tempo...

Seis mezes depois o descalabro em casa era completo. Perdida a alegria dos bons tempos, dona Maricota azedara de genio. Vivia num desanimo, lambona, descuidada dos affazeres domesticos, sempre aos suspiros.

— Para que lutar? Nunca sahiremos disto... As occasiões não apparecem duas vezes e quem deixa de agarral-as pelos cabellos, está perdido.

Aquelle desleixo aggravou a situação financeira da casa. Todos os encargos recahiam agora sobre os hombros do chefe, cujo ordenado não augmentava.

João enojou-se da vida e perdeu o animo de viver-a até o fim. Desejou a morte e acabou pensando no suicidio. Só a morte poria termo áquelle martyrio de todos os momentos, excessivo para uma alma bem formada como a sua.

Um dia o proprietario do predio suspendeu o aluguel. Dona Maricota deu-lhe a noticia, cheia de indiferença.

— Esteve cá o homem da casa e disse que do proximo mez em diante são mais cincoenta...

— ??

— Mais cincoenta mil reis, alli, na ficha! Ou, então, olho da rua!

— Mas é uma exploração miseravel! exclamou Pereira, revoltado. A casa é um pardieiro e nós não podemos, positivamente não podemos...

— Pois é. E quando uns diabos destes perdem pacotes — porque você bem sabe que só elles possuem pacotes para perder — inda apparece quem lh'os restitua... Você está vendo agora como elles formam os taes pacotes. Arrancando o pão da bocca duns miseraveis como nós, dos *honestos*...

— Pelo amor de Deus, Maricota, não me fale mais assim que sou capaz d'uma loucura!...

— Está arrependido? Está convencido de que foi um tolo? Pois quando encontrar outro pacote faço o que todos fariam: metta-o no bolso. Quem rouba a ladrão tem cem annos de perdão.

Estavam á mesa, sozinhos, tomando o magro café da noite.

— E você ainda não sabe de uma cousa, continuou ella, depois d'uma pausa, como indecisa se contaria ou não.

— Que é?

— Disse-me hoje a Ignezinha que você anda por ahi de appellido ás costas...

— Quê?

— João Trouxa! Ninguem diz mais João Pereira...

O martyr ergueu-se de golpe, lançado por violento impulso interno.

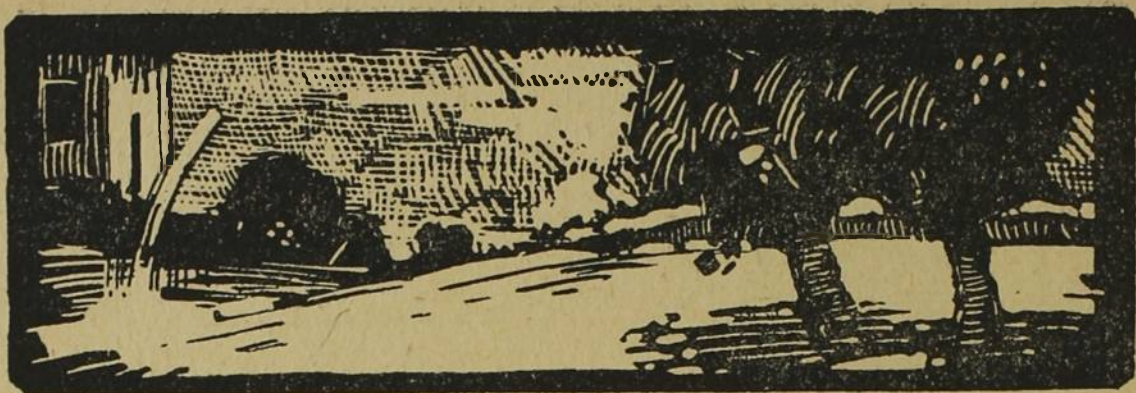
— Basta! exclamou, num tom de desvario que assustou a esposa, largando a chicara, de chofre e retirando-se para o quarto, precipitadamente.

Dona Maricota, resabiada, susteve a sua caneca a meio caminho da bocca. E assim ficou, suspensa, immovel, até que tombou para traz, desmaiada.

Reboara um tiro no quarto de dormir...

MONTEIRO LOBATO.





NOTAS SCIENTIFICAS.

A PROPOSITO DE UM ARTIGO MEDICO SOBRE SOROR MARIANNA.

EM fins de Outubro de 1915, num theatro de Lisboa, uma senhora, quando se representava pela primeira vez a "Soror Marianna", de Julio Dantas, antes do panno descer, de pé, gritou cheia de indignação: "E' mentira! é mentira!"

O episodio é narrado pelo proprio autor da peça no prefacio que della faz. Julio Dantas é tambem medico; a arte de escrever entre os esculapios é muito mais commum do que se suppõe. Actualmente entre nós ha o caso do sr. Afranio Peixoto e assim acontece por todo o mundo. Richet, uma das maiores autoridades em physiologia, sciencia essa que, como se sabe, exige experimentação, apresentou-se num concurso de poesia sob pseudonymo irreconhecivel. A commissão julgadora, composta de notaveis poetas, ficou surprehendida quando verificou o verdadeiro nome do autor da poesia que alcançou o primeiro premio descrevendo em versos inspirados a vida de Pasteur.

Na Allemanha o nome de Much acode logo que se comece a falar em taes exemplos. Sem o querer, lá ia eu perdendo o fio do meu raciocinio ou, por outra, estava sendo arrastado para um campo distante do ponto de que partira.

Falava eu de Soror Marianna, apaixonada freira que escreveu as celebres cartas de amor ao tenente Chamilly. Não sei porque, o protesto vibrante da senhora portugueza, provavel descen-

dente da Heloisa luzitana, ficara-me na memoria como um protesto, inutil embora, contra uma corrente de opinião vencedora e, no entanto, talvez falsa.

Havia lido as cartas de Marianna Alcoforado escriptas em 1665 a Noel Bouton, Conde de Chamilly de Saint-Leger, em uma edição barata, creio até que brasileira. Entretanto, aquelle brado "E' mentira, é mentira!" não me sahia da memoria. Eis senão quando depara-se-me em numero recente da revista portugueza "Archivo de Medicina Legal", o importante estudo que enche de erudição as paginas escriptas sob o titulo de: "Masochismo psychico de Soror Marianna Alcoforado", da lavra do prof. Asdrubal Antonio d'Aguiar. Trata-se de um trabalho exhaustico, onde o illustre medico convence o leitor de que Marianna Alcoforado é de facto uma masochista psychica, isto é, sente prazer no soffrimento comtanto que este se origine do sêr amado.

Ninguém tinha estudado o caso de Soror Marianna sob este aspecto e as pesquisas do illustre professor portuguez têm incontestavel cunho de originalidade.

"Agora está definido o caso pathologico" como escrevera Oliveira Martins a Luciano Cordeiro, o grande monographista da apaixonada monja. O capitulo, porém, em que Asdrubal d'Aguiar estuda o curioso feitio de Masoch que apparece nas novellas e cartas escriptas por Von Sacher-Masoch e dirigidas a Wanda, typo que deu origem a que Krafft Ebing creasse, com o neologismo, o caso pathologico, é verdadeiramente convincente. Ha evidentemente uma superposição de phenomenos e a identificação está feita.

Ao lado, porém, do aspecto scientifico de tão interessante episodio literario de Portugal, ha outro que me attrahiu a attenção tanto ou mais que o caso clinico; foi o da authenticidade das cartas escriptas pela primeira vez em francez, pois o amante fel-as traduzir.

Na monographia de Asdrubal d'Aguiar, tudo quanto se relaciona com Soror Marianna é estudado eruditamente; as obras consultadas pelo autor sobre a materia elevam-se a quasi oitenta. E' mais uma vez, ao terminar a leitura de tão interessante trabalho, lembrei-me do revoltado protesto da dama lisboeta na noite da primeira representação da "Soror Marianna". Procurei, então, ler o pesquisador que mais aprofundou a historia de Marianna Alcoforado e, apesar deste e de Asdrubal d'Aguiar e a grande maioria de escriptores portuguezes que estudaram o assumpto, eu me inclino muito mais a opinar com os grandes Camillo e Herculano que as cartas são apocriphas.

Conta-se de Herculano que, por ocasião do encontro que

tivera com o nosso Pedro II, ao ser cumprimentado pelo involvidavel monarcha, referindo-se este ao "Monge de Cistér", pronunciara a palavra erradamente, senão, que Herculano não perdoou, corrigindo a syllabada do nosso Imperador embora o fizesse com o maior acatamento. Tal era em Herculano o respeito pela verdade e tanto temia o erro que, mesmo correndo o perigo de ser taxado de irreverente ou inconveniente, não trepidou em emendar seu augusto visitante.

Ha entre todos os povos, factos lendarios que palpitam até hoje e justamente me ocorre a bellissima pagina escripta por Bilac, da Suissa, a respeito de Guilherme Tell cuja existencia, destruida pelos sabios, continua até hoje estuante de força e de vida.

A opinião do solitario de Val de Lobos em assumptos concernentes á historia portugueza impressionou-me muito mais que a copiosa literatura escripta sobre a materia. Quem se recordar da coragem ou melhor do rigoroso determinismo que presidiu á confecção da Historia de Portugal, como prova a opinião que sustentou a proposito da batalha do Campo do Ourique, ficará hesitante quanto á authenticidade das referidas cartas.

E Camillo, o grande mestre da lingua, sentiu que o pensamento não era portuguez quando diz: "O torneio, a indole e a contextura da phrase recende a olorosas meiguices do genero epistolar francez." A cerrada argumentação de que Luciano Cordeiro se serve na segunda edição de "Soror Marianna a Freira Portugueza", vinda a lume em 1888, está longe de eliminar as duvidas. A mim, porém, pouco interessa a polemica a tal respeito; attrahiu-me muito mais a attenção a epigraphe do trabalho de Asdrubal d'Aguiar: "...dor que os seios d'alma dilacera... mas dor que tem prazeres" excepto da "Saudade" do "Camões" de Garret. Isto agora é sério; o autor enquadra o vocabulo saudade e o sentimento que elle desperta, como manifestação masochista. Não terá ido longe demais o illustre medico portuguez? Penso que sim.

Acredito que um escriptor de imaginação poderia ter escripto pela freira de Beja as celebres epistolas. A narrativa da aventura amorosa do official francez foi estylisada, talvez, por um dos traductores Cuilleraque ou Subligny.

Modernamente, Rostand estylisou "Cyrano de Bergerac" de maneira inexcédível e fal-o dizer a Roxane declarações arrebatadoras em versos soberbos, proesa de que seria incapaz o autor da "Viagem á Lua".

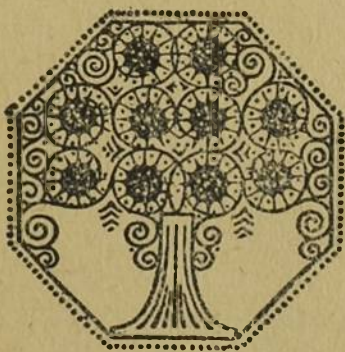
Em 1917 o dr. Ribeiro do Valle apresentou á Faculdade de Medicina do Rio uma valiosa these intitulada "Psychologia Mor-

bida na obra de Machado de Assis" e aquelle Rubião do "Quincas Borba", que é um caso classico de paralytico geral, foi descripto magistralmente em toda a symptomatologia pelo autor do Yayá Garcia. No entanto, o mal de que soffria o romancista era de natureza bem diversa. Neste campo os homens de letras têm operado prodigios de intuição. Os personagens de Ibsen foram diagnosticados por Geyer, que os estudou rigorosamente, e o genial norueguez certamente não era portador de nenhuma das degenerações por elle descriptas.

Os psychiatras têm o máo vesu de descobrirem que os grandes escriptores fazem inconscientemente o auto-retrato através dos protagonistas das suas obras. Nem sempre é verdade; Mark Twain, por exemplo, era um misantropo, e Julio Verne, que poderia ser apontado como alguém que fosse tomado de delirio ambulatorio, creio que nunca sahiu de França e pouco se afastava da pacatez sedentaria em que habitualmente vivia.

Com os documentos que possui, o illustre scientista portuguez chegou a resultados verdadeiros; resta provar no entanto se o ponto de partida é exacto, e se a amorosa freira foi de facto a autora ou se o masochismo psychico, de que é accusada, não correrá por conta de editor Barbin que em 1668 deu publicidade ás apaixonadas missivas.

ARTHUR NEIVA.





COPA E COPO.

NAQUELLAS duas scenas de costumes da era de D. João I, occorridas uma na bodega escura e lodacenta frequentada por homens da plebe, outra na tavolagem de fidalgos e homens d'armas,, dá-nos o autor do *Monge de Cistér* não somente conta de successos importantes, mas ainda informações valiosas sobre as diversas vasilhas em que então se deitava o vinho.

Guardava-se, como ainda hoje, o apreciado liquido em pipas e toneis. D'ahi enchia o bodegueiro ou tavolageiro picheis, cangiões ou agomias e trazia estas vasilhas juntamente com as necessarias taças á mesa dos freguezes. As taças ou vasos de beber eram: para a gente do povo, malgas e concas feitas de barro, estanho ou pau, para os fidalgos, copas lavradas.

Na scena da tavolagem vemos que Lourenço Braz, bésteiro de cavallo, sabia respeitar os bons costumes e medir a distancia que ia de fidalgo a homem do povo. Os representantes da nobreza foram servidos cada qual com sua copa; o procurador do povo, convidado embora por elles a sentar-se á mesma mesa, teve de contentar-se com sua malga, que, por muito favor, seria de estanho.

“As copas ou taças no rigor da moda daquelle tempo”, explica A. Herculano, “eram de prata como o traste de mais luxo nas mesas, nem havia já nobre ou burguez abastado a quem faltasse ao menos uma copa lavrada.”

Naturalmente este genero de taças só era usado nas occasiões e lugares em que convinha exhibir o luxo; na vida intima, o bur-

guez abastado e o nobre bebião vinho ou agua servindo-se da malga como os outros mortaes.

Herculano menciona expressamente as agomias. E' facto de bastante interesse para philologos. Conhece-se o vocabulo em geral só no sentido de 'faca torta para dentro, usada pelos mouros, tam-bem chamada faca de fouce. Sebastião Dalgado, doutissimo investigador das palavras luso-asiaticas, não conhece agomia com outra accepção. Escapou-lhe a indicação de Herculano, bem como a nota de Viterbo, o qual primeiro apontou e provou a existencia do termo com a significação de vaso. Viterbo não só descreve a agomia ou gomia, mas ainda mostra haver differença entre ella e outro vaso denominado *gomil*.

No Glossario de vocabulos hespanhoes e portuguezes derivados do arabe, de Dozy e Engelmann, tudo quanto se diz do termo *gumia* ou gomia só se relaciona com a faca de fouce.

Copa tem hoje accepções diversas; a de vaso de beber cahiu em esquecimento depois que prevaleceu o emprego da forma masculina. O autor do *Monge de Cistér*, prevendo que o leitor não entenderia o termo sem recorrer ao Moraes ou ao Bluteau, teve o cuidado de lhe ajuntar o necessario esclarecimento: *as copas ou taças*.

Assim se denominavam ainda no seculo XVI os vasos de beber valiosos. O furto de um desses objectos dá motivo á menção frequente da palavra *copa* nos dialogos da comedia *Amphitryões*, do poeta portuguez: *Dai cá a copa que hontem vos dei. — Poder-me-ás negar, ladrão, que lhe dêste as novas minhas, e mais a copa que tinhas? — Eis aqui a copa vem, etc.* João de Barros (Dec. 1, 6, 4) refere: *Trazia um vaso de prata dourado a modo de copa*.

Podia a taça ter feitios differentes. Em Gaspar Correa, *Lendas da India* (1, 99) encontramos: *Tinha uma copa d'ouro de bordas largas*.

Porem pela mesma epoca concorria com o termo *copa* no feminino a forma masculina *copo* para designar igualmente taça ampla e de subido preço, como se deprehende dos seguintes passos de Fernão Mendes Pinto: *defronte destas tres mesas estavam tres aparadores da mesma maneira, com grande soma de porcelanas muito finas, e seis gomis de ouro muito grandes... trouxerão mais outras muitas peças, como forão pratos grandes, saleiros e copos tambem de ouro* (Peregrinação 1,278); *envoltorio em que vinhão muitos copos e jarros de prata e dous pratos muyto grandes* (ib. 2, 275).

Alem de serem de ouro e de prata, deviam estes copos ter

proporções respeitáveis, pois que aos olhos do autor da Peregrinação tudo apparece grandemente amplificado.

No correr do seculo XVII foi prevalecendo cada vez mais o uso da forma masculina e por fins deste seculo ou no começo do immediato teria cahido de todo em desuso a designação *copa* para o vaso de beber. Na Nova Floresta de Bernardes encontramos varias vezes a forma masculina.

Não imagine o leitor que as copas antigas só poderiam ser de metal, ouro ou prata. Havia-as tambem feitas de crystal. Domingos Vieira, depois de definir o vocabulo *copa* "antigamente calix, taça, copo", documenta: *Item huma copa de crystal que tem o pé de prata e sobrecopa dourados com finaleta.* etc.

A causa da preferencia dada finalmente á forma masculina não é facil de explicar. As copas tornaram-se mais modestas ou variaram de feitio. Mas isto não acarreta necessariamente a alteração de nome. Em Hespanha os vasos de beber são iguaes aos de Portugal e todos tiveram o mesmo passado; entretanto ainda hoje não se usa nesse paiz senão o vocabulo *copa* no feminino. O hespanhol tanto diz *una copa de champán*, como *una copa de agua* e *una copa de coñac*.

E' possivel que, passando a usar-se em Portugal o nome tambem em sentido colectivo, transferindo-se depois este sentido ao lugar onde as vasilhas se guardavam, a necessidade de fazer a distincção levasse a fixar a designação masculina para os vasos considerdos isoladamente.

A certos objectos de forma arqueada ou semi-espherica applicou-se, em Portugal como em Hespanha, por metaphora o nome *copa*.

Em *copa de arvore*, *copa de chapeu*, não creio que a denominação viesse directamente da semelhança que estes objectos têm com a taça invertida (abstracção feita do pé). Parece-me antes que o modelo seria a *sobre-copa* ou tampa, igualmente arqueada, que fazia parte de certas copas antigas. Não posso documentar o emprego de *copa* por *sobre-copa* na Ibero-Romania. Em francez o termo *coupe* adquiriu este sentido, como se pode ver na Encyclopedie de Larousse.

Copas no plural designa hoje um dos naipes das cartas de jogar. Deve-se o nome ás cartas italianas introduzidas outrora na peninsula iberica.

Traziam as figuras *coppe* (copas ou taças), *bastoni* (paus), *denari* (ouros) e *spade* (espadas).

Nas cartas francezas, posto que se substituíssem as taças por

corações (cœurs), os paus por trevos (trèfles) etc., conservaram-se todavia as denominações antigas.

Deriva-se a palavra *copa* do latim *cuppa*. Meyer-Lübke, no *Romanisches Etymologisches Wörterbuch*, filia a este termo feminino não somente os vocabulos romanicos *cupa*, *coppa*, *coupe*, *copa*, etc., mas ainda as formas masculinas *Kopo*, *copo*, *cop*. Eis aqui uma informação que deve escandalisar e desedificar profundamente a quem ainda não passou da velha cartilha que dava, com habilidades malabaristas, o latim *poculum* como etymo do nosso *copo*.

Meyer-Lübke nem sequer nomeia tal palavra em seu dictionario.

Do facto de haver em um idioma vocabulos com os dous generos para designar objectos não se segue necessariamente que procedam de etymos distinctos. Conhecem-se innumerous casos de diversificação effectuada no seio da propria lingua. Basta lembrar, para não ir muito longe, *caneca* e *caneco* que se originam de um termo germanico.

Cuppa, com tonica breve seguida de consoante geminada, era segundo Grandgent, *Intraduction to vulgar Latin*, uma variante dialectal do vocabulo *cupa*, com *u* longo, do qual procede fr. *cuve* e port. e hesp. *cuba*.

Meyer-Lübke entende que *cupa* se deve distinguir de *cuppa*, já por causa da forma do vocabulo, já por causa da significação. Parece entretanto hypothese aceitavel que o latim vulgar adoptasse a par da forma classica, uma forma dialectal que a principio derrotaria o mesmo objecto, mas depois se applicasse de preferencia ao vaso de beber cuja conformação lembrava esse objecto. Designaria o nome a taça de configuração semelhante á cuba, mais tarde a taça em geral.

Walde, *Lateinisches Etymologisches Wörterbuch*, não manifesta opinião propria quanto a *cuppa*, taça, porem relaciona *cupa*, cuba, com um numero consideravel de vocabulos que occorrem em varias linguas, afora as romanicas, e designam objectos bem menores que a cuba, mas pela forma mais ou menos arredondada, parecidos até certo ponto com esta vasilha, attendendo-se, como o explica Walde, á curvatura ora para dentro, ora para fora ou para cima.

O nosso Moraes dá as diversas accepções em que tem sido tomada a palavra *copa*. A definição do vaso de beber "taça, vaso covo mais largo do que fundo" é restricta de mais. Havia tambem copas com sobre-copas, calices que serviam para communhão, e cuja profundidade excedia a largura.

E' de extranhar que Aulete não se aproveitasse da obra feita pelos seus antecessores. Informa este lexicographo que o vocabulo *copa* significa lugar onde se guardam baixelas, louças, géneros alimenticios etc., que se usa em *copa de chapéu*, *copa de arvore*; porem do sentido "taça" só sabe dizer referindo-se ao plural usado como denominação de um dos naipes das cartas de jogar.

E se alguém consultar outro dictionario de publicação mais recente, será informado que aquella copa, cheia a transbordar, com que o conde D. Henrique bebeu á saude do doutor Mem Bugalho, era nada mais nem menos que um "grande vaso de madeira, mais conhecido por dorna ou balseiro".

Nem que os fidalgos d'antanho fossem os gigantes das viagens de Gulliver, se é que estes bebiam em dornas!

Mas ha cousa melhor. Um poeta, desconhecendo o termo com a accepção de taça, e vendo pela primeira vez citado *eu bebo em copas*, não se lhe deu de reparar no resto da frase; mas, aproveitando em parte a lição do lexicographo, concluiu que aquelles beberões antigos não se contentavam com uma só vasilha grande e de madeira; atiravam-se logo ao conteudo de duas ou mais.

Não podiam ser fidalgos; eram cochinos.

Verdade é que com alguma prestidigitação argumentativa pode o poeta ainda emendar a mão e transformar de subito a madeira em crystal e ouro, as cubas e pipas em amplas taças de champagne e minusculos calices de cognac.

O engano de identificar a antiga copa com a dorna ou balseiro veio estampado na primeira edição do sobredito dictionario e manteve-se na segunda edição e, até, na terceira, que acaba de sahir do prelo. O autor limitou-se a acrescentar a tudo quanto dissera esta informação evidentemente colhida do Moraes: "ant. vaso covo. Copo".

Singular modo de rever e melhorar.

Addiciona-se a emenda, mas persiste-se no erro, em vez de eliminá-lo e substituí-lo pela informação correcta.

Sobre-copa, diz o referido dictionario, é "o mesmo que tampa". Outros lexicos definem: "tampa de vaso". Tudo isso é muito deficiente e muito vago. Na realidade, a sobre-copa não é o tapadouro de panela, barril ou outra vasilha qualquer; mas simplesmente a tampa, de forma convexa, que completa certas copas ou taças lavradas. Esta parte superior era, como a propria taça, obra de valor e arte.

M. SAID ALI.

GALERIA DOS EDITADOS



JOÃO RIBEIRO,

autor d' "A lingua nacional",
"Notas de um estudante" e
"Colmeia".



ORAÇÃO A' BANDEIRA.

AO CORAÇÃO DE RUY BARBOSA,
O MAIOR DOS BRASILEIROS. :: ::

(Paraphrase da mais bella pagina em prosa
de OLAVO BILAC).

"Pulchra ut luna, electa ut sol, terribilis
ut castrorum acies ordinata."
Cantico dos Canticos.

I

*B*EMDITA sejas tu, esplendida Bandeira,
Pela tua belleza heroica e varonil;
Bandeira sempre augusta e sempre sobranceira,
Bem dita sejas tu, Bandeira do Brasil!

*Tens a alegria sã de uma arvore florida,
A olympica altivez de um arco triumphal,
Pendão da minha Terra! E's Carne! E's Alma! E's Vida!
Hontem, hoje, amanhã, Bandeira sem rival!*

*O teu Verde!... E' a côr das nossas Esperanças,
A eterna adolescencia, o perpetuo verão
Da nossa gleba, o mar, de grandes ondas mansas,
A ternura ideal do nosso coração!*

*O teu Azul!... E' o céu que sobre nós se arqueia
E as portas de saphira abre de par em par;
Céu tão perto de Deus que a hostia da lua cheia
Deus mesmo é quem levanta, ineffavel, no ar!*

*O teu Ouro!... E' este sol que gera e que alimenta:
Pae das searas, pae dos sonhos, pae do amor,
Sempre a accender da Vida a chamma violenta,
A arder no sangue, a arder na pedra, a arder na flor!*

II

*Quando, das lanças no alto ou na ponta dos mastros,
Fluctúas soberana e o sol brilhar te faz,
Como benções de Mãe que partissem dos astros,
Desce o Bem, desce a Luz, desce o Amor, desce a Paz!*

*Quando ao som dos clarins, lindo, subir te vejo,
O' symbolo da Patria, — auriverde Pendão, —
Entram-me dentro d'alma as caricias de um beijo,
A musica de um canto, um perfume e um clarão!...*

*Quando o vento, no espaço, o teu sendal desfralda,
O Povo sente a Patria, ouve Deus, bebe a luz,
No teu losango de ouro em campo de esmeralda,
No orbe do teu azul, com cinco astros em cruz!*

*E toda a nossa Gloria este Cruzeiro encerra:
A alma da nossa Raça, a crescer, a lutar,
Ora á sombra fatal da aza negra da Guerra,
Da aza branca da Paz, ora ao meigo ruflar...*

*Foi esta Cruz que andou perdida no oceano,
E Deus plantou, depois, na terra virginal;
Ella que ouviu primeiro o grito sobrehumano
Do caboclo apontando as vélas de Cabral!*

*Foi a primeira a entrar no abysmo das florestas,
Das tabas no pavor foi a primeira a entrar,
Sem medo á flecha hervada, ás febres mais funestas,
A' peçonha da cobra, ás garras do jaguar!...*

*A inquieta gestação de um grande mundo novo,
A infancia do Brasil que o proprio Deus conduz,
O arduo desabrochar formidavel de um povo,
Toda a Historia da Patria eu vejo nesta Cruz:*

*O tragico e solemne encontro das tres Raças
Que forjaram de bronze os musc'los do Brasil...
Mais ardente que o sol, mais dura que as couraças,
A alma do português, temerario e gentil,*

*Bardo e guerreiro, dando ao mundo inda mais mundos,
Abrindo o abysmo, abrindo a terra, abrindo o céu...
— A Saudade a arrulhar pelos mares profundos —
A Espada a refulgir, sem medo e sem labéo !*

*O estoico labutar do cyclope africano,
Lavrando a terra e fecundando, á chuva e ao sol,
Cidades e sertões, num esforço inhumano,
— Negrume que se faz — seiva, sangue, arrebol!*

*O indomito valor do indio, orgulhoso e forte,
Ajudando a expulsar o bátavo e o francez;
Que á vida entre grilhões prefere o exilio e a morte,
De pé, na sua heroica e estupenda altivez!*

*A conquista da matta, a vida merencoria
Nos barbaros rincões, sem lei, sem lar, sem pão...
A alleluia sem fim, nos dias de victoria,
Aos repiques do sino e ás salvas do canhão!*

*Entre a quéda e o triumpho, entre risos e arquejos,
Escalando a amplidão, da treva para a luz,
Quatro sec'los de dor, de preces e de beijos,
Tumultuam, subindo em busca desta Cruz!...*

*E para o seu fulgor, fulgor que nada empana,
Pelos sec'los em fora, hão de sempre voar,
Na aza da nossa Fé, fugindo á treva insana,
O amor de Deus, o amor da Patria, o amor do Lar!...*

III

*Seja brisa ou pampeiro o vento que te agita,
Com furias de borrasca ou meiguices de luar,
Esse vento sahiu da floresta infinita,
Sahiu da vastidão nostalgica do mar;*

*As espumas roçou das nossas cachoeiras,
O Amazonas, o pampa, os lagos, o sertão;
Beijou a fronte azul das nossas cordilheiras,
Depois de haver beijado os astros, n'amplidão.*

*D'ahi todo o esplendor de maravilhas tantas,
Esse encanto supremo e sobrenatural!...
E é por isso que assim fulges, perfumas, cantas,
Estrella, Aroma, Voz!... meu lábaro immortal,*

*Pendão que espedaçando as forcas e os baraços,
Se em batalhas entrou não foi para roubar...
Ao mundo inteiro abrindo os carinhosos braços,
E aos naufragos da Vida as portas do seu lar!*

*Bandeira! á tua guarda eterna e poderosa,
Viçam como jardins as mattas e os sertões;
Ondeia o Rio-Mar, fulge a serra alterosa,
Róla da cataracta a espuma, em turbilhões!...*

*Zumbe a torvelinhar da cidade a colmeia;
Brota a seara opulenta onde a enxada reluz;
A Escola ensina, a Egreja reza, o Lar gorgéia...
Symphonias da Paz que o Verso não traduz!...*

*Meu Cruzeiro do Sul! Timbre da minha Terra,
Brazão do meu Paiz, sello dominador,
Estupendo signal que os despotas aterra,
Lemma de Deus, pharol de Paz, nume de amor!...*

IV

*Que um dia ella suffoque esta invicta Bandeira
O rancor que desune, a inveja que destróe,
No seio forte e bom da gente brasileira,
Os germens divinaes de onde sahe um Heróe!*

*Alçando os corações, dando aos fracos — coragem;
Aos fortes — tolerancia; aos crentes — mais fervor;
O brio a quem recúa em meio da romagem;
Ao cerebro — mais luz; ao braço — mais vigor;*

*Dá-nos o Amor e a Fé, Bandeira redemptora,
Ensina-nos a crêr, a subir, a lutar,
Estendendo a tua aza immensa e protectora
Sobre o novo Brasil que queremos crear;*

*Uma Patria ideal, bucolica e piedosa,
Mas o gladio e o broquel sempre ao alcance da mão,
Sentinella da Paz, terrível e formosa,
Com estrellas na fronte e Deus no coração!*

V

*Bem dita sejas tu, pela tua imponencia
E pelo teu encanto! Em ti cremos, por ti
Trabalhamos cantando ao sol da "Independencia",
Emquanto Deus, lá do alto, abençôa e sorri!...*

*Bem dita sejas tu, pela Gloria passada
E a Gloria que ha de vir, Bandeira triumphal!...
Una-se o Arado á Lyra, una-se o Livro á Espada,
Para o mesmo labor, pelo mesmo Ideal!*

*Bem dito para sempre, esplendida Bandeira,
Pela tua belleza heroica e varonil;
Bandeira sempre augusta e sempre alviçareira,
Bem dita sejas tu, Bandeira do Brasil!*

Bahia, 7 de Setembro de 1922.

PETHION DE VILLAR



FRAGMENTO DE PROLOGO

DESDE Herrera attribuiu-se a V. Y. Pinzon e J. D. de Solis o descobrimento do rio da Prata e fixou-se a data de 1508: os dois illustres navegadores teriam descido até 40° Sul sem tel-o avistado propriamente. Varnhagen foi dos primeiros, si não o primeiro, a pôr em duvida tal expedição, ainda hoje litigiosa quanto a seu destino.

Interpretam-na estes como uma circumnavegação de Cuba. Outros, Harrisse, Medina, Rio Branco, dão-lhe ponto final o cabo de Santo Agostinho. Assim o Pinzon de Santa Maria de la Consolacion, de Rostro Hermoso, do Mar Dulce, da Pororoca, teria desandado a derrota de 1500, escorrido as pouco acolhedoras costas de N. E. - S. W., revisto sem reconhecer suas dunas e seus lençóis, para esbarrar em terras portuguezas que lhe impunham o retrocesso! Pode se imaginar mais intelligente ou menos desmemoriado o companheiro fiel do primeiro almirante das Indias.

A. J. Dias de Solís, desacompanhado de Pinzon, revelou-se o grande rio meridional em 1512. Affirma-o Oviedo, apoia-o com todo o peso de seu saber Paul Groussac, um mestre. Que resultou do feito? apenas a necessidade de nova expedição em 1515/1516.

As primeiras noticias reaes do grande rio datam de 1514, contidas numa sybilina gazeta allemã, encontrada casualmente em Dresden, estudada sem proveito por Humboldt, varias vezes reproduzida, traduzida em linguas diversas, commentada, recommen-

tada e sempre obscura. Reimprimiram-na em *fac-simile* os *Annaes da Bib. Nac.* por um exemplar da collecção Rodrigues-Benedicto Ottoni; em *fac-simile* sahiu recentemente na Allemanha a copia manuscripta guardada no archivo dos famosos banqueiros Függer que ao menos firmou a data de 1514. Humboldt propuzera 1540, com muitas hesitações; Varnhagem decidiu-se por 1506.

Da gazeta, historico desesperador de uma armada de D. Nuno Manuel e Christovão de Haro em 1513-1514, apura-se a existencia de grande rio, serras nevadas ao poente, um rei poderoso em regiões remotas, um estreito. O capitão de uma das naus exploradoras obteve para el-rei de Portugal um machado de prata. O metal deu o nome ao fio; o rio foi assim chamado pelos Portuguezes, dizem contestes documentos castelhanos coevos, ao contrario dos platenses hodiernos que da gazeta allemã não fazem caso.

A descoberta portugueza alem dos topicos coincidiu com outra hespanhola de maior vulto, alem do equador, a do mar do Sul por Vasco N. de Balbôa. A armada de D. Nuno Manuel e a marcha de Balbôa sobre o isthmo afinam com a viagem de Solís em 1516, terminada tragicamente apenas pisou em terreno uruguayo. Os governantes hespanhoes apprehenderam sagazmente o nexo entre estes feitos, por elles pautaram sua politica colonial, subordinando ao Pacifico as terras cisandinas. O mesmo caminho serviu San Martin para derribar o colosso.

Da armada de D. Nuno e da de Solís ficaram no grande rio pessoas que aprenderam a lingua da terra, ouviram historias, colheram informações, trabalho que os portuguezes costumavam confiar de degradados.

Em 1519 deteve-se alguns dias na Guanabara o grande Fernando de Magalhães. Entre os seus planos e os successos da armada de D. Nuno não faltam pontos de contacto incontestáveis e patentes: elle procurava um estreito já annuciado pela gazeta allemã e até figurado no mappa de Schöner; um dos armadores de Magalhães foi Christovão de Haro, socio de D. Nuno, dono de uma caravela desgarrada do Brasil para as terras castelhanas em 1513, victima de maus tratos, referidos na carta de Fernão Froes. Um dos pilotos, Carvalhinho, o João Lopes de Carvalho da nau Bretôa de 1511, levou para a aventura de Fernando de Magalhães a cuja frente esteve algum tempo um filho apanhado entre cunhãs do Cabo-Frio.

Mal transpunha Magalhães o estreito que guarda seu nome, D. Manuel mandou mais navios ao Prata.

Chefiado a expedição parece ter Christovão Jaques. A este, um chronista platino associou Aleixo Garcia, que, dizem, varou o

continente e chegou aos Incas antes de Pizarro e Almagro. Pouco monta aliás o nome do chefe; o importante é o encontro dos sobreviventes de Solís que informaram sobre as riquezas da região. Por seu gosto voltariam para o povoado; certos melindres inibiram o capitão-mór de repatriar-os; ficaram em territorio hoje pertencente a S. Catharina.

As noticias das riquezas platinas acreditaram-se, avolumaram-se na feitoria construida por Christovão Jaques, junto á ilha de Tamaracá. Sebastião Cabot alli surgiu a caminho do Maluco em 1526. Taes maravilhas ouviu que se esqueceu de especiarias; mais segura, mais proxima sorria-lhe a fortuna; si esta, como suppunha, coroasse seus esforços, ninguem o chamaria a contas por desobediente. Em S. Catharina recolheu os informantes que deveriam servir-lhe de guia. O calculo sahiu errado, o insuccesso nada deixou a desejar. Sebastião Cabot nunca passou de epigono.

Antes da vinda de Cabral, os monarchas da peninsula tinham assignado o convenio de Tordesilhas, baseado numa bulla de Alexandre VI que entre elles repartiu o mundo. Pactuou-se no tratado uma linha divisoria a 370 graus do archipelago de Cabo-Verde, sem determinar a ilha que devia servir de ponto de partida, sem especificar a extensão de cada legua, sem attender a que a sciencia contemporanea não poderia arcar com certos problemas.

A convenção de Tordesilhas, effeito de descobertas no litoral atlantico, reflectiu-se primeiramente, não aqui, mas na Asia Oriental e na Indonesia. Um dos fitos de Magalhães fora mostrar que as Molucas demoravam no hemispherio hespanhol. Com a volta da Victoria e dos circumnavegadores dirigidos por S. del Cano nasceu e acirrou-se o litigio originado de documento papal: serenou-o a capitulação de Saragoça por aquella vez.

Nas terras atlanticas a questão não interessava por então. Cabot andou e virou por onde quiz sem o minimo attrito. Em 1532, tranquillamente annunciava D. João III a intenção de dividir em capitancias de cinquenta leguas o territorio de Pernambuco ao rio da Prata.

Isto escrevia a Martim Affonso de Sousa, mandado a varias commissões, de que a mais urgente seria a guerra a naves francezas, intrusas em terras reconhecidas de outros em pactos solennes jurados por potencias soberanas.

A divisão das capitancias parou cerca de Laguna, em Sta. Catharina, sem tocar o Prata, ou porque Martim Affonso, interlocutor de Pedro Nunes em pontos de sciencia, collocava mais ao Oriente e portanto mais ao Norte o meridiano de Tordesilhas, ou

por averiguar a pouca importancia do Prata como porta para as famosas riquezas. Dos informes varios resultava que estavam alem do rio e mais ao Norte. Procuradas directamente atravez do sertão encurtava distancia, como hoje, comparada com a anterior navegação do Prata, Paraná e Paraguay, faz a linha ferrea de Baurú a Porto-Esperança.

A expansão colonial devia exigir muito tempo para attingir mesmo Laguna; quando Simão de Vasconcellos em 1663 publicou sua Chronica da Companhia de Jesus a occupação effectiva esbarrava em Cananéa.

Com a reunião das duas corôas peninsulares em uma cabeça, o povoamento do Norte do Brasil poude romper a barreira do Tamaracá, aonde estacara.

Parahyba, Rio-Grande, Ceará, Maranhão, não sem trabalho, agregaram-se ao dominio portuguez, lenta, mas definitivamente. O Maranhão levou ao Pará. No Pará não havia por assim dizer uma braça de terra não pertencente á corôa de Hespanha. Com isto pouco se inquietou esta; a capitania de Cametá, a do Cabo do Norte foram revogações tacitas do tratado de Tordesilhas, renuncias explicitas das prerogativas da coroa de Castella. Pedro Teixeira, vindo de sua triumphal jornada ao vice-reino do Perú, por autoridade propria incorporou a Portugal as terras do Napo. A annexão definitiva realisou-se quasi litteralmente no decurso do tempo. Seria curioso comparar as areas assimiladas até o Guaporé pela audacia paulista com os mundos abertos da Tijoca a Tabatinga pela inspiração de Alexandre de Moura. Talvez se equiparem: em ambos os casos operaram as mesmas causas — a distancia de rivaes de origem europea que se contrastassem, a vantagem da idade metallica sobre a idade da pedra.

Quando os Francezes eram esmagados definitivamente na costa Leste-Oeste e Constantino Meneslau cegava-lhes o porto de Cabo-Frio, preparava-se Piratininga para o scenario em que ia representar o primeiro papel.

Piratininga foi a herdeira favorecida dos Tupiniquins, dos Guayanazes, das tribus talvez anteriores que deixaram nos sambaquis o unico vestigio de sua passagem. As gargantas do Perequê e Mutinga apontavam aos navegantes desde o fundeadouro ás entradas para os campos acima da Serra. A victoria sobre as matas litoraneas do Rio de Janeiro conseguida em 1700, de Ilheos, Porto Seguro e Espirito Santo em 1800, aqui já estava decidida quando o primeiro navio ancorou em São Vicente. E, circumstancia sobre todas favoravel, o caminho do mar tornou-se o baluarte invencivel contra todos os ataques vindos do mar.

Unico dentre os povoados brasileiros nos dois primeiros seculos cresceu Piratininga proximo das cabeceiras de rios, á direita o Parahyba, em frente o Anhamby ou Tieté.

Parahyba, o rio ruim, ou por suas más condições de navegabilidade, ou pelo predomínio de contrarios aos indigenas da lingua geral, ou por qualquer outro motivo não esclarecido nem esclarecível, condensou a população entre a Mantiqueira e a cadeia marítima, facilitou a passagem para a bacia do São Francisco, para os reinos do gado e as terras do ouro. Sua acção até certo ponto repartiu-se com a do Sapucahy, caminho de Fernão Dias e D. Rodrigo de Castel Blanco. Gargantas varias fendiam a Mantiqueira, emparelhando ambos até que a attracção fluminense os divorciou. Pelo menos uma garganta, conhecida dos Guayanazes, ligava o Parahyba á marinha. Por ella andou Knivet; Garcia Paes remetteu as esmeraldas paternas á cidade de S. Sebastião sem passar por Piratininga; por ella explica-se a casa de quintos de Taubaté contemporanea dos primeiros descobertos auriferos, de Taubaté, sahida para o Rio de Janeiro. Ainda hoje a cidade de Cunha recorda a velha garganta.

O Tieté escancarou a porta para o Occidente. Brada por amparos chronologicos e geographicos o caso do bandeirante que de espada em punho se empossara do Pacifico. Sobejam-lhe outros titulos mais solidos e não menos memoraveis.

Os rios de São Paulo, rios de planalto, serviam mais á navegação e ao penetramento; pode tirar a prova quem attender á geographia e á historia do Parahyba da barra a Jacarehy, cuja descontinuidade salta aos olhos. Offereciam, porém, certas compensações. Beirando um rio ninguem se perde ainda no sertão intemerato, nem morre á sede, nem se escravisa exclusivamente ao aleatorio das caças, nem pode ser atacado de surpresa por um lado. Além disso pode deparar estirões maiores ou menores susceptiveis das canoas de casca aprendidas dos indios.

O Tieté fenece no Paraná entre Urubupungá e Guayrá, trato de importancia capital para a historia patria, ainda hoje assignado pela E. F. Noroeste. Na margem oriental do Paraná os padres da Companhia reuniram e catechisaram numerosa indiada. Os caçadores de escravos, expostos ás vezes a arduas entradas de resultados escassos ou negativos como algures narra Knivet, defrontaram agora um paraíso, um Dourado, escravizando-os com fartura, mansos, iniciados na conversação civil, adestrados nas labutas agricolas, de cultura igual talvez á dos ribeirinhos do Tieté sinão superiores em media. E para sustentar tudo isto arcos e frexas! pau e cordas!

A victoria da idade de ferro foi completa; seria aniquiladora

si o governo hespanhol continuasse a impedir que o ferro respondesse ao ferro e os missionarios não transferissem os aldeamentos para o Uruguay, onde não ficaram mais indefesos. Caso digno de reparo: em todos estes conflictos não se invocou o tratado de Tordesilhas.

Invocou-se mais tarde quando os dirigentes de Lisboa, alheios e avessos ás terras situadas além de Cananéa, donde não partiam trilhas indias como as de Paranapiacaba, mandaram D. Manuel Lobo, governador do Rio de Janeiro, plantar uma colonia á margem do Prata, fronteira a Buenos-Ayres. A colonia chamou-se do Sacramento. Sua fundação occorreu em 1860.

A historia da colonia, tomada e retomada, causa monotonia: quem estudar o vol. 39.º dos *Annaes da Bibliotheca Nacional* e o que se ha de seguir verá como ainda está desconhecida.

Que planos nutriam seus fundadores? Pode-se apenas dizer que não lhes interessavam ligações territoriaes com o resto do Brasil, pois a colonisação do Rio-Grande do Sul começou mais de meio seculo depois da catastrophe de D. Manuel Lobo. Para as populações platinas a colonia faz época. O contrabando portuguez minou pela base a architectonica fiscal de Castella, communicou importancia ás desdenhadas terras platinas gradualmente, emancipou-as do jugo transandino, franqueando-lhe o Atlantico, — uma verdadeira revolução.

Caxambú, fins de Outubro de 1922.

J, CAPISTRANO DE ABREU.



O COLLAR DE MORAN

NÃO era um collar de luxo, grande e rico, ouro e perolas como esses de quatro e cinco voltas, fabricação egipcia, encontrados por missão franceza em recentes escavações na Tunisia; era, ao contrario, um collar modesto, ambar amarello pallido, intervalladas as suas contas de sete em sete por outras de coralina vermelha, esse que “Consciencia”, então a mais poderosa fada de toda a Irlanda, tirando do seio, de bem perto do coração, pendurou ao pescoço branco e forte do seu afilhado, o joven principe “Moran”, na hora em que, presente a côrte e observado o protocollo, pela primeira vez cingia elle a corôa e empunhava o sceptro real.

Precioso, porém, esse collar tão pobre! Dando-lh’o, aconselhou a fada: — “Não o deixes, não o tires nunca, “Moran”. Contraindo-se, inquietando-te, elle te avisará quando errares; quando acertares, porém, elle te avisará alliviando-te do seu peso. Elle te consentirá noites tranquillias e felizes dias. Elle te será util como a lealdade dum amigo, suave como a gratidão duma mulher”.

E o principe nunca se separou do Collar, e o Collar jamais lhe negou os promettidos avisos. “Moran”, tendo reinado dilatados annos em completa paz sem augmentar impostos, sem enganar as nações vizinhas, sem molestar seus subditos, morreu muito velho, muito respeitado e amado pela esposa, pelos filhos, pelo povo todo.

Bonita como todas as lendas da verde Erin, essa do “Collar-Consciencia” que descobri em voluminho de cavallaria andante!

I

E porque figura indefectivel no grupo dos discursadores academicos, lê-la e resolver inseri-la no primeiro improviso que me viesse á fala foi obra dum momento. O momento, porém, de pôr em obra o que resolvera, esse não me appareceu completo...

II

... até hoje!

Sommados, são incapazes os adjectivos incrível e impossível, repetidos dez vezes, de traduzir a encabruada obstinação com que o Collar de Moran me fugiu sempre que tive necessidade delle! Seguiu-me e abandonou-me, prometeu e faltou: tal a historia de nossas relações.

A verdade, porém, é que, não lhe podendo adivinhar os extranhos retraimentos, havia eu decidido aproveitá-lo na primeira oportunidade. Essa não se fez esperar além de mez e dias. Um desastre!

Foi o escandalo quasi á meia noite, nesta capital da ex-patria paulista, na rua Riachuelo numero 12, no mez de Novembro de 1872. Festejava-se a formatura de Oliveira Bello, então em pleno vigor de merecida fama oratoria. Ceia lauta e concorrida.

Marcaram-me logar á esquerda duma morena montanhosa, flagrante de intanha, collocando-se bem em frente o pequenete padre Joaquim de Assumpção Saldanha, padre Bacalháu de alcunha, amigo intimo do alcool e, sem convite, pessoa obrigada onde houvesse musica e cerveja de graça.

Regularmente eliminados os acepipes que da inevitavel canja paulistana levam ao Perú com farófa, facil era de sentir a aproximação dos brindes, denunciando-os o "champagne" como signal precursor. Ouvidos e applaudidos dois ou tres, memorisei apressadamente o meu discurso arranjando para o Collar de Moran condições de destaque no inicio da peroração. Tossi fracamente ao levantar-me. Ia proferir as palavras "Meus Senhores", quando, erguendo-se e raptando-me a attenção do auditorio, com toda a voz fanhosa de que dispunha pronunciou o padre Bacalháu esta saudação singular e excellente no seu genero:

— "Os traços phisionomicos do illustre bacharel bem me fazem lembrar os do senhor seu pai que não se parecia com elle. Deus é a sabedoria infinita, isso ninguem nega, mas tambem é innegavel que elle tem debochado esta pobre humanidade. Bello, tú estás formado. Senhor Fernandes Coelho, passe-me a gallinha assada. Meus senhores..., Meus senhores... Hipp! Hurrah!"

Alegria geral palmeou essa amostra de subita eloquencia. Aproveitando o borborinho dos commentarios, retirei-me despercebido, guardando o Collar de Moran no dissabor e na raiva, onde permaneceu elle enclausurado cerca de seis annos.

Em familia, no dia seguinte ao fracasso, suspeitaram-me de estar soffrendo do figado. Emmagreci visivelmente, duradoiramente, tanto que...

III

... da meia duzia de deputados provinciaes, que o partido liberal conseguira eleger no pleito de 1877, não era eu o mais gordo.

Diplomado, estudei muito, preparando-me para opposição violenta á administração conservadora, que, num trecho do meu discurso de estréa, teria de espezinhar desesperada e desconceituada, comprimida a garganta pelo Collar de Moran. Com que delicia antegosava eu o almejado successo! Abraços da minoria, elogioso entrelinhado do órgão do partido em columna de honra, invectivas dos adversarios: quantos acontecimentos meus no mundo provinciano!

Mas... eis que em 5 de Janeiro de 1878, semanas antes da abertura da Assembléa, sobe ao poder o partido liberal. Sacrificado, perdido todo o meu trabalho! Resignadamente, convertidos de opposicionistas em governistas, de aggressores em defensores, eu e o meu discurso de estréa acondicionámos na mais arregimentada paciencia partidaria o Collar de Moran, adiando-o para melhores tempos.

Quatro annos depois chegaram elles? Chegou elle? Verifiquemos isso nos annaes da Camara dos Deputados, anno...

IV

... de 1882.

Contra o projecto governamental que eu tivera de redigir e relatar, revocatorio de leis inconstitucionaes e que incidentes parlamentares elevaram a triumphante moção de confiança, successivamente destacára a numerosa e talentosa patrulha conservadora dois dos seus melhores donos da palavra, vultos preclaros, ambos, a despeito dos ademanes semichoreographicos do primeiro e da desmedida sobranceria com que, do alto de suas

doutrinas, replicava o segundo a quem quer que fosse, correligionario ou adversario. Acautelei-me para o debate. Esquadrinhei o assumpto e, notada geralmente a intenção grave de minha sobrecasaca nova, subi á tribuna acolhido por attenciosas espectativas.

Parlante um pouco abaixo da média, tenho todavia, em grau disfarçado, a mais commoda qualidade do orador moderno: o desprezo pelo auditorio. Independo d'elle. Quando quero falar, falo. Mesmo que me não escutem, circumstancia que aliás se não dava no momento, quando delibero expôr uma opinião, exponho-a. Minha energia, entretanto, foi em mais esse certame intellectual derrotada pela sina esquiva do Collar de Moran!

Havia já duas horas quasi, apoiado pela maioria e defendendo o meu serviço, citava e triturava eu leis novas e velhas. Não podia tardar a peroração; nella o celebre Collar, enquadrado por vocabulos pesquisadamente retumbantes, ia, emfim!, libertar-me do literario compromisso que, desde o seu primeiro contacto, eu me propuzera e acceitára. Nella, nessa peroração da qual eu sabia de cór até as virgulas, o pensamento basico e o trecho de resistencia pertenciam, por motivos rhetoricos e outros, ao Collar de Moran.

Fiz ligeira pausa. Circumdei com olhares vagos as diversas bancadas e... mas que praga!

Bate-me paternalmente ao hombro o "leader" da maioria transmittindo-me recado do presidente da Camara: que interrompesse o discurso porque convinha, presentes todos os amigos do governo e respondidas as objecções ao projecto, proceder immediatamente á respectiva votação. Obedeci oscillando entre o aborrecimento e a angustia. Empallideci. Com frieza remerceei as felicitações e os cumprimentos dos proprios ministros.

E foi assim que, desenxabido, escorregando da tribuna parlamentar numa occasião politica, novamente reentrou o Collar de Moran no meu ementario interno para, decorridos alguns lustros, lhe eu tentar reaparecimento em acto publico...

V

... funebremente!

Favorecido por esplendida manhã imitando primavera, realizou-se em S. Paulo com solemnidade o enterro do conselheiro Bernardo Gavião, emerito patriota, intelligente e activo, e um dos raros monarchistas não adherentes ao exercito e á armada em

nome da nação. Commissionado, partira eu de Santos para dizer o derradeiro adeus aos restos inanimados daquelle que, em vida, tanto me animára a lutar pela liberdade e pelo dever.

Sensibilidade e discurso acudiram ás minhas intenções. Nelle e nella, dessa feita, o Collar de Moran se apresentaria appensado aos desmandos republicanos com abundancia de interjeições deprimentes. Elegiaco e partidario o epicedio inteiro, vaticinei-lhe convictamente o louvor de todos quantos concorressem á melancolica cerimonia.

Mas o Collar, ao aposentar-se em meu espirito recebera, parece, da fatalidade das cousas ordem de retirada sempre que sua exhibição fosse imminente! Houve para isso, então, ardiloso conluio e machinada intriga dos factos.

Consoante a pontualidade ingleza no Brasil, o trem chegou com atrazo. Nem carro, nem tilburi na estação. Vinte e um minutos estive á espreita do bonde, que trouxe lotação completa obrigando-me a ir no estribo.

Um infortunio nunca vem só. O conductor não tem troco para nota de cinco mil réis, nem se contenta com um nickel de tostão que eu lhe offereço; irrita-se até porque procuro convencel-o de que, nos bondes, quem viaja de pé por falta de assento deve pagar meia passagem. Maçada. Desço. Não, não era esse o bonde que eu sonhava!

A' porta do cemiterio encontro gente voltando do enterro e cortejando-me com ares interrogativos.

Fatigado, conformei-me com os estorvos que me haviam suprimido o discurso. Desinquieta, porém, nos escaninhos de minha memoria o Collar de Moran reclamava. Acalmei-o com a promessa de convoca-lo a posto logo que fallecesse outro chefe monarchista. Accedeu ao pacto, e tranquillo persistiu até que, ha dez annos, nos corredores da Camara dos Deputados, confirmando a regra de que os caracteres se desenvolvem conforme os defeitos que frequentam, e intrigados com a minha meiguice...

VI

... alguns jornalistas de terceira classe me induziram a reprimilos com uma serie de "Bilhetes" cuja publicação manteve data e sobremaneira os enfureceu.

Um delles, insipido em prosa rimada, olvidando que eu já o livrára de penosa duvida com a explicação de que Sainte-Beuve não era mulher, me atirou um protesto prenhe de citações do

proprio autor. Profissional do emprestimo, numa nota de vinte mil réis commutou-me outro a pena de leitura duns contos indigentes de sensatez. Perigo! Apavorado pela probabilidade de que os companheiros o imitassem, appellei para o Collar de Moran que, lesto, tratou de soccorrer-me.

Bruni-o com esmero. Poli-o graciosamente, jamais se havendo elle revestido de melhores fórmulas literarias. Reconheci o principe, a fada, o aconchego das contas accidentando o mal e encaminhando o bem: attendeu-me a lenda inteira, prevenida, para apertar a garganta aos gargantões.

Pois dessa, como das anteriores conjuncturas, o Collar desapareceu á ultima hora! Caso triste, porém: desapareceu por iniciativa minha. Fui indelicado; confesso o meu delicto, mas pleiteio e mereço evidentes attenuantes.

Sondei a situação com pachorrenta superioridade. Racionei, tomando o peso moral aos contendores: quanto mais eu os zurzo, mais pedem elles de gorgeta ao erario paulista que os está desengatilhando. E, intimado pelo meu respeitoso amor aos cofres publicos, submetteu-se o Collar ao toque de recolhida, mas de má vontade. Amuou-se, arredando-se de minhas intermitentes preocupações letradas, e não occultando intuitos de inimizade intima.

Perdura ainda a reticencia em nossa sympathia...

VII

... mas escuta-me, consciencioso Collar; ouve-me e responde-me; que te fiz eu senão pagar na mesma moeda desatenção por desatenção? Quantas vezes me abandonaste? Quantas, além das que referi, as recusas do teu concurso ao adorno dos meus pensamentos? Na installação do Club dos Caixeiros, em Santos, inesperado foi o teu absentismo; e inqualificavel, na Faxina, a tua deserção de interessante brinde endereçado, pelo meu palavreado de candidato, ao consorcio duma viuva magra e loura com um viuvo louro e magro, eleitor influente no districto. Deslembras-te disso? Estás decisivamente zangado, Collar de Moran? Pois retira-te para logar afastado. Demitto-te de collaborador; não tolero acintes. Córto toda a nossa convivencia; d'oravante não me procures mais. E se a fadiga da viagem te impede voltar á Irlanda e alli dizer á fada "Consciencia" o relatorio das contracções que fizeste e dos erros que desfizeste quando em mi-

nha companhia, fica-te por aqui mesmo, naturalisa-te nestas benignas paragens piratininganas, mas longe de mim, mas longe, bem longe, muito longe de minha garganta.

Casa em ruínas, minha intelligencia já não dispõe de quarto onde te alojes. Tu não irás para o meio da rua, porém: que estalagens te não faltam, estalajadeiros ainda menos, nesta terra paulista, Collar de Moran! Trabalho, tê-lo-ás de sobra.

Se, na sepultura das lendas mortas, teu príncipe já não pode receber e aproveitar os teus avisos, tranquillisa-te, consola-te: abundam, cá pelas bandas do Estado-modelo, coroneis que o substituem. Vai-lhes ao pescoço, avisa-os, aperta-lhes a garganta sempre que os vires...

VIII

- ... desservindo traiçoeiramente a liberdade;
- alugando ao estrangeiro a terra paulista;
- falsificando o voto livre na mentira obrigatoria;
- conseguindo num pleito municipal 8 viúvas e 24 orphãos;
- enriquecendo na politica;
- enxertando parentes no orçamento;
- pagando contas em branco;
- mobiliando casa á custa de asilados;
- embrulhando-se em burgos agricolas;
- ensaiando touradas contra a liberdade de imprensa;
- furtando titulos territoriaes;
- registando testamentos falsificados;
- ganhando em emendas orçamentarias;
- accumulando gerencias e custas judicarias;
- commerciando cartorios;
- curando emissões de papel moeda com bancos emissores;
- mantendo 76 % de população analphabeta;
- pensando augmentar o consumo pelo augmento do preço;
- tentando augmentar o preço pelo augmento do imposto;
- pagando credores com subscrição de dinheiro alheio;
- juntando ajudas de custo a passes gratuitos;
- applaudindo laudo territorial contrario a São Paulo;
- abolindo a prestação de contas;
- humilhando o poder judiciario;
- subsidiando por oito mezes o legislativo obediente;
- etc...

IX

Pergunto, explico e assigno. Quem quer, quem acceita o Collar de Moran? Cedo-o de graça. Cedo-o sem sacrificio, porque absolutamente não preciso delle.

S. Paulo, 1923.

MARTIM FRANCISCO.





CRÓNICA DE ARTE.

DISCURSO INAUGURAL.

NA sua vida errante e inquieta, por jornais e revistas, eis que minhas letras de escritor vêm poisar enfim no sítio umbroso da Revista do Brasil. Vida apenas errante e inquieta? Creio que foi uma influência inconsciente do fenómeno de escrever para este quieto mensário que me espremeu da pena o suco, apenas levemente amargo, dêsses adjectivos. Minha sinceridade porém obriga-me a troca-los por outros mais verdadeiros, capazes de desenhar com maior evidência o itinerário dos aventureiros. Os directores de quasi todos os impressos em que colaborei acabaram por ficar descontentes comigo, ou eu com êles. Proveio logo dêsse descontentamento eruptiva incompatibilidade, terminada em separação. Sabido como é que a imensa maioria dos homens se colhe entre cordeiros, não posso atribuir a êsses conspícuos chefes, namorados da justiça e da verdade, a voraz ferócia dos lobos. Guardo pois para mim todas as sem-razões do canino. Fui eu o lobo. (*Canis lupus*). Sou digno das reprovações e anátemas do povo das ovelhas. (As ovelhas aqui são os leitores. Quanto aos donos de revistas e jornais melhor lhes cabe nesta analogia o vergiliano e agreste nome de pastores.)

Mas, lembrando êsses descontentamentos, incompatibilidades e brigas consequentes, entre mim, lobo, e pastores mansuetíssimos, reconheço a necessidade de mudar os qualificativos iniciaes desta crónica por outros de mais franca exactidão. Esqueça pois o leitor

tudo o que leu até agora e comece aqui a leitura do Discurso Inaugural destas crônicas de arte.

Eis que minhas letras, de tão escandalosa e briguenta vida, vêm poisar enfim no celebrado remanso da Revista do Brasil. Agora, sim, creio estar mais dentro da verdade. E não só mudei adjectivos como a redacção da frase. Ficou melhor assim. Mais singela, numerosa e nítida. Tenho para mim que a crítica de arte deve ser, por sua vez, artística. O crítico precisa demonstrar sua capacidade em produzir, ao menos com elementos literários, obras de arte. E os trabalhos criados tornam-se assim como armas de dois gumes, capazes de interessar pelo lado crítico aos que desejam ter opinião... pessoal e pelo lado artístico aos que procuram sensações de beleza. Suponhamos que o crítico erre. Sobrará a obra de arte que, essa, estará sempre certa, si realizou a pretensão de beleza nela implicitamente contida.

Stendhal não tinha geralmente razão nas suas observações e julgados artísticos. Mas como é agradável de ler-se um trecho qualquer de suas críticas sobre pintura ou sobre a música italiana de seu tempo! A "Vie Litteraire" é obra tendenciosa. Muito êrro nela se encontra. Alem disso Anatólio France não esconde a própria incapacidade de compreender e apreciar a poesia. Mas quantas obras, de muito maior verdade, terão a vida sempre moça dêsses escritos? Nem Thibaudet, nem Mauclair, muito mais sábios ou justos, terão a mesma eternidade. Para mim só Gourmont poderá competir em longevidade com o Anatólio crítico. E ainda bem pode ser que me leve a tal afirmativa minha grande simpatia pelo autor das "Promenades". José Veríssimo era homem bem pensante e quási sereno. Mas toda a sua vultuosa obra não paga o volumezinho de crítica de Machado de Assis. A coisa que menos me interessa no mundo é um Código Civil. Essas ordenações do bem-proceder só poderão interessar a quem delas pretende fugir. Acredito que, para os honestos, o melhor barómetro das pressões do bem e do mal é anida a consciência. Mas haverá por êste Brasil obra de arte mais bela que a "Réplica" do snr. Rúi Barbosa? E direi mesmo: mais deliciosa obra de ficção? Na "Réplica" a vaidade, a sabedoria e a cólera se congregam em lindo apóio para fabricar a beleza. Aparentemente é livro que pretende reproduzir sciência e verdade. Nem sempre elas lá estão. Mas ficará a imperecível obra de arte, monumento de bem-falar, de imaginação criadora e fantasia. A's vezes lamento que a verdade esteja, nêsse livro ao menos, tão frequentemente da parte do snr. Rúi. Que maravilhosa obra-prima não seria a "Réplica," si o seu autor ignorasse filologia e fosse alem disso obrigado a criar mais, com a fecundidade de seu espírito primaveril, mentiras e fantasias! Por-

quê, realmente, o snr. Rúi Barbosa é um dos mais imaginosos e *criadores*, entre os artistas de nossa lingua. Por isso mesmo só é positivamente genial quando não tem razão. Quanto mais afastada da realidade comesinha, em reivindicações, justificações e campanhas, mais uma obra sua adquire êsse caracter de altíssima criação e intellectualidade, mais nela se imprime o frémito vigoroso de inspiração que a diviniza e eterniza no país da arte.

Por tais exemplos e considerações terá o leitor comprehendido como pretendo escrever estas crónicas de arte. Serão obras de arte tambem; cuja intensidade de beleza e prazer unicamente a medida de minhas forças dosará.

Mas essa é apenas uma das minhas intenções. Designar ainda outras, dentro das quais se limite meu programa é coisa que tambem não transbordaria do assunto dêste Discurso Inaugural. Mas alem de ser verdade que não tenho intenções (a não ser essas de ideas subliminares que não atingem propriamente a esfera do conhecimento) quero me reservar o prazer de ineditismo dum programa que se elaborará juntamente com a realização.

O leitor sem dúvida se admirará de eu procurar o meu prazer e não o dêle... Esse espanto é um dos muitos efeitos da levianidade e vaidade humanas do leitor. Cada homem se acredita um deusinho em torno ao qual o universo gravita e para o qual tendem as coisas em perpétuo serviço e adoração. Vaidade lamentavel que produz desde a inimizade entre dois seres até as longas guerras de muitos aliados. Quem lê, geralmente submete o artista á condição subalterna de producteur de prazeres, que ao leitor compete desfrutar. Seriamos, nêsse caso, os que escrevemos, uma espécie de gado, com o maternal destino de fornecer leite, carne, couro e... botões. Isso é muito engano e é vaidade. Desagrada-me essa funcção vacuum. Aliás pretendo conservar ao leitor sua condição de ovelha. Sou lobo, já o reconheci; e lobo sem alcateia. O que será tambem engano e vaidade... Mas isso, no terreno artístico, não me importa a mim que escrevo pelo gôso de escrever, sem me preocupar absolutamente com a existência de possíveis leitores. Em relação a êstes sempre assumi e assumirei ar de insolência e desprezo. Como êsse processo irrita e afasto de mim a estulta maioria dos que procuram na obra dos artistas uma projecção de suas pequeninas e desinteressantes personalidades. Esse é a casta de leitores que aplaude com estrondo (estrondoso aplauso que nada mais é sinão auto-elogio) inebria os artistas ambiciosos e os rebaixa á feminina condição de leiteiros de bairro, sem que o percebam os fracos. Não me agradam tais leitores nem tais leiteiros. Em arte tenho orgulho de minha personalidade e falo na 1.^a pessoa do singular. Acredito mesmo que ficaria mais psicológico dizer para

o eu: primeira pessoa do original; e para o nós: primeira pessoa do comum...

André Gide conta que num dos seus encontros com Oscar Wilde, em Paris, percebera neste, durante a conversação, uma tal ou qual inquietude. A causa desse estado revelou-se no momento de adeus. Wilde, voltando-se mais uma vez para Gide, confessou-lhe enfim: "Li as suas 'Nourritures Terrestres'. Gostei. Mas... Não empregue mais 'Eu'. 'Eu' não deve entrar na obra de arte." E' curiosa esta antipatia pelo eu num dos escritores mais ciosos de sua personalidade; tão eivado de individualismo que foi buscar a justificativa dele na figura divina de Cristo. Sem descer ao fundo dos seculos cristãos, nem subir ás alturas do empíreo, escrevo "Eu". E' menos pastoril e mais lupino.

Estão determinadas pois as longínquas relações que devem existir entre mim e meus imaginários leitores. De tudo o que ficou dito, 4 coisas tem importância maior que esta crónica. 1.º: Falarei de arte. 2.º: Farei arte. 3.º: Não tenho programa. 4.º: Afastarei de mim o maior número de leitores possível.

E estou satisfeito comigo. Conteí uma anedocta curiosa. Mostrei discreta erudição. E irritei muita gente. Não poderia ser mais auspicioso este discurso inaugural.

MARIO DE ANDRADE.



ÁCERCA DA EXPRESSÃO “A PAGINAS TRINTA E DUAS”.

VISTO que a numeração é infinita e, por isso, não pode haver receio de confundir qualquer numero com outro, muitas vezes se empregam os *cardinais*, não como adjectivos, isto é, não com o intuito de exprimirem uma idéia de *quantidade*, mas sim de *designação*, isto é, com o intuito de desempenharem funções de *substantivos*.

Neste caso o cardinal é colocado na oração como *apôsto*, e precedido clara ou occultamente do vocabulo *numero*: o soldado numero tres = o soldado que é o numero tres.

Visto que, neste caso, o cardinal desempenha, não as funções de adjectivo, que verdadeiramente lhe competem, mas as de substantivo (aposto), elle não tem de concordar com o substantivo que o precede, como pretendem muitos, na phrase “a paginas trinta e duas”, que deve ser corrigida por “na pagina trinta e dois”, porque ella é perfeitamente igual a “na pagina que tem o numero trinta e dois”.

Naquella phrase, alem do erro já emendado, ha o de pôr a preposição *a*, em vez de *em*. E’ um abuso pernicioso o de se empregarem sem que, nem porque, preposições exprimindo relações diferentes das que lhes são dadas pela lógica grammatical.

Ha tambem alli o erro de pôr o vocabulo *pagina* no plural! Não deve ser assim, visto que o passo citado não está em todas as

32 (trinta e duas) paginas, mas apenas na 32.^a (trigesima segunda), ou na cujo numero é trinta e dois, ou antes, cujo nome (=designação) é o *numero trinta e dois*.

Note-se bem que, quando nos servimos de um appellativo, ajuntamos-lhe o vocabulo *nome*, como, por exemplo, nesta phrase: “qual é o teu nome? o meu nome é João”; ao passo que, quando nos servimos de um numeral cardinal, com funcções de appellativo, ajuntamos-lhe o vocabulo *numero*: “qual é o teu numero? o meu numero é trinta e dois” (observe-se que o verbo da oração está no singular, *é*, e não no plural, *são*, porque 32 não está exprimindo alli *quantidade*, mas está como um *substantivo commum, masculino, singular*, como *aposto*).

Confronte-se a expressão “a folhas tantas” que devia ser “na folha tanto”, em que *tanto* é adverbio. A phrase completa seria “na folha cujo numero é *tanto*”.

No 2.^o volume das suas Lições praticas, 3.^a ed., pag. 85, diz o sr. dr. Candido de Figueiredo que não são correctas as expressões:

— “na pagina vinte e duas”;

— “na página vinte e dois”;

mas que são correctas estoutras:

— “a paginas vinte e duas”;

— “na pagina vigesima segunda”;

e mais adiante diz: “É comtudo, ainda que o nome esteja no singular, admitte-se que a numeração respectiva mantenha a forma “de cardinal; ex.: “Luiz dezoito; seculo quinze; pagina trinta e duas.”

Com o devido respeito ao meu primeiro mestre na lingua materna, e com a consideração merecida ao homem pulido e leal, discordo em parte daquellas opiniões.

Para mim é erronea a forma: “na pagina vinte e duas”, e mais erronea ainda “a paginas vinte e duas”; e, pelo contrario, acho correcta a forma “na pagina vinte e dois”, porque vejo nella uma phrase elyptica por “na pagina cujo numero é vinte e dois.

Mais adiante diz o sr. dr. Candido de Figueiredo:

“Mas não se supponha que ha aqui concordancia do nome “como o adjectivo numeral. Não. João vinte e dois é uma expressão elyptica, equivalente a: — João que na ordem dos papas “tinha por numeração 22...”.

“E assim, embora não haja concordancia nas palavras expressas, é elyptica, mas não é errada, a expressão na pagina trinta e duas, equivalente a na pagina que tem por numeração 32...”.

Como se vê, no fim de cada um daquelles periodos, em vez de

escrever os numeros por extenso, o sr. dr. Candido de Figueiredo escreve-os por meio de algarismos, o que á primeira vista nos deixa em duvida; mas, como nos mesmos periodos os escreve por extenso, deve-se suppor que aquelles algarismos são para se lerem como ficam indicados atrás.

Mas alli, salvo melhor juizo, ha uma contradição:

João vinte e dois”, diz, é igual a “João, que na ordem dos papas, tinha por numeração vinte e dois”.

Qual é a concordancia alli? — Será de vinte e dois com numeração? Certamente não, visto que vinte e dois é masculino, enquanto numeração é feminino. — Será com ordem? — Também não, pela mesma razão. — Será com João? Também não, porque se assim fosse, ficaria destruida a hypothese da elisão.

Qual será então a concordancia? Nenhuma, evidentemente, o que prova a incorrecção das phrases “na pagina trinta e duas” e “a paginas trinta e duas”, em que as circumstancias de concordancia são perfeitamente as mesmas.

Lisboa, 24 de Junho de 1922.

RODRIGO DE SA' NOGUEIRA.



O LEPROSO

— Credo! T'esconjuro! São Lazo lhe sarve, desgraçado! — Berrou o velho caboclo andejo, na sua linguagem remorada e ruidosa, em pé por traz da porteira, com seu sapiquá e sua garrafa de cachaça, quando viu chegar o Jango escanchado na egua roliça e bernenta do Calunga.

Fazia vinte e seis annos que esta scena se déra, e na memoria do Dr. Jango Rebouças ella vivia ainda, com a nitidez e exactidão de um facto que se tivesse passado no dia anterior. Nada lhe esquecera. Pormenor nenhum se lhe esfumara na retentiva. Nem a expressão apavorada do semblante do matuto, nem suas exclamações de terror, nem seus gestos agoniados, nem o brusco empurrão com que o derrubara da sella, nem suas attitudes de exorcista para escorraçar a egua.

Fôra durante suas ultimas férias de preparatoriano. Estando, naquelle domingo ensolarado e secco, de ceu escampo e ar parado, na choupana da Sinhanna Baptista, onde uns violeiros de fama repinicavam os *pinhos* encardidos, com cordas reluzentes, cantando modinhas sentimentaes, que muito bem lhe faziam á alma de adolescente, viu de subito entrar na saleta o Calunga com seus grossos beiços roxos e seu carão avermelhado. Notou que todos, mysteriosamente, iam fugindo para os fundos do casebre, com signaes de piedade e pavor no rosto. Sem comprehender, ingenuo, julgando finda a folgança, dispoz-se Jango a voltar para casa. Foi quando o Calunga lhe falou, amavel e doridamente, abraçando-o:

— Você tambem foge de mim, Janguinho? Aonde vae?

— E' tarde, e em casa estão me esperando.

— Olha: então vá na minha egua. E' lerda mas é macia. O sol está quente e eu estou cansado de montar. Tambem, da minha fazenda até aqui, que estirada! Depois passo em sua casa p'ra levar a bicha. Você fuma?

Não houve excusa. E Jango circumdara a capuêra pela estrada poeirenta, sobre a egua suada, com o cigarrão do Calunga fumegando entre os beíços, passara a porteira do pasto e attingia o cercado da casa da fazenda, quando o caboclo velho lhe sahiu com aquella scena. E antes que o menino se levantasse do chão, estonteado, começou o urumbeva a lançar esterco á egua, espantando-a para longe, e vociferando:

— Sae, lazenta! Vá p'ros quinto, amardiçoada!

E, voltando-se para o rapazola:

— Nunca mais chegue perto de mim, minino! Como é que vancê vae muntá em egua de lazento? Pois num viu o Calunga como tá? Num viu os dedo delle c'os osso de fóra? Eu num conto isso p'ra ninguem, mode num lhe fazê már. Mais nunca mais chegue perto de mim!

Jango recolheu-se meio abobado, pallido, suando frio, como se uma immensa desgraça lhe tivesse cahido naquelle momento sobre a vida. Mal presentiu que nesse instante lhe nascera o cancro horrendo que o havia de acompanhar pela existencia em fóra, roendo-lhe a alma, mais atroz que uma dolorosa chaga a carcomer o corpo, horripilante e incuravel. De noite não dormiu. Tiritou com febre, preso de um extranho pavor, cheio de pesadelos, em que appareciam visões com os olhos nadando em sangue pôdre, labios esfuracados, chaguentos, entremostrando as gengivas em ferida viva, orelhas aos frangalhos, sobrancelhas em pus, dedos com as phalanges descobertas a esfrunchar o nariz, gemendo sinistramente, semelhantes aos morpheticos da Idade Media, cuja descripção lera pouco antes. E desde então nunca mais esquecera esse episodio. E cada vez que voltava á fazenda, o velho matuto, inconsciente do seu mal, lhe repetia:

— Arreda, moço! Quem muntô em egua de Calunga num chega perto de gente!

E elle soffria. Mas nunca revelaria o seu segredo. Estava condemnado. Uma hypocondria atrocissima lhe morderia as entranhas até o fim de seus dias. Julgava-se sentenciado ao mal de S. Lazaro cujo germen tinha incubado no sangue. E poz-se a esperar, na maior das torturas, que passasse o periodo de latencia da molestia horrivel e chegasse o periodo da invasão! E, esquecido de que o buço já lhe sombreava o labio superior, cahia ao collo da mãe, aos soluços. E ella, afflicta e carinhosa:

— Que é que tens, meu filho? Dize á tua mãe, dize! Olha que já não és criança! Dize o que sentes!

Entre apupos e risadas dos irmãos que o chamavam — o homem que chóra — refugiava-se na solidão, entranhando-se mais e mais no seu mutismo doloroso, envergonhado da propria fraqueza, mas impotente para subjugal-a. Todos suppunham fossem crises provenientes da puberdade, e com ella passariam. Passaram. Passaram de todo, em verdade, para o mundo. Mas para o seu mundo interior perduraram, repetindo-se cada dia mais angustiosas, com o progressivo esclarecer da sua intelligencia. Havia semanas em que a piedade aos semelhantes o obrigava a izolar-se completamente. Outras em que o odio aos homens o fazia abraçar-se aos camaradas, muito terno, respirando-lhes rente ao rosto e, ás vezes, beijando-os na bocca, como quem tróça. Não lhe offerecera o Calunga o cigarro e a egua, não o abraçara de proposito, para que o mal se lhe transmittisse? Já que era victima de um seu semelhante, seria algoz de outros semelhantes. Resolveu mudar de carreira. Em vez de se matricular na faculdade de Direito, a que estava destinado pela familia e por propria escolha e indole, entrou para a de Medicina, allegando desejar especializar-se no estudo da morphéa, como digno emulo de Hansen, e tentar descobrir sua cura. E durante o curso, a idéa de que tinha no corpo o virus da doença originaria dos egypcios e indús, cada vez mais se lhe arraigava no cerebro. E outros males psychicos lhe sobrevieram por causa desse. Se algum amigo d'elle se despedisse, apressado por qualquer motivo, corria para casa, anhelante, a mirar-se ao espelho, a apalpar o corpo, desconfiado de algum nódulo na pelle. Se alguém o olhasse com certa insistencia, era o bastante para suppor o começo de algum leproma. Se um furunculo, uma cabeça de prego, um cravo lhe espontassem em qualquer parte do corpo, eram causa de dolorosas insomnias, d'um esfregar pomadas sem fim, escondendo o mais possivel das vistas do proximo tudo quanto pudesse trahir o seu segredo. Uma tortura, uma dor de cadeiras, eram tomadas como o primeiro symptoma. Assim concluiu o curso.

Formado, aprofundou-se mais no estudo da lepra. Arrastou longos mezes no laboratorio, de pesquisa em pesquisa, na ancia de descobrir a therapeutica maravilhosa. Por vezes a sciencia lhe provava que seu contacto com o Calunga não era o bastante para que apanhasse o mal. Mas não se convencia. Sua idéa fixa jamais lhe deixaria o espirito. Cruzou os sertões, feito naturalista, a procura de hervas raras. Regressou desilludido. Mas já que falhara na descoberta da cura, não falhara no amenizar a vida aos morpheticos e evitar a propagação do mal. E architectou grandes projectos de leprosarias modelos espalhadas por todo o territorio immenso do

paiz, para abrigar essas levas de infelizes que palmilham o nosso *hinterland* sobre cavallos esqueleticos, parando á porta dos lares, sem licença de entrar, sem poder construir o seu, condemnados a errar até a morte, e a ver, nos outros, expressões de nojo e de piedade. Concebeu maneiras de destruição ás moscas, propagadoras da doença. Mas esbarrou com a indiferença geral, com a má vontade dos governos. "Lazarentos? Que se fomentem!" — foi a resposta que leu nas expressões de todos. Mas não desistiu dos seus estudos. E á medida que se illustrava, mais a idéa atroz o ia apavorando. Os sonhos, os pesadelos succediam-se num crescendo aterrador. Via-se isolado numa leprosaria infecta, triste como um cemiterio cujos cadáveres se decompuzessem á flor da terra, com outros companheiros de destino, estendendo a mão chagada aos caminheiros resabiados, ou então cavalgando um matungo maldicto, como um macabro phantasma, a apavorar as gentes ao longo das estradas, com seu aspecto sinistro, sob soalheiras infindas ou chuvas torrencias, sem um pouso, como um Ahasverus gemente, com uma imprecação a cada passo, uma blasphemia em cada encruzilhada, a implorar a morte em cada curva do caminho...

Regressou á terra da infancia, a indagar do Calunga, para saber como ia o seu mal. Ninguem sabia do *lazento*. "De certo sumira pelo mundo, ou morrera pôdre ahi pelo matto" — foi a resposta vaga e immutavel que de todos recebeu. E installou sua residencia numa pequena e prospera cidade do interior, dedicando-se á clinica geral.

Reservara-lhe ahi o destino o seu maior castigo.

Um dia, amou. Decuplicou-se o martyrio. Longamente gemeu, entre a morte e o amor que traria a maior das desgraças á creatura eleita e á prole. Certo, sentia o odio que nos assalta no soffrimento. Carecia exercer sua vingança, transmittindo a outrem o mal que recebera de um homem. Mas, escolher para victima a unica creatura que amava? Nunca! Assim debateu-se muito tempo. Quiz illudir-se a si mesmo. Num momento de inconsciencia, Eros venceu. Estava consumado...

E casou.

O mais imaginoso e crudelissimo dos tyrannetes chinezes não seria capaz de inventar um suplicio igual ao que soffreu o dr. Jango Rebouças na sua lua de mel. Tinha certeza de haver lançado o virus fatal na carne da companheira. Em vez de conduzi-la ao paiz da felicidade que sua alma sentimental sempre phantasiara, encaminhara-a para um horrendo lazareto...

E vieram, tempos depois, os signaes do primeiro filho. A espera d'elle foi-lhe muito mais lugubre que o spectro da morte.

Previo-o pustulento ao vir ao mundo, revelando aos outros o seu segredo macabro...

Veiu o rebento. Sãozinho, perfeito e claro como um floco de algodão. Houve então para aquella pobre alma morbida uns dias de descanso e felicidade. Mas voltou logo a scisma, mais atroz que nunca. Antes nascesse morto, o seu filhinho! Deus era cruel! Queria retardar a revelação do horrivel, para lhe prolongar a dôr! Conservava a vida do seu filhinho amado, para depois putrefazel-o vivo! Era demais...

E a criança crescia. Cheio de vida e saude, era um correr pela casa o dia todo, enchendo-a com seus gritos alacres, a competir com o gatinho atraz de uma penna, de um floco de algodão, de qualquer cousa que o vento carregasse, tecendo uma aureola de felicidade em torno do rosto da mãe, e mortificando ainda mais o pobre pae.

Mas ao dr. Jango não lhe bastava o vaticinio do velho caboclo, que fizera d'elle um desgraçado. Dá-lhe o fadario mais esta pro-
vança tremenda: a esposa — a carne que elle identificara á sua carne, a alma que elle identificara á sua alma — disse-lhe um dia, observando-lhe o pescoço:

— Tens um furunculo, Jango! Deixa pôr unguento.

O infortunado gemeu um gemido interior, e correu a abraçar-se ao filho, estreitando-o desesperadamente ao peito. Vozes sobrenaturaes parecia repetirem-lhe as palavras do matuto andejo:

— Arreda, moço! Quem muntô em egua de Calunga, num chega perto de gente!

Mas estava-lhe reservado o ultimo trago, o mais amargo: o filhinho — a prolongação de sua propria carne — foi o porta-voz inconsciente desta outra monstruosidade do destino:

— Papae, papae! Olha uma ferida, aqui... aqui!

O infeliz largou a criança, brusco, e correu a apanhar o chapéu.

— Vaes sahir, Jango?

— Ver um doente de que me tinha esquecido.

E ganhou a rua, arrebatadamente, atravessou a cidadezinha, abstracto, sem corresponder aos cumprimentos amaveis com que o saudavam, provocando exclamações desta:

— Que pressa, do dr. Jango! Vae ver a Candinha. A coitada teve nó na tripa e está morre-não-morre...

Quasi fóra da cidade, deu um tranco numa velha que atravessava a rua. Ella berrou:

— Não encherga, lazarento!?

Ganhou a estrada solitaria, cada vez mais celere, chafurdando os pés em poças de lama, alheado de tudo, a ouvir vozes myste-
riosas:

— Foje! Foge! O leproso! O leproso! Montou na egua do Calunga!

Até que, já perto da ponte metálica, sentiu-se agarrado por dois braços que o apertavam a um peito:

— Olá, dr. Jango! Que pressa! Ainda me conheces? Pois sarei. Por causa de umas perebas que tinha na perna, todos me julgavam leproso. Mas não era nada, graças a Deus. Estou sãozinho!

Mas Jango nada ouvia, com os olhos arregalados como se estivessem embebidos numa ronda de anjos a cirandar no fundo do horizonte. E o outro, espantado:

— Não me conheces mais? Sou o Calunga.

— Calunga! Calunga! — Tartamudeou o médico.

E, de repente, como quem se lembra, abrindo imenso os olhos:

— Arreda, lazarento!

E, com um arranco tremendo deitou a correr, enquanto o Calunga rolava no tijuco da estrada. Chegou á ponte, sob a qual o rio rolava caudaloso, a roncar, remoinhante, turvo, engrossado pelas chuvas de dezembro, e de um pincho, cahiu na torrente, desaparecendo no redomoinho, para resurgir á tona das águas, mais abaixo, descendo...

(de "Os Desgraçados", em preparo).

OLIVEIRA E SOUSA



A ENTREVISTA

A sombra da velha figueira brava, que era como que o prolongamento do rancho de Chico Marques, Rosinha, sua filha, torrava saborosos beijús de farinha de milho, por encomenda de André Lima. Levando ao forninho raso, de cobre, que tres tacurús de cupim sustinham, o restante da tarefa, que se impuzera naquelle dia, attentou para o sol, a esmar que horas seriam.

Ainda faltava muito para o escurecer. Retirados os beijús, com a pá de cabo curto, de cedro, imprimia á quirera movimentos ligeiros, de vai-vem, virando-a e revirando, quando lhe pareceu ouvir ecos longinquos de aboio.

Como a julgasse estar a ponto, estendeu a canhota para traz, pegou do balaio, tecido de taquara e forrado de alva toalha de algodim e recolheu a derradeira fornada.

Levantando-se do mocho de couro de bezerro, em que se achava, levou o balaio á cabeça, em lance rapido, que lhe era peculiar.

No desalinho do serviço caseiro, avultaram-lhe as fórmãs, isentas de artificios.

Despido o casabeque, por minorar o calor, pelos hombros desciam-lhe as alças da camisa de algodim, enfeitada pelo cabeção de croché, obrigando-a de continuo a endireital-as, em erguimentos de braços, que por vezes lhe punham á mostra as axillas.

A saia, de chita ordinaria, azul-marinho, completava-lhe a

escassa vestimenta. Desconhecia os mil e um recursos, de que se vale a astucia feminina para vaidosamente moldar a natureza em formas que a moda estabelece.

A musculatura desenvolvia-se-lhe á mercê dos exercicios naturaes, sem plano algum preconcebido.

Implantada airoosamente no busto, a cabeça toucava-se-lhe de abundante cabelleira negra, de fios lisos, repuxados, em trança, para traz.

Ria-lhe a mocidade pelos olhos pretos e movediços, um tanto nipponicos, a denunciar sangue indigena.

Dos labios sanguineos, polpudos, que facilmente se descerravam, deixando ver os dentes, por faceirice aguçados a faca, parecia fugir-lhe o nariz, em arrebito provocador.

A cutis, apesar de morena, tirante a terra sienne, salpicava-se-lhe de sardas, a que nenhuma attenção prestava.

Queimada igualmente pela inadvertida exposição ao sol, pelo colo, amplo, acolchoado, continuava a mesma pigmentação.

Enfunando a canisa, adivinhavam-se-lhe os seios, a crescer, mal educados, sem constrangimento algum.

Si bem que em nenhum concurso de belleza em rodas elegantes alcançasse premio satisfatorio, ainda assim, nos arredores da Brejão, fazenda em que Chico Marques se radicara, feito aggregado, não havia morena que mais deflagrasse o entusiasmo da rapaziada.

Nenhuma, como ella, saltava com tanto donaire ao dorso do seu cavallo castanho, quando ia a alguma festa na vizinhança, nem sabia mais carinhosamente ordenhar as crioulas leiteiras, muitas das quaes acceitava como redomonas para amansar.

Costumada aos trabalhos domesticos, sabia, por outro lado, divertir-se como poucas, dando causa ás solicitações dos festeiros, que instavam pelo concurso de Rosinha, famosa nos saracoteios do siriri, que dirigia alegremente.

Então, rondavam-lhe em torno os appetites dos homens, attrahidos pela graciosidade jovial da rapariga.

Por evitar-lhe possivel descaminho, a prudencia paterna cedo a prometteu em casamento ao Lulú Cambaio, caboclo mal apesoado, mas diligente, que se avantajára no conceito de Chico Marques, por ter com que viver sobre si.

Rosinha acceitou o noivado, apenas em satisfação á escolha do pae.

Não desgostava do Lulú, apesar da má catadura, que a zanga lhe dava; mas dahi para o eleger seu companheiro de toda a vida, dentre a chusma dos admiradores que a requestavam, ia não pequena differença.

Por seu gosto, continuaria a povoar a casa paterna, com a sua

alegria expansiva, até que encontrasse alguem que lhe bulisse mais fortemente com o coração.

Assim pensando, á lembrança vinha-lhe a imagem de André Lima, conducticio de todas as comitivas boiadeiras, que tiravam gado no Brejão, vaqueiro dextro, desempenado de porte, gabola como elle só.

O simples facto de ser morador da cidade, carreava-lhe certo prestigio, que focalisava as atenções nas rodas caipiras.

— Porque o Lulú não havia ao menos de saber conversar como o sêo Lima?

A' pergunta que entre si fazia, não achando resposta, Rosinha proseguiu em direcção á porta do rancho, que dava para o terreiro, por onde se occultou.

Dahi a espaço, quando surgiu, do lado opposto, na frente, os braços desapareciam-lhe nas longas mangas do vestido de chita vermelha, pontilhada de bolinhas brancas, debruado de tom mais rubro, nos punhos, na golla, no cinto, na barra.

Fitou os olhos em rumo da Piuvinha.

Sobre a françaria verde negra do arvoredor, a poeira, illuminada pelo sol a descambar, denunciava, em esteira doirada, a marcha dos cavalleiros. Não tardou que apontasse Lulu' Cambaio, feito guia, na bocca do vaquejadouro, largo e 15 braças, rasgado atravez do Cambarasal, que morria na Pindinha. E aboiou, com toda a força de que era capaz.

A' medida que se approximavam, avolumava-se o estrupido dos animaes, de envolta com a cantilena do guia, os gritos dos vaqueiros, o tatarar das aspas que se entrechocavam. Satisfeita, Rosinha acompanhava o andar vagaroso da vaquejada, atravessando o largo fronteiro á casa grande, que ia até ao curral, interessando-se pelas ultimas peripecias do serviço.

De proposito, ou por descuido, André Lima deixou que do rebanho garrasse um matungo araca, de rijas pernas corredeiras.

Cavalgando animal de confiança, a que deu de redea, ao mesmo tempo que lhe cutucava as ilhargas com as rosetas da chilena, a breve trecho o vaqueiro estava emparelhado camarez, cuja vassoura tomou em sua mão possante. Abrindo o cavallo, quanto havia mister, carregou para o lado a cauda do boi arisco, perturbando-lhe a carreira.

Rosinha não perdeu de vista uma só das phases do episodio vulgar, que sempre a encantava, quando rematado com o desembaraço dum vaqueiro, como o André Lima.

Conheceu, matungo! bradou inconcientemente, assim que o animal, perdendo o equilibrio, virou de cambalhota, erguendo as patas para o ar.

Quando, mais tarde, recolhido o gado ao curral, os vaqueiros se encaminhavam para o corixo, de agua fria, a refrescar o lombo aos cavallos, era para André que Rosita dirigia com mais insistencia o seu olhar risonho.

O caminho beirava o rancho de Chico Marques, á cuja porta, encostada á humbreira, Rosinha assistia ao desfilar dos homens. Todos conhecidos, a cada um dos quaes tinha uma palavra amavel ou zombeteira que dizer. A' passagem do André, o terceiro da fila, perguntou-lhe em tom de convite:

A sua encommenda está prompta, quer ver?

O rapaz não se fez de rogado.

Em verdade, não se lembrava do que na vespera pedira atôa, por brincadeira.

Entretanto, gostou de ver sobre o jorro branco do balaio o comoro de ouro da farinha de milho, que Rosinha lhe apresentava.

Tomando de um beiju', levou-o á bocca.

Soube-lhe bem a prova.

Gabou o trabalho da moça, feito com tanto capricho, que de certo iria ser muito apreciado por sua velha mãe, a quem levaria de lembrança da viagem. Da obra para a obreira, era facil a passagem que André transpoz, exaltando-lhe as prendas e a belleza. Virgulando de muchochos aos elogios, que lhe apraziam á ingenua vaidade.

Rosinha deliciava-se em ouvir a prosa do forasteiro ardisoso, que adiantou.

— Pois é como lhe digo: uma pessoa como vancê devia de ir p'ra outro lugar mais bonito e melhor que este occo do mundo. Porque não se muda p'ra cidade? A ideia não desagradava á Rosinha, a quem fascinavam as historias do formigueiro humano, onde a gente encontrava tudo quanto desejasse. O assumpto seduzia, mas a aproximação do Lulu' cortou-lhes a conversa. Acertaram novo encontro, ao pé da figueira, quando a lua sahisse. A' essa hora, mais facilmente poderiam reatar a palestra interrompida.

— Bem cedinho, trarei o sapicuá para vancê acondicionar a farinha. Até amanhã. Por mais que estugasse os passos, e alertasse os ouvidos, Lulu' apenas percebeu as ultimas palavras, pronunciadas intencionalmente para lhe desviar a attempão, e que lhe não deram allivio algum á zelosa desconfiança. Macambuzio, chegou á noiva que lhe extranhou a cara de poucos amigos.

— Para vancê, melhor é andar a gente feito papagaio em tempo de milho verde, como Tio Lima, não é?

— Então, porque sou noiva, devo ficar encafuada lá dentro e não posso mais mapiar com as visitas? Pois meu genio é assim e, si não lhe convem, ainda é tempo de remediar.

Avisado a censurar as leviandades da noiva, na presença de Chico Marques, que lhe apoiava as palavras, Lulu' Cambaio sobremaneira enraiveceu com a resposta inesperada, a que não quiz retrucar.

Proseguiu caminho, enfesado como touro expulso do rodeio, em que apparece rival mais robusto.

Nem quiz acceitar, depois do jantar, o convite para se abançar á mesa do jogo, que André Lima organisou, animando-a com a sua tagarellice. Retardario, chegou, acompanhado do seu cão "Sentinella", o Chico Marques, trazido pela attracção das cartas, tão logo percebeu, no galpão grande, onde se abrigavam as comitivas, luz fóra de horas, indicio de novidade. Assim que o viu, André levantou-se:

— O meu lugar é p'ra tio Chico, o jogador mais zafimeito destas bandas. Quero aprender com elle, sapeando de fóra, como o Lulu'.

Pretendendo observar, sem ser notado, este recusou, ainda mais irado.

Amantou-se na escuridão, que não seria tamanha para os que estivessem de olhos afeitos á ella, mas sufficiente para livral-o da vista dos que se aggrupavam em torno da candeia.

Pretextando motivo imperioso, dahi a bocado André retirou-se, pombeado pelo Cambaio, que de caminho, passando perto da casa, resolveu tomar a sua fogo central, calibre 20, que não negava pontaria.

Dando volta pelo cerrado, que orlava a campina, foi ter á figueira brava, no ponto aprazado.

Negaceando-o, Lulu amoitou-se na galharia da goiabeira mais proxima, de onde podia espreitar-lhe os movimentos, como vigia de roça, trepado no giráu de espera.

Quando a claridade baça do minguate começou de alagar os ares enfumaçados, a sombra da figueira, projectando-se ao longe, transpoz o rancho, que se manteve em semi obrunidade.

Abriu-se a porta, em cujo quadro, tendo por fundo o interior escuro do rancho, se destacou um vulto feminino.

Era Rosinha que, cerrando sobre si, de mansinho a porta de piuva, attendia pontualmente ao compromisso, procurando a figueira, debaixo de cuja copa estivera quasi toda a tarde.

Apressurado em realisar o seu plano, André lhe veio ao encontro, e, enlaçando-a, não viu algum esboço de relutancia, pela

cintura, com o 'braço direito, ia a mais e mais estreitando-a contra o peito, á medida que se encaminhavam para abrigo mais propicio, ao pé da arvore.

Cochichava-lhe palavras, que mal chegavam em sussurro aos ouvidos attentos de Lulú. A certa altura, meio que estacavam, e no silencio, discreto como a penumbra, que os envolvia, soou o primeiro beijo.

Ao mesmo tempo, foram os moradores do Brejão sobresaltados com as detonações simultaneas quasi de dous tiros de espingarda de baixo calibre.

No dia seguinte, á hora combinada para a apartação da boiada, baixavam á cova, rasgada no cemiterio da fazenda, os corpos de André Lima, fulminado por certa bala que lhe penetrou pela nuca, levando-lhe os incisivos medios, e de Rosinha, que pouco lhe sobreviveu, com a cabeça cravejada do saquarema, ambos envoltos nas redes em que dormiam o ultimo somno.

E desde essa noite fatal, ninguem no Brejão nunca mais viu o Lulú Cambaio, nem lhe soube do paradeiro.

BRAZ DA SILVEIRA.



LITTERATURA ESCOLAR.

I

A Directoria Geral da Instrucção Publica vae fazer, estamos informados, uma coisa muito aproveitavel: espalhar, por todas as escolas do Estado, pequenos livros de contos, escriptos em linguagem clara e singela, e que despertem na creança, um amor intelligente ao que é bom e justo. Simplesmente isto. Porem esta noticia, que decerto vae ser lida com desdem por muita gente, tem importancia bem maior do que á primeira vista parece.

O pensamento da Directoria Geral, suppomos, é o de vulgarisar historias faceis e entendiveis, simples e naturaes, suggeridas nas lições sadias da vida e contadas sem arranques de lyrismo, historias que, em summa, inclinem para os bons caminhos a alma infantil, sem o estafado recurso dos fogos de vista e girandolas verbaes.

E' sob este angulo, precisamente, que importa avaliar a excepcional importancia da ideia.

Quem conhece a nossa litteratura escolar, nota o quanto ella carece de obras desse genero. Temos um sem numero de livros, é verdade; todos traçados com a superior preocupação de estimular na creança as boas tendencias — mas poucos attingem cabalmente o alvo a que se propõem. Por que? Estados que o mal reside no excesso de litteratura que muitos autores enxertam nas suas obras, a modo de nellas annullar todas as possiveis qualidades e virtudes. Não ha fugir á esmagadora evidencia desta asserção. Observando-se alguns dos nossos livros escolares, põe-se de mani-

festos, com uma clareza meridiana, a rigorosa exactidão do que affirmamos. Inspirados nas melhores intenções e voltados para os mais honestos designios, — esses livros atraçoam o seu programma, com besuntarem as noções que pretendem propagar, duma espessa camada de literatura, que grandemente as deforma e vicia. Porque a literatura a que alludimos, não é aquella genuína e forte, que apanha tudo no flagrante do seu feitio, e tem a sua expressão natural numa linguagem clara e estreme de descambatorias romanticas. Não. E' uma literatura affectada — melhor seria chamar-se-lhe literatice — que faz estrophes lacrimějantes ante o menino que matou um passarinho, etc. — e que dá, assim, uma visão postiça da realidade.

E' tempo de darmos ás coisas os seus verdadeiros nomes. Se nós toleramos o estylo artificioso e rebuscado, se conceituamos de mediocre a arte que quer surprehender os aspectos atravez dum prisma lambusado de sentimentalismo, se achamos que essa arte é falsa e pouco honesta — por que diabo havemos de admittir que ella seja impingida ás creanças, em cuja cerebração vae cavar as mais profundas estrias de pieguice e de romanticismo mórbido? Que proveitos poderão resultar á infancia, de leituras que roman-ceiam, com pinceladas lyricas, as virtudes que devem formar o substracto do nosso character? Os bons exemplos devem-se impor por si mesmos, pelas suggestões que offerecem, pela eloquencia com que falam ao coração. — e nunca pela rhetorica que os envolve. Não será com os processos literarios de certos autores, que, alludindo ao Brasil, nunca o designam simplesmente pelo seu nome, mas requentando o safado *cliché* “glorioso torrão natal”, ou, referindo-se á bandeira, logo remóem o indefectivel “sacrosanto pendão da nossa Patria”, ou enchem paginas inteiras de velhas e revelhas tiradas declamatorias — não será com isso que se formam os homens. Com isso, o que se forma, são poetastros, individuos com o espirito atolado em lyrismos enfermos, que enxergam o mundo por traz das lentes deformadoras de uma literatice perigosa, e que, por isso mesmo, nunca vivem em contacto com a realidade.

Ora, é contra isso, se bem comprehendemos, que a Directoria Geral se propõe erguer. Os livros que ella vae disseminar, “A menina do narizinho arrebitado”, de Lobato, á frente — são livros-protesto, livros-bandeira, que indicam expressivamente quaes os seus intentos.

Insistimos: sob este angulo, o novo plano é magnifico. A sua effectivação revolucionará os arraiaes das letras escolares, perseguindo o microbio da literatura maneirosa e fingida — muito boa para formar poetaços, porem duvidosa para homens.

II

Somos um povo de rhetoricos, diz uma velha phrase definitivamente inscripta na ordem dos logares communs. A' margem de tudo, com proposito ou sem elle, vivemos a desentranhar-nos em grandes palavras sonoras, numa exuberante affirmacão da nossa veia litteraria. Fazemos litteratura nos discursos politicos, nos relatorios officiaes, nas cartas de amor, nos elogios funebres, nos annuncios dos periodicos, em qualquer coisa, em summa, entre ou não a pique uma tirada de lyrismo.

Os resultados que derivam dessa plethora de palavrosidade são, ás vezes, bem pouco lisonjeiros para nós. A todo momento com uma persistencia deploravel, assistimos ao spectaculo de *gaffes* que tremendamente nos compromettem. Senhores de faces severas, gravebundos conselheiros, com uma posição destacada na sociedade a lhe exigir attitudes sobrias e compostura sisuda — soltam amiúde nas suas phrases imagens afadistadas, que lamentavelmente atraçoam a pretensa austeridade dos seus principios.

— Aos róseos albores da aurora, quando o glorioso astro-rei se erguia, espargindo os seus primeiros auri-fulgentes raios, etc.

Quem disse isto? O poeta ali da esquina, o suspiroso autor das "Queixas a Julieta"? Não, senhores, foi o estadista Fulano, num dos seus ultimos discursos, entre representantes de paizes estrangeiros.

Ora, é possivel que, assim, nos tomem a sério? E' claro que não. Neste ponto, somos os primeiros a não nos tomar a sério, e fazemo-nos justiça, acceitando, sem protesto, o titulo, que já é chavão, de poetas e declamadores incorrigiveis.

O caso, todavia, tem solicitado a attenção de alguns espiritos preocupados em reivindicar-nos o papel que deve regular a nossa conducta. A raça, o clima, a natureza, e muitas outras coisas, têm sido invocadas como responsaveis do nosso verbalismo e incontinencia romantica.

Entretanto, não nos lembra ainda ter lido nada sobre a litteratura infantil, que, sem duvida, deve responder em grande parte por essa nevrose. E' impossivel negar isto, sabida a forte preponderancia que sobre o nosso espirito exercem as primeiras leituras, extendendo o seu prestigio a todas as nossas acções, mesmo áquellas que mais independentes e emancipadas pareçam da sua influencia. Nos tempos de antanho, preparavam-se os heroes cevando as almas jovens nos livros de aventuras cavalheirescas. Acabada a leitura daquellas obras, onde scintillavam fardas e armas de ouro, e refulgiam tantas virtudes, os jovens, ao volver á vida, sentiam-se como que deslocados num ambiente onde os homens

vestiam apenas uma jaqueta, e usavam como armas a felonía e a intriga. Dahi o assomo com que empunhavam uma espada, e arremettiam contra as coisas que brigavam com o seu ideal.

Hoje, porém, que já se não usam aquellas cavallhadas — é natural que se não leiam as obras que as estimulavam. Um individuo que em nossos dias se fechasse com taes leituras, seria um inactual, um resuscitado, um *révenant*, um typo sobre o qual conviria a policia voltar os olhos. Na actual sociedade, principalmente em a nossa, nova e tumultuaria, onde se requerem muitas e viris energias, é preciso um programma de leitura infantil, todo especial, perfeitamente adequado ao meio e ao tempo.

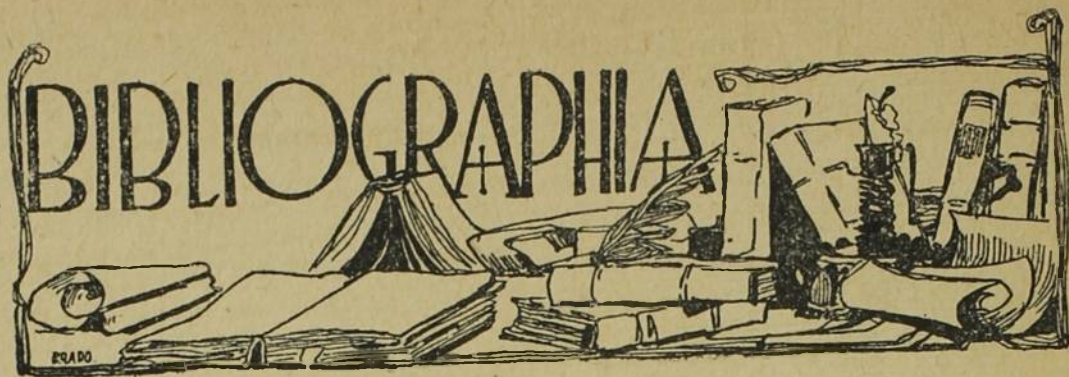
Esse programma, no entanto, não está sufficientemente organizado. A literatura infantil, a escolar, com ella, carecem de algumas correccões tendentes a apropiá-la ao escopo que pretende. Prejudica-a, como dissemos em capitulo anterior, a influencia de diversos antores sem a simplicidade necessaria em obras apreciáveis para meninos. De uma vez por todas precisamos oppor embaraços a todos os escriptores de livros refertos de phrases sentimentaes e de gemebundas cantatas á “nossa cara Patria”.

Um menino educado sob o influxo dessas leituras, fica um extraviado no mundo que o rodeia, e, como consequencia, um homem inutil para qualquer trabalho. A unica tarefa, então, para que póde sentir um mais decidido pendor, é a poesia. Mette-se dahi a inundar os periodicos com uma versalhada choramingas, ou com palmos de prosa chilra e cheia de desaforos ao paiz, que não comprehende, á sociedade, a tudo, menos ás saias da sua Elvira. E ao depois disso, na vida inteira, a sua unica missão será a de versejar. Verseja para a namorada, verseja nas actas e relatorios, se for vagabundo, e versejará amanhã na camara, se for deputado. E como os seus companheiros, em grande numero, fazem a mesma coisa, todos se sentem muito bem uns ao lado dos outros.

Ainda com as primeiras espinhas, vá, eram naturaes e permissiveis esses transbordamentos da veia poetica. Mas levar a vida fazendo poetice e rhetorica, isso, caramba, é ridiculo.

Sejamos poetas, sim, mas sejamol-o de verdade, ou renunciemos a esse officio. Entre a poesia, legitima expressão dos fortes temperamentos abeberados de idealismo sadio, essa poesia que embeleza a vida e alenta a consecução de tudo o que é grande — e a outra, a poetice piegas, onde apenas se refugiam os maricas — ha uma larga distancia, que importa definir com criterio e intelligencia.

AMERICO BRUSCHINI.



Francisco Soto y Calvo — ANTOLOGIA DE POETAS LIRICOS BRASILEÑOS — Agencia General de Libreria y Publicaciones. — Buenos Aires, 1922.

O sr. Francisco Soto y Calvo não é apenas um dos mais notáveis poetas que escrevem em idioma castelhano, um autorisado critico d'arte e um novelista cheio de imaginação; além desses talentos, possui elle o rarissimo engenho de traductor. Elle sente-se tão livremente na traducção dos versos estrangeiros como quando compõe os seus proprios poemas. A rima, o rythmo, as cesuras e outras difficuldades da fórma do verso não o embaraçam para interpretar, com surprehendente justeza ás vezes, o pensamento do poeta exposto em outra lingua. E' que elle, ao par de um profundo conhecimento do proprio idioma e da segurança com que verseja, parece ter ainda a faculdade da adivinhação, que se revela a cada passo, dando expressão clara ás mais terriveis difficuldades do texto original. As idéas mais fugitivas apanha-as elle de uma maneira triumphante. A "Antologia de Poetas Liricos Brasileños," que é um farto volume de cerca de quatrocentas paginas, da qual fazem parte cerca de mil poesias de cento e cincoenta poetas brasileiros, desde Anchieta até á epoca presente, é a obra mais cuidada e mais séria que se tem feito de divulgação, no estrangeiro, dos genios poeticos da nossa raça.

Para que os leitores façam idéa, aqui reproduzimos a versão do soneto de Francisca Julia, "Rainha das Aguas," que é o ultimo da Anthologia. Eil-o:

LA REINA DE LAS AGUAS

Mar afuera, do rie el mágico tesoro
Soltando y sacudiendo la ondeante cabellera,
Del mar corta la pampa que se desdobra entera
En una azul estepa con gran franja de oro.

Reina a popa un tritón de escámeo dorso moro:
Van al frente delfines; y nadando en hilera
Y en las olas siguiendo la alba estela ligera
Las piérides cantando van a compás y en coro...

Crespas cantan em torno las ondas en sordina
Y lamen popa y proa de la nao que camina
Noble en la mar afuera su altiva ruta ufana...

Y en alto el flavo sol que asoma entre desmayos,
Saluda el otro sol de coruscantes rayos
Que forma alba la frente de la alba soberana.

Não sabemos por que o sr. Soto y Calvo chamou lyricos a todos os nossos poetas, desde os do seculo dezeseis aos da actual geração, quando é verdade que fazem parte da sua Anthologia poetas de todas as escolas e feitios, classicos, epicos, romanticos, satyricos, parnasianos e de outros rótulos. Mais isso não tira o valor á obra, na qual o illustre poeta e escriptor argentino revela o seu grande talento e a sua immensa capacidade de trabalho.

Ernesto Mario Barreda — LAS ROSAS DEL MANTO'N,
(Andanzas y emociones por tierras de España) — Socie-
dad Cooperativa Editorial Limitada. Buenos Aires, 1917.

O sr. Barreda é um poeta, e a sua obra poetica já orça por uma meia duzia de volumes, com os quaes conquistou, no meio literario buenaiense e em outros centros onde se fala o idioma castelhano, uma notoria reputação. Geralmente os poetas são máos prosadores. O verso é um carcere amavel, que não permite ao poeta a liberdade de se estender além do limite da estrophe, e dentro della tem elle de encaixar idéas e pensamentos, que, se fossem expostos em prosa, exigiriam longas paginas. Essa escravidão acaba por tornar-se habito. Os presidiarios, que durante largos annos arrastaram uma corrente aos pés, quando postos em liberdade e libertos das suas correntes, ainda continuam a sentir-lhes o peso. Assim os poetas. Em vão a prosa está a exigir-lhes liberdade de acção e de movimento, mas elles continuam a ser escravos anciando por dar á prosa um rythmo que lhe não é proprio e por dar limite a idéas que anceiam por amplitude. Os poetas bem sabem disto, e para illudir-se recorrem a uma eloquencia artificiosa e derramada. Raros são os que logram manter-se nos justos limites. Entre estes está o autor desse lindo livro de impressões de viagem, que são "Las Rosas del Mantón." O sr. Ernesto Barreda é um prosador cheio de qualidades. A sua prosa tem muito brilho e colorido. O seu livro é um conjuncto de impressões que foi colhendo através de uma demorada viagem por terras de Hespanha. Curiosidades locaes, costumes, modas, typos, anedoctas, tudo isso foi apanhado em flagrante, com um grande censo de observação e com o proposito de não se afastar da verdade. E' sobretudo um livro sincero.

Ernesto Mario Barreda — DESNUDOS Y MASCARAS (Pro-
sas de vida y de novela). — Cooperativa Editorial Li-
mitada. Buenos Aires, 1920.

Referindo-nos a este escriptor, dissemos, linhas acima, que elle é um prosador cheio de qualidades. Essas qualidades revelam-se ainda mais neste volume, precisamente por ser de contos e novellas. Este escriptor mostra-se

desembaraçado quando trata a novella. Os seus contos são tão habilmente urdidos que dão a impressão de ser vividos. O autor recorre, por certo, a cada passo, á imaginação, mas as suas composições são construídas com elementos de realidade. D'ahi o seu exito. Seu estylo é simples e claro, e é com o vocabulario commum que elle tira todos os seus lindos effeitos d'arte. E' um psychologo amavel, nada pessimista, que não se compraz em carregar as tintas mesmo quando o assumpto o exige, e prefere tratá-lo com delicadezas do tom.

Moises Kantor — VICTORIA COLONNA, poema dramatico em tres actos. Edição de "Nosotros", Buenos Aires, 1922.

O subtitulo desta obra parece que está a indicar que se trata de uma peça de theatro em verso, porque é corrente que se não pôde fazer um poema dramatico em prosa. Não sabemos pois por que o autor lhe chamou poema. Será poema, na opinião do autor, porque o assumpto é elevado e porque no seu drama se jogam grandes paixões. Mas isso não é razão. "Victoria Colonna" é um drama como qualquer outro. A sua acção se passa em Roma, no tempo de Miguel Angelo, de 1539 a 1547. O autor concebeu-o para os grandes effeitos theatraes, e é possivel que os tenha conseguido, sobretudo se, na scena argentina, encontrou interpretes de larga envergadura dramatica. Quanto aos effeitos literarios, esses ficaram um pouco apagados, o que não diminue o valor da obra desde que a consideremos apenas como obra de theatro. Se o sr. Kantor se propuzesse fazer realmente uma obra de reconstrucção historica, teria, senão de usar da linguagem castelhana um tanto ou quanto approximada da epoca em que a acção se passa, mas ao menos de dar á sua linguagem, na dialogação, um tal ou qual sabor antigo, o que é até um desporto agradável para os verdadeiros artistas que conhecem bem as fontes da sua lingua. Seja como for, o drama do sr. Kantor tem muito movimento e muita paixão, o que é uma segura garantia de successo para a scena.

Alberto Ghiraldo — LA CANCIÓN DEL DEPORTADO — Libreria de Fernando Fé, Madrid, 1922.

O sr. Ghiraldo é uma das personalidades mais interessantes das letras argentinas. E' um espirito combativo. Sempre extremado em idéas e opiniões, só se sente a gosto quando tem de lutar, e é bem verdade que nas lutas que provoca ou nas que é obrigado a acceitar, sempre leva a melhor, ou se não sae triumphante, sae pelo menos com a sua altivez illesa e a sua fronte erecta. Essa attitude que adoptou na vida, que é menos proposito que feitiço, tem-lhe valido innumeros dissabores e perseguições. Mas o illustre escriptor é dessas naturezas que nunca se comprazem com a vida remansosa, sentindo em torno de si o ambiente socegado; a adversidade é que o fortalece, e os adversarios, que sejam homens ou instituições, é que lhe apuram a tempera. Em toda a sua literatura, pois, que é vasta e que abrange os mais varios assumptos, se nota a cada passo essa tendencia para forçar os limites extremos. Como escriptor tem um vigor extraordinario. A sua "Canción del Deportado" é um punhado de versos. E para não contrariar a sua natureza, o verso tambem lhe serve de vehiculo para a propaganda das suas idéas de combate. Não colhe para aqui dizer se o verso é um bom ou máo vehiculo de propaganda, mas o que é bem verdade é

que o sr. Ghiraldo, mesmo manejando o verso, é o mesmo espirito livre, capaz de todas as audacias. "La canción del deportado" é um poema ardente onde ha paginas de fogo.

Juan Burghi — MADRE TIERRA — Talleres Gráficos "Index."
Buenos Aires, 1921.

Os poetas em geral escolhem para os seus themas poeticos, os episodios de amor, as suas ancias, os seus desejos insatisfeitos, os seus estados d'alma, e são estes porventura os mais interessantes ou pelo menos os que conquistam maior numero de leitores. "Que cantos poderemos ter melhores que de amores?" já o dizia Camões, versando uma velha verdade. A poesia amorosa interessa sempre aos leitores, principalmente quando estes são moços e sentem despertar em sua imaginação as primeiras curiosidades sexuaes, e não deixa tambem de interessar aos leitores de idade provecta, que vão nella buscar emoção e por meio della acordar as mil coisas adormecidas que trazem guardadas no coração. O sr. Juan Burghi é um poeta amoroso, mas de um amor de outra especie. Elle ama a natureza á maneira de Vergilio nas "Eglogas". Em "Madre-Tierra" ha poesias embaladoras. Os bois que vêm do trabalho, um carro carregado de feno, a palhoça do lavrador, a faina da lavoura, as aguas regadias e outros encantos pastoris são os seus themas predilectos. Nas suas poesias a mulher é apenas uma figura que serve para completar o scenario. Ha na sua poesia uma frescura, um aroma encantadores, frescura de aguas correntes, aroma de flores silvestres. Nada ha de artificial e de complicado em sua arte. Tudo simples, tudo correntio. O verso maneja-o elle com bastante desembaraço, e a rima brota-lhe da penna com uma expontaneidade imprevisita. E' um verdadeiro poeta, e um dos mais talentosos dentre a moderna geração argentina.

Enrique Bustamante y Bolivian — AUTOCTONAS (Odas americanas) — Arnó Hermanos, Libreros Editores. La Paz, Bolivia, 1920.

Dentre as homenagens que, por motivo do primeiro centenario da sua independencia politica, foram prestadas ao Brasil por alguns estrangeiros illustres, uma das mais brilhantes e significativas prestou-a este grande poeta boliviano, reunindo numa formosa e farta Anthologia uma enorme collecção de poesias brasileiras, onde figuram os nossos melhores poetas de todas as epocas. Essa homenagem, como a que prestou igualmente o grande poeta argentino sr. Soto y Calvo, tem mais valor que todas as outras, porque representa um labor assombroso e porque está destinada a perpetuar-se na memoria agradecida de todos os brasileiros.

O sr. Bustamante, que apenas conheciamos através das suas versões, das quaes algumas, seja dito de passagem, são magnificas, revela-nos, em suas odes americanas "Autoctonas", um poeta de larga envergadura e de recursos poderosos. O seu amor pela velha e infeliz raça inca está latente em todos os seus poemas e é para ella que dirige o seu olhar enternecido. A composição com que abre o livro, "El Alba", é feita ao gosto da "Asheverus" de Ed. Quinet, em que as personagens que falam são o sol, as estrellas e as nuvens. E', como se vê, uma poesia alcandorada com laivos de epopéa. O poeta mantem a sua inspiração nessas alturas, o que bem evidencia o seu engenho. Se a nós nos coubesse a obrigação de informar os

leitores a que especie de escola pertence o sr. Bustamante, diríamos que a romantica, na sua ultima phase. O poeta é, por vezes, um hugoano, e é de presumir que seja Victor Hugo o poeta da sua predilecção.

Alexandro Sux — TODOS LOS PECADOS — Ediciones Literarias, Rua de Lille, Paris.

Na Argentina, como no Brasil, todos os escriptores se iniciam nas letras pela poesia. Esta é o tributo da mocidade. Tanto os argentinos como os brasileiros, logo que o sexo desperta e entram a notar que o coração não é apenas um órgão destinado a propellar o sangue para as arterias, mas um santuario onde se esconde o amor e as mil coisas indiziveis que delle promamam, a primeira coisa de que se lembram é versejar, é expandir por meio de linhas curtas e rythmadas as suas ancias e desejos insatisfeitos. O sr. Alexandre Sux começou, pois, por onde devia começar, isto é, pelo verso, e a elle dedicou a sua adolescencia e primeira mocidade. Mas a vida arrastou-o em sua engrenagem, e elle, convencendo-se de que o verso é um instrumento fraco para exprimir todas as idéas que ia adquirindo em contacto com a vida, tentou-se pela prosa, e produziu, no decurso de uma brilhante carreira literaria, uma dezena de volumes sobre os mais varios assumptos, critica, novella, chronicas. Mas a saudade do verso, existindo sempre latente em seu coração, trouxe-lhe uma braçada de inspirações, que resumiu nesse livro encantador a que deu o titulo de "Todos los peccados". São poesias de amor. E o sr. Sux mostra-se hoje, mais do que antes, um poeta conceituoso, que dispõe de uma lingua mais rica, mais precisa e mais segura. A sua poesia já não tem aquelle calor de juventude, mas é, em compensação, mais pensada e mais apurada. O que antes era instincto é hoje razão, e porisso mesmo, segundo o nosso gosto, este seu ultimo livro de versos é muito preferivel aos anteriores.

Cuentos uruguayos — MONTIEL BALLESTEROS — Florença, Italia, 1920.

Pelo titulo julgar-se-ia que este livro é uma collecção de contos regionaes com bastante cor campesina. Ha, de facto, no volume, alguns contos desse genero, que são, de resto, os mais interessantes; mas a maior parte delles são episodios da vida citadina, tratados com muita arte e emoção. O sr. Ballesteros não tem pretensões de psychologo, elle narra, em linguagem clara e elegante, os episodios que o impressionaram e não procura tirar delles nenhuma lição philosophica. Todos os seus contos se lem com prazer porque os factos se encadeiam com muita logica e porque elle tem a habilidade de lhes dar um cunho de realidade. E' este o melhor elogio que se pode fazer a um verdadeiro escriptor.

J. C. S.

GALERIA DOS EDITADOS



MENOTTI DEL PICCHIA,

autor d' "A mulher que pec-
cou" e "O Homem e a
Morte".



DEBATES E PESQUIZAS

A REVOLUCAO DOS CARAMURUS

Fracassara, afogada pela ferrea autoridade de Feijó, a revolta de 3 de abril de 1832, ou seja o "Motim dos Jurujubas", nome com que passou á Historia essa interessante conspiração contra a Regencia.

Entretanto, o tempo era de borrascas e tempestades. Quatro jornaes prégavam francamente a revolta: "O Caramurú", "O Carijó", "A Malagueta" e "A Matraca".

Se os descontentes, de facto, conspiravam francamente, tambem o Governo se conservava em actividade, organizando e armando batalhões de populares devotados á legalidade, tendo por instructores o então major Luiz Alves de Lima, futuramente duque de Caxias.

Deante desse movimento marcial, a cidade, inquieta e febril, esperava a qualquer hora uma revolução.

Afinal os galfarros da policia secreta de Feijó denunciaram o proprio Paço de S. Christovão, onde moravam Pedro II e o seu tutor, José Bonifacio, como o antro dos conspiradores. Um chronista de outr'ora assim relata a acção do Governo, deante da denuncia:

— "Dizia-se que no Paço da Quinta da Boa Vista reunia-se gente armada, pelo que ordenou o ministro da Justiça que o juiz de paz do Engenho Velho fosse á Quinta de S. Christovão tomar conhecimento judicial da força ali reunida e por ordem de quem se pegava em armas;

dirigindo-se o juiz ao Paço, informaram-lhe que não eram exactos os boatos espalhados, e que não se pegava em armas ali, senão por ordem do delegado daquelle logar.

O Governo requisitou do tutor do Imperador a entrega de duas peças de artilharia que havia na Quinta Imperial, mas recebeu em resposta que essas peças de calibre 1, e que haviam servido de recreio aos principes D. Pedro e D. Miguel, estavam sem prestimo, sem valia".

O padre Feijó, secretario da Justiça, aceitou as explicações de José Bonifacio, porém criou apressadamente mais um corpo de guardas nacionaes, que, graças ao major Lima e Silva, em poucos dias já manejava regularmente as armas.

Afinal, estalou o esperado movimento. Enquanto o capitão-tenente Machado, acolytado pelos andradistas Conrado, Tota e Bricio, procurava desembarcar os martheiros da fragata "Imperatriz", na praia da Gloria, levantava-se em plena madrugada, na Quinta da Boa Vista, um batalhão excellentemente armado e municiado, com duas peças de artilharia, as mesmas que José Bonifacio dissera imprestaveis.

Neste ponto, fala ainda o Dr. Azevedo, chronista imparcial daquelle tempo:

— "Estava premeditado o ataque em diversos pontos; enquanto tentavam alguns assenhorear-se dos arsenaes, reuniam-se outros na Quinta da Boa Vista, e na madrugada do dia 17 arregimentavam-se,

formavam uma força de 250 homens, composta de criados da casa imperial, de guardas nacionaes do Engenho Velho, S. Christovão e Bemfica, de alguns estrangeiros e officiaes brasileiros e marchavam para a cidade, sob o commando do barão de Bulow, arrastando comsigo duas peças de artilharia encontradas no Paço da Boa Vista. Traziam esses revoltados um laço vermelho no peito como os companheiros de Camillo Desmoulins, na revolução franceza que, para se reconhecerem e se defenderem, collocaram no chapéu uma folha de castanheiro; chegaram até o Rocio da cidade Nova (hoje Praça 11 de Junho), dando vivas a D. Pedro I e clamando — “Abaixo o Governo!”

Estava a força de linha formada no quartel; a guarda nacional postada no campo da Honra (hoje Praça Tiradentes) e incumbira-se o major Manoel Antonio da Fonseca Costa (posteriormente barão da Gavea), de conduzir do quartel de Mata Porcos para a cidade o corpo de cavallaria de Minas, para não deixal-o exposto ao ataque dos rebeldes.

Informados da attitude energica do Governo, retrocederam os revoltosos e chegando ao campo o batalhão da freguezia do Sacramento, que por ordem superior se dirigira ao cães da Gloria, recebeu aviso para marchar pela Rua Nova do Conde Mata Porcos, afim de tomar a retaguarda dos facciosos, que caminhavam em retirada pelo Aterrado.

Era commandante do batalhão o tenente-coronel Dr. Saturnino de Souza e Oliveira; mas seguiu sob o commando do instructor, o major Luiz Alves de Lima, cuja bravura e conhecimento militares (diz “A Verdade”, periodico), muito animavam o commandante e batalhão, que nelle puzeram a mais plena confiança.

Marcharam sobre o inimigo pelo Aterrado, a cavallaria da guarda nacional, a de permanentes e os oitenta homens do esquadrão de Minas, commandados pelo capitão Peçanha. Reunidos esta força e o batalhão do Sacramento, carregaram contra o inimigo, que se postara na chacara do Siqueira; sustentou a cavallaria de Minas o primeiro choque, disparando o inimigo as peças; e fazendo alguns passos á retaguarda para a infantaria poder operar, mandou o major Luiz Alves de Lima avançar o batalhão e fazer fogo: e

após um tiroteio de um quarto de hora, a cavallaria e os primeiros pelotões do batalhão do Sacramento desbarataram os rebeldes, dispersaram-nos e aprisionaram alguns, fugindo muitos favorecidos pelo lusco-fusco da madrugada e pelo fumo da polvora e mataram uns vinte, tendo conseguido fugir o barão de Bulow, o redactor do “Caramurú”, e diversos officiaes de alta patente. Das forças legaes ficaram feridos o capitão Peçanha, da cavallaria de Minas, o anspessada do 1.º corpo de cavallaria Luiz Antonio de Azevedo, e um municipal permanente.

Terminado o tiroteio marchou a guarda nacional até o largo do Paço, onde saudou com entusiasticos vivas ao imperador, que se achava em uma das janellas do Palacio, sendo acolhida nas ruas, que transitou, com grande jubilo, e ao som de vivas a D. Pedro II e á Regencia”.

Eis ahi a quasi desconhecida “Revolução dos Caramurús”, muito bem descripta no jornal “A Verdade”, de 24 de abril de 1832, supplemento. O informante era o proprio Dr. Saturnino de Souza e Oliveira, chefe das tropas legalistas.

E’ este movimento revolucionario, esquecido pela historia official de nossos didacticos, de interesse magno para a carreira do major Luiz Alves de Lima, pois foi no dia 17 de abril de 1832, vencendo rapidamente os caramurús, commandados por um ex-official do exercito allemão, que elle, Luiz Alves de Lima, ganhou os galões de tenente-coronel e com a graduação, a fama de habil chefe militar, geratriz de seus brazões de duque.

Para o duque de Caxias, essa “Revolução dos Caramurús” foi simplesmente o primeiro degrau da gloria militar.

E para os brasileiros, a definitiva affirmacão do lemma nacionalista, que nesse tempo perigava:

— “O Brasil para os brasileiros”.

E não seria o triumpho dos revoltosos uma derrota da dignidade brasileira? Que direito tinha um official allemão de destronar um principe brasileiro, D. Pedro II, para repôr em seu lugar um estrangeiro, o portuguez duque de Bragança?

Se a abdicação de D. Pedro I fôra um triumpho do nacionalismo, a reposição desse mesmo principe no throno do Bra-

sil outra coisa não seria senão a morte da honra nacional.

Mas esse movimento teve um inspirador. Quem?

O bronze do largo de S. Francisco de Paula mostra-o á veneração dos nacionalistas de 1922.

Que o cubram de flores...

Assis Cintra

("O Imparcial").

ANATOLE FRANCE E O LATIM

A necessidade e as vantagens do estudo do latim são, hoje, contestadas e discutidas. Agora mesmo uma reforma do ensino secundario, na França, occasiona viva controversia sobre o ensino do latim nos gymnasios.

Ha trinta e cinco annos, Anatole France escrevera algumas palavras em favor das humanidades greco-latinas. Essa interessante defesa de um dos maiores intellectuaes contemporaneos foi escripta nos seguintes termos:

"O declinio dos estudos latinos é terrivelmente rapido. Os rhetoricos do meu tempo liam correntemente Virgilio e Cicero. Escreviam em latim, isto é, esforçavam-se para exprimir nesta lingua morta seu pensamento ainda mal desperto. E' tudo quanto se podia pedir-lhes... Ha ainda á frente de cada classe alguns jovens apreciadores da literatura latina. Mas são já considerados como os ultimos humanistas. O grande numero desinteressava-se, cada vez mais, das coisas classicas.

Devemos affligir-nos, ou mostrar-nos surpresos? O latim retirou-se do mundo, e tende a retirar-se da escola. E' fatal. Já se restringiu muito o logar que elle occupava nos programmas. Já se lhe subtrahiram suas antigas honras; e as que restam serão solapadas, pouco e pouco, e seu desaparecimento é certo num futuro proximo. Que ao menos, não a vejamos nós, eu o espero.

Comtudo, mutilado como está, ainda é o nervo e o musculo do ensino secundario. Para substituir alguns membros, que se lhe amputaram, se tem posto alguns ramos de sciencia. Não me parece que o espirito dos alumnos tenha delles auferido o desejado aproveitamento.

Não se pôde negar que seja vantajoso saber o nglez e o allemão. Este conhecimento é util ao negociante e ao legislador, como ao soldado e ao sabio. Mas resta saber se o ensino secundario tem por objecto unico — o util. Elle é bem extenso e geral, para ser somente isto.

Não, o bello nome de humanidades, que se lhe dá, desde longo tempo nos esclarece sobre a sua verdadeira missão: tem por fim formar homens, e não tal ou qual especie de homens; deve ensinar a pensar. A sabedoria consiste em ficar contente se isso se consegue e não lhe pedir mais muitas outras coisas.

Aprender a pensar, é nisto que se resume todo o programma bem comprehendido do ensino secundario. E' porque eu recordo saudosamente os methodos, segundo os quaes se ensinava outróra o latim nas classes de letras; porque, aprendendo o latim, de tal maneira, os estudantes aprendiam alguma coisa mais preciosa que o latim: a arte de conduzir e exprimir o pensamento.

Eu lucto contra a necessidade. Que se me excuse esta vã obstinação. Eu tenho pelos estudos latinos um amor desesperado. Creio firmemente que, sem elles, soffre a belleza do genio francez. O latim não é para nós uma lingua estrangeira, é uma lingua maternal: nós somos latinos. E' o leite da loba romana, que faz a parte mais bella do nosso sangue. Os que dentre nós têm pensado um pouco fortemente aprenderam a pensar em latim. Não exagero dizendo que ignorado o latim, se desconhece a soberana clareza do discurso. Todas as linguas são obscuras ao lado daquella.

A literatura latina é mais propria que qualquer outra á formação dos espiritos. Falando, assim eu não considero, maior do que é, podeis crel-o, a extensão do genio dos compatriotas de Cicero e vejo os seus limites. Roma teve idéas simples, fortes, pouco numerosas. Por isso mesmo, é uma incomparavel educadora. Depois della, a humanidade concebeu idéas mais profundas; o mundo teve novos fremitos ao contacto das coisas, é verdade. E' verdade, tambem, que para armar a juventude nada vale a força latina...

Eu não falo dos gregos que são a flor e o perfume. Elles possuem mais que a virtude, têm o gosto. Eu quero falar

deste gosto soberano, deste equilibrio que nasce da sabedoria. E' preciso convir, porém, que sempre tiveram pequeno logar nos programmas do bacharelado

E eis ahi que o latim se tornou nos lyceus, semelhante ao grego. Não é mais uma vã sombra, juguete d'um sôpro ligeiro.

O ensino secundario despojar-se-á de mais a mais, deste incomparavel esplendor, que vinha de sua apparente inutilidade. Pois que esta transformação é necessaria e corresponde ás mudanças dos costumes não seria muito philosophico affligir-nos demasiado. Se eu sou inconsolavel, a razão é contra mim; a natureza não é nunca do lado dos que são inconsolaveis.

E' sempre uma attitudo um pouco nescia a de fazer mascarar o futuro. As nações têm o instincto daquillo que lhes é conveniente e a França nova achará, talvez, o ensino que necessita para os seus filhos. E nós outros, se este prazer egoista nos é permittido, nos rejubilaremos de haver-mos sido os ultimos chamados ao banquete das Musas.

Anatole France.

ESTHETICA INTERIOR

A actual geração de artistas e de poetas anseia por formar em si uma nova consciencia da Belleza.

Se quizermos, de accordo com os manifestos futuristas, crear essa nova consciencia da Belleza, devemos começar proclamando, com Nietzsche e Graça Aranha, que a propria existencia é uma obra de arte e que a vida só se enche de felicidade e só se torna interessante, quando reflecte o esplendor do espirito e é um conjuncto magico de expressões estheticas.

O artista é o sêr que contempla a realidade como se fosse um sonho maravilhoso, e a natureza não é senão a manifestação da sua intima energia, uma visão miraculosa da sua alma transfigurada.

Elle é creador por ter creado no infinito um mundo para si, muito diverso do nosso e dos outros seres.

A sua arte e as suas ideas são echos da musica que elle compoz dentro de si,

com vibrações suas, com motivos que desconhecemos, porque nasceram de um modo todo differente de perceber e sentir a realidade.

Em arte, como nos elevados planos da espiritualidade, não ha epocas, nem theorias, nem escolas, nem este ou aquelle meio; ha apenas individuos, centros de sensibilidade capazes de reflectirem de uma nova maneira a prodigiosa harmonia da Creação.

Cada artista deve ficar só dentro do seu sonho e a sua obra deve ser uma expressão unica e inimitavel na serie sem fim das manifestações estheticas.

O artista deve ser, no turbilhão dos rythmos, das côres e das formas, uma especie de Deus absoluto a crear um mundo extranho e inedito dentro de si mesmo.

Só assim nos revelará a sua arte um mundo, inexplorado. Pois a magia da arte consiste em nos apresentar o Universo sob aspectos sempre novos, como se para cada artista a natureza reservasse um segredo do surprehendente..

Uma nova consciencia esthetica se desenvolverá em nós se tornarmos mais rica a nossa vida interna e se, ao par de uma vasta cultura, alcançarmos uma sensibilidade mais profunda que nos faça perceber directamente a alma occulta das coisas.

Que o exterior seja visto através da nevoa translucida de um sonho.

Nas obras de arte não devemos considerar bello sómente aquillo que está de accordo com as theorias estheticas, as regras e os preceitos de certas escolas, mas unicamente o que melhor exprime o mundo interior, o que nos dá do Universo uma representação inedita e nos faz sentir mais intimamente, como Belleza, o mysterio ineffavel da Unidade infinita da vida universal.

Geralmente nos apossamos de um certo numero de ideas feitas e com ellas construimos a nossa consciencia moral, artistica, religiosa ou philosophica, de maneira que não vivemos no centro de nós mesmos, mas na periferia do nosso eu. Somos tudo, menos nós mesmos.

Deveríamos voltar á nossa unidade original e julgar a realidade com o nosso modo individual de sentir e perceber, e

não atravez do prisma imperfeito das opiniões correntes.

Sejamos na noite incommensuravel da materia como um clarão unico a illuminar o infinito e, no meio das forças desconhecidas do Universo, sejamos os unicos constructores do nosso mundo, como se em nossa consciencia tivesse o Cosmos o seu unico interprete.

Desprezemos todas as normas estabelecidas, todos os dogmas forjados atravez dos tempos, todas as ideias alheias e comecemos a formar em nós uma consciencia nova, como se tivessemos surgido hoje do mysterio inviolavel da unidade absoluta.

Sejamos genuinamente nós mesmos e então, a consciencia, liberta de todas as vestimentas inuteis, desvendará o segredo da sua existencia, communicar-se-á directamente com o Universo e directamente por-se-á em contacto com as forças occultas da vida universal.

Dentro dessa ampla liberdade cada um de nós creará a sua philosophia, a sua religião e a sua esthetica; cada um vibrará diversamente no concerto dos mundos e dos seres; cada um representará a si mesmo um novo espectáculo e será um demiurgo inedito na magia arrebatadora das côres, das formas e dos sons.

Novas harmonias, novos rythmos, tons imprevistos e deslumbrantes incomparaveis passarão como visões desconhecidas no milagre sem par das nossas sensações. E tudo será um grande sonho, um espectáculo inegalavel em que nos tornaremos, como diz Nietzsche, actores e espectadores no mesmo tempo; de uma só vez, o poeta e o poema.

Então seremos verdadeiramente artistas, porque teremos a revelar alguma coisa nova, uma differente maneira de sentir as palpitações da natureza, de interpretar a Belleza, o Amor, o soffrimento, a Vida, os mil modos de ser da incongnocivel alma cosmica, que se revela no jogo deslumbrante das forças, dos pensamentos e das emoções.

Artista é somente quem nos traz um evangelho novo e nos surprehe com o segredo magico de emoções desconhecidas. Artista é quem nos fala de harmonias ignotas e, em sua arte, se nos apresenta com um genio que desce de

alturas inexploradas onde existem thesouros ignorados e reina imperturbavel um sagrado mysterio.

Artista é o ser que encontrou o centro do proprio eu e contempla o Universo atravez desse centro, que está aoima do espaço e do tempo e fluctua, livre, sobre a voragem das ideias, dos preconceitos, das crenças e dos dogmas em que anda rolando a alma humana.

A arte superior transcende as epocas e os costumes, porque encarna realidades eternas e reflecte a vida do espirito em suas manifestações supremas.

A arte que se quer adaptar ao meio e restringir-se ás ideias correntes e ás futilidades da hora que passa, é a arte dos mediocres, incapazes de se elevarem acima dos pensamentos vulgares; é a arte inferior que impressiona as massas durante um curto periodo, mas impotente para se manter sobre a vaga dos seculos e proclamar as gerações de todos os tempos um eterno evangelho de Beleza.

A arte inferior exalta o ephemero esplendor da vida moderna, a carne que deseja e que apodrece, infiltrando em nossa alma o tedio, a inquietação e o desalento.

A arte elevada ascende a immortalidade e canta o universal; busca as imutaveis realidades e se torna vibração espiritualizadora que nos exalta e arrebatada, fundindo-nos na Unidade primordial e tornando-nos, na orgia divina de todos os deslumbramentos, o centro de luz em que o Universo se torna consciente de si mesmo.

A arte superior, em todas as éras, é um clarão revelador para os peregrinos que Luscam o Incognoscivel, é uma corrente impetuosa que arrastra o espirito para o infinito, amplia e esclarece a consciencia, immergindo o eu na Unidade, lançando-o no absoluto, integrando-o na harmonia sempiterna dos mundos e dos sóes.

"Não procures o presente nem futuro, mas somente o eterno", diz um pequeno livro de sabedoria.

Eis a formula suprema da arte, completada por esse outro preceito:

"Deseja apenas o que está dentro de ti".

«Ser artista é encontrar o infinito dentro de si e viver na propria vida interior, como se o Universo fosse a expressão fulgurante do nosso eu e as coisas e os seres aparições fugaces de um sonho interminavel.

Que o nosso mundo exterior nada mais seja do que uma louca dança de phantasma e de illusões, a crear estranhos espectaculos na vasta esphera da nossa consciencia, no encantamento do nosso sonho. Que as formas sejam apenas symbolos da nossa energia intima, expressões objectivas para revelar a nós mesmos os mysterios da nossa subjectividade.

Que tudo seja sonho e illusão para o nosso espirito sempre em extase, e que elle surja por sobre a voragem do sofrimento humano como o revelador de um Universo ignoto, o desbravador de novos caminhos por onde a alma passe em busca de uma belleza maior, de uma vida mais intensa, de um sonho mais claro onde desaparecerá a nossa inquietação de bandeirantes a procura de thesouros impossiveis.

Angelo Guida.

A MARTYR DA INDEPENDENCIA.

A 20, o terror redobrou para a população dos navios portuguezes no porto, grupos de marinheiros brutos, de caratõhas más, armas curtas á mostra, alastraram-se pela cidade, num grande tumulto. A soldadesca deu-lhes as mãos. Fraternizaram para a depradação. E por onde essa gente passava, acachando, enchendo as ruas do estrepido das armas, das botas grossas, dos risos despejados, do vozerio alto, sempre uma victima, de bôrco na calçada, vertendo um filete silencioso de sangue, marcava na sua mudez de morta a jornada lugubre da recolonização. Soavam, de quando em vez, choque de espadas ou baionetas, uma vociferação, um grito... Cambaleando, ensanguentado, os olhos fora das orbitas, um soldado transviado, colhido na emboscada, ia alongar sobre as pedras a silhueta escura e arquejante.

O dia adeantava-se. O sol subia no

céo, com gazes brancas tremendo numa palpitação luminosa. — Madeira, desde a vespera, intimára os refugiados da fortaleza de S. Pedro. Se não se rendiam o homizio era batido a granada.

Onze horas para o meio-dia. Um bando compacto de marujos, soldados de cavalaria, a pé, e peões de diversos batalhões, todos ajuntados naquella mó para a licença do saque, cresceram, aos gritos, para a rua larga da Lapa, onde no dia antecedente tinham carregado de vencidade sobre os milicianos brasileiros. A' direita da rua, o convento de freiras de Nossa Senhora da Conceição erguia os seus muros grandes, os paredões fortes, abertos em janellas quadradas, a torre cubica, tudo com o seu aspecto calmo e profundo de mansão sagrada, com cruzeiros de pedra nas cumieiras limosas e sobre os lavôres da porta da egreja uma imagem suavissima da Virgem padroeira.

A soldadesca, a murujada, estacaram, com uma resolução trágica nas physionomias contraídas, deante da construção veneravel. Talvez, dentro desses muros, estivessem em guarida soldados brasileiros. E as riquezas do templo; a prata e as joias da sacristia; os paramentos ricos, os festões raros, maravilhas de opulência que os conventos antigos guardavam nos escrínios de seus mostruarios... A decisão foi rapida. Logo as machadinhas dos maritimos, as coronhas das carabinas, os sabres, morderam com furia as almofadas do portão lateral, que voaram em pedaços, abrindo á turba o accesso do primeiro páteo do asistério: um páteo quadrangular e ligeiramente arrampado, com uma cisterna de bordos altos no meio, fechado de um lado pelo costão da casa do párocho, e do outro pela muralha, em arcos, do lanço norte do edificio. A porta da clausura, trancada, estava deante dos arrombadores. Uma porta pequena, com o patamar de granito muito simples, e sem um arrebique no sobre-frontal rectilineo, imitando a cornija dórica. Uma simpleza de forma que, alliada á espessura da parede que se deseeobre de fóra, em ligeiro arqueado, está tão conforme com o espirito frio de um claustro, que, só essa porta, encaixada na muralha nua, desperta no visitante da Lapa todo o

respeito religioso da clausura calada. Sobre o frontão: um nicho, com uma moldura de madeira recortada, gosto século 18, abriga, por detraz de um vidro poeirento uma imagem bondosa de Nossa Senhora, que está ali a lembrar, ha cento e setenta annos, que é sua aquella casa. As almofadas da porta são de doze quadrilateros, com riscos geometricos, de quarto de curva, no centro. A parte superior tem o resguardo de uma grade, de varões que se cruzam em angulos rectos: é tambem parlatório. — O pateo do convento e a clausura são hoje ainda o que eram ha um seculo. A mão iconoclasta do tempo ainda se não fez sentir sobre elles. Do quadro que os saqueadores de 20 de Fevereiro de 1822 tiveram sob os olhos, o curioso de 1922 descobrirá todas as linhas exactas e talvez até as mesmas côres, com excepção do solo do pátio, que era em lages soltas e depois foi cimentado, e o portão exterior, cujos batentes são modernos. Mas a mesma angustia de espaço livre, que os muros largos sombreiam; a torre, com os seus gradis de madeira, em xadrez, saltando no ar os beirões salientes do telhado, e as calhas; um phantasma de cruz que ennegrece aos arreboes, e o sol da manhã veste de luz branca...

A tropa, furiosa, martellou com os ferros, os punhos, os pés na porta fechada. E ia despedaçá-la a golpe de machada, quando de subito os batentes se desuniram e no quadro sombrio surgiu a madre abbadesa das Concepcionistas. Dessa pallidez muito suave e muito igual que é o bento matiz dos lyrios dos claustros, o seu rosto tinha uma nobreza, quasi orgulhosa, de raios visuaes firmes e claros, o alabastro da fronte casado com a alvura immaculada do burel e contrastando com o luto da coifa, as linhas faciaes sem um rictus e os labios desmaiados sobre o escapulário, um medallhão de prata onde a Virgem-Mãe sorria o seu lindo riso santo... A veneravel Joanna Angelica de Jesus, trancava com os braços, enroupados fôfamente na estaménha, a entrada do asistério. Uma aragem mórna, quasi imperceptivel, arrepelava de vagar uma outra préga do habito, mas tão discretamente, que seu corpo immovel apparentava a solemnidade

consagrada de uma imagem. Avancada em annos, mas ainda com os traços direitos dessa belleza distincta que é sempre herança afortunada nas familias antigas e fidalgas, os punhos tenros aflorando das mangas tálares, as palmas de marmore com veias azues, fechando nos humbraes da cantaria o circuito mudo e todo poderoso de um santo nervosismo de martyrio — a abbadesa da Lapa, insensivelmente, cunhava na retina da Historia o symbolo Divino: as linhas paradas do seu corpo, nessa posição augusta, copiavam a majestade do cruzeiro na suprema beatitude do seu Calvario.

E os sacrilegos não passariam. Não; que um corpo puro de mulher obstruía aquella porta mais espessamente que toda a argilla de um baluarte. A face meiga da monja aterrorisava os portugueses. Porque naquella firmeza classica de gesto imperava alguma cousa além da vontade humana: talvez Deus, que, invisivel, abria os seus braços, e as mãos chagadas, na cruz enroupada de burel dos braços de sua doce esposa... E dizem que ella falou: "Para traz, bandidos! Respeitae a casa de Deus. — Antes de conseguirdes os vossos infames desígnios, passareis por sobre o meu cadaver!" — Um soldado, com o sobr'olho baixo, sangue nos olhos, rilhando os dentes, avançou com a baioneta enristada.

A freira não se moveu. Rezava talvez; mas a sua oração mental, muito serena, que só a Virgem da Conceição, sorrindo no frontão da porta, percebia.

O soldado collou-lhe ao peito, na altura do medallhão de prata, o ferro de sua arma, intimando-a; e logo, de um repellão, cravou-o fundo.

A malta toda estremeceu, agitou-se num frémito, hesitou um segundo, e arremetteu. — Brandamente, Joanna Angelica encolhia os braços, estremeceu o corpo, deslisava pela lágea que o seu sangue ia manchando, o habito branco alastrado como uma nuvem celeste, e expirou, com os olhos para o céu azul.

O capellão do convento, um padre alquebrado e muito humilde, as cãs respeitaveis sobre a góla da batina negra, investio para desviar dos pés da soldadesca o cadaver da abbadesa. Derrubá-

ram-n'o a couces d'armas: ficou por morto, atravessado na entrada, a véstea em mancha funebre sobre o granito sagrado.

E dezenas de tacões esmagaram a cõgula de madre Joanna, empastaram-lhe as mãosinhas niveas de nodoas violáceas, macularam até a sublime pallidez do seu rosto sereno, de adormecida. Rolada aos pés, ficou estendida ao longo da porta, os braços para o patamar, o habito tão bem cahido que se lhe não viam a ponta dos sapatos, e os labios finos, brancos, mansamente a sorrirem...

Era a primeira martyr da Independencia do Brasil.

Pedro CALMON.

O MAIS ILLUSTRE NATURALISTA BRASILEIRO.

Estavamos no Imperio. Quem fosse ao Rio de Janeiro ahi pelo anno de 1864, teria encontrado Barbosa Rodrigues nos seus 22 annos de idade, formando-se pela Escola Central de Engenharia, onde, sob os auspicios do grande botanico Freire Allemão, se iniciou no estudo da "sciencia amabilis" de Lineo. Antes que tal se houvesse dado, elle se dedicára á poesia e á prosa, publicando diversos sonetos e um livro: "Veladas Nocturnas". Estudante e moço, enamorara-se talvez d'uma donzella caprichosa que para martyrizar-o, como é de gosto geral nas mulheres, negara-lhe correspondencia, ou a vendera a outrem de melhor catadura e agrados feminis. Fora o bastante para explodir-lhe no peito um estro provisorio, semelhante a um vulcão que erode e se extingue para sempre!

Passados esses instantes de soffrimentos e de incertezas, bateu ás portas da sciencia — que apesar de velha, tem amavios seductores, e que apesar de amarga mata-nos a sêde...

Foi bem acolhido. A fertilidade da sua intelligencia em breve brotou, cheia de frescor e de aroma, n'uma aureola nova, plena de esperanças promettedoras... Ahi começa a sua carreira de naturalista. Fez diversas excursões pelos Estados de Minas Geraes e do Rio de Janeiro.

O governo imperial, sabedor das suas superiores qualidades de devotamento ás sciencias, enviou-o para o Amazonas em commissão scientifica, onde, percorrendo esse Estado gigantesco, explorou os rios Capim, Tapajóz, Trembetá, Jamundá, Urubú e Jatapu'.

Ahi tambem catechizou a tribu dos Crichanás, no que consumio tempo e sacrificio, com riscos da propria existencia.

Eis o que elle nos diz a respeito: "Fui propositalmente ao encontro dos Crichanás disposto a deixar a vida, si fosse preciso, para resgatal-os da barbarie e entregal-os á civilização. Porém não foi necessario o sacrificio. Soffri, é certo, todos os insultos e ameaças com resignação e paciencia, mas, graças a Deus, consegui entender-me com elles, desarmal-os e obter a promessa de que nunca mais fariam mal aos brancos".

Nessa empreitada ardua e perigosa, onde o homem allia o patriotismo ao gosto pelo progresso da sciencia, Barbosa Rodrigues assemelhava-se ao General Couto de Magalhães d'outrora, e ao General Rondon de hoje.

Excedendo-se de muito no seu papel de naturalista — o que provou cabalmente no exercicio do cargo de director do Museu Amazonense em Manáus, em cujo organ "Vellozia" muito escrevera sobre botanica linguistica, antropologia, archeologia e geographia do Estado de Amazonas.

Fez estudos interessantes sobre as Amazonas de Orelana, na exploração do rio Jamundá, sendo levado á conclusão de que nunca existiram, na concepção erronea com que se as tem apregoado primitivamente pela bocca dos exploradores hespanhóes, anciosos de perpetuarem a falsa gloria de um patricio aventureiro.

Desfez os erros, estabelecendo o curso normal dos rios que elle explorou, reintegrando-os no dominio da verdade nas cartas por elle mesmo levantadas e organizadas.

Começando pelo Amazonas, percorreu o nosso territorio em 3 annos e meio, até o Rio Grande do Sul, devassando os rastos do barão Frederico von Martius, d'onde fez surgir, como que por magia, uma floresta nova e immensa de palmeiras, reunidas sob os moldes harmonicos da systematica, em numero de 382

especies, das quaes 166 foram por elle descobertas, na sua grande obra:

"*Sartum Palmarum Brasiliensum*".

Dentre as paginas de oiro desse livro, sagrado para os que cuidaram da natureza brasileira, encontra-se um nome em mais de uma referencia — o de D.^a Constancia, a digna esposa do devotado sabio, que se portou com amor e heroismo de verdadeiro homem, acompanhando o esposo em todas as incertezas, arriscando-se com elle ás intemperies, á braveza das feras, á calamidade das epidemias e á flexa vingativa do indio, atravessando um grande numero de tribus: a dos Tembés, Mandurucús, Mauhes, Apiacás, Pariquis, Aruaquis, Muras, Miranhas, Macuhis, Ipuricotós, Ipurinós, Uapichanás, Uapés, Tarianós, etc. Como prova de reconhecimento dedicou-lhe um genero, Barbosa Rodrigues:

Bactris Constanciae:

"Le nom de l'espece rappelera le courage, l'amour des decouvertes scientifiques et l'heroisme dont elle a donné tant d'épreuves, notamment le 2 octobre 1873 lorsque notre piroque coula á fond dans la riviéene Yatapú, entraînée par le tourbillon de la grande chute d'au mommé Udidy et dans d'autres circonstances, lorque pendant la nuit nous fumes attaqués par um tigre dans la forêt ou nons avions nos hamaes prés de la Corredeira Picapó, sur les rives de la même riviére".

Além de alguns cargos menos importantes, occupou Barbosa Rodrigues o de director do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, até a sua morte, aos 5 de março de 1909. Durante toda a sua permanencia nesse honroso cargo, só fez melhoramentos, transformando o que era um lugar de passeios e piqueniques, em uma obra, não completa, mas digna de ser apreciada pelos esforços dispendidos na sua consumação. Apesar disso a injustiça não deixou de farejal-o após a morte, vomitando um complexo de asneiras no papelorio governamental do Sr.

Affonso Penna, então presidente 'a Republica, queixoso do character improdutivo do Jardim Botânico, crente que um estabelecimento desse genero fosse uma fazenda de gado ou um campo de experimentações agricolas, "no que se manifestou completamente ignorante dos fins verdadeiros dos Jardins Botânicos!" O muito illustrado sabio Hermann von Hie-ringh, ex-director do Museu Paulista, de cuja perda infeliz se resente o nosso meio, referindo-se a B. Rodrigues diz: "Com Barbosa Rodrigues desapareceu o ultimo representante da pleiade de excellentes botânicos do Rio de Janeiro, que por meio de numerosas publicações e collecções contribuíram para o conhecimento da Flora do Brasil. Refiro-me a Swacke, Glazieu, E. Ule, e Duzen: vive lá ainda o eminente mestre Theodoro Peckolt, cujas numerosas publicações versam particularmente sobre o exame chimico e pharmaceutico das plantas medicinaes do Brasil.

Retiraram-se do nosso paiz Ule e Duzen e morreram Fritz Mueller, Glazieu e B. Rodrigues." E verdadeiramente, dedicado ao estudo da natureza, B. Rodrigues é o vulto de maior destaque e a figura de mais valor reconhecido.

N'uma curta existencia de 55 annos de idade, deixou perto de 60 obras publicadas — das quaes se destacam: o *Sertum Palmarum*, a maior criação delle, e a monographia das Orchideas, trabalho igualmente reputado.

Não cuidou somente das Palmeiras e das Orchideas; estudou as Mortaceas, as Euforbiaceas e as innumeras plantas do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

A tarefa deste grande naturalista ahi não estacionou: foi mais longe... ameaçando por vezes attingir mesmo a culminancia dos paramos celestiaes da sciencia, onde gravitam as estrellas de primeira grandeza.

Teria conseguido figurar ao par dellas, caso o seu encaminhamento na sciencia não fosse tardio e mal guiado, como bem o disse Orville Derby:

"Si este B. Rodrigues tivesse a sorte de gosar d'uma instrução scientifica superior de universidade, hoje seria um dos naturalistas mais notaveis do mundo."

Cuidou com brilho e coragem de assumptos indigenas. lingua, costumes e meios de vida, conseguindo desse modo colaborar efficazmente no progresso feliz do conhecimento de nós mesmos e das nossas coisas.

Das suas obras a esse respeito, muito atractiva e util é a *Poranduba Amazonense*, reunião harmoniosa de contos e fabulas, em que a crença dos nossos maiores se esboça claramente, dando-nos dados para a concepção do seu adiantamento. Na archeologia deixou-nos os *Muyrakitans*, fragmentos esparsos não inteiramente decisivos, mas afirmativos da nossa origem asiatica. Em coisas deste quilate, em que o espirito mais rijo e fortalecido vacilla, elle não podia deixar de ter adversarios...

Travou polemicas tanto com *Ladisláu Netto*, também naturalista, como com *Sylvio Romero*, conhecido homem de letras brasileiro.

O mesmo se deu com o sabio Dr. *João Baptista Lacerda* — a respeito do curare — que elle estudou e leu em conferencia perante o imperador D. *Pedro II*. Explorou e conheceu mais o Estado de Amazonas que os seus collegas *Hartt*, *Goeldi*, e *Ladisláu Netto*.

Finalmente, "os seus trabalhos e suas descobertas estão definitivamente incorporadas aos alicerces do edificio monumental que nos representa a exploração scientifica do Brasil."

Procuremos, pois, trilhar as pegadas de B. Rodrigues, e mesmo que não possamos alcançar-lhe os louros, poderemos morrer satisfeitos, exclamando como elle: "Eu me sinto feliz por me haver devotado ao serviço da minha Patria!"

Obras publicadas de maior importancia:

1869 — 1882 — *Iconographie des Orchidées du Brésil*.

1875 — *Enumeratio palmarum novarum quas valle fluminis Amazonum inventas descripsit et iconibus illustravit*.

1877 — *Genera et species Orchidearum novarum*.

1879 — *Protesto appendice ao Enumeratio palmarum novarum*.

1882 — *Les palmiers*.

1883 — *Structure des Orchidées*.

1885 — 88 — "*Vellozia*".

1894 — *Plantas novas cultivadas no Jardim Botânico do Rio de Janeiro*.

1898 — *Palmæ Mattogrossenses novæ*.

1899 — *Palmæ novæ Paraguayensis*.

1900 — *Polmæ Hasslerianse novæ*.

1900 — *As Heveas ou seringueiras*.

1901 — *Contribution du Jardin Botanique de Rio de Janeiro*.

1903 — *Sertum Palmarum Brasilensum*.

1903 — *L'Uiraery ou Curare*.

Publicou ainda a *Poranduba Amazonense* e diversas outras obras sobre a archeologia, paleontologia e a lingua indigena.

B. Rodrigues percorreu os seguintes Estados:

Rio de Janeiro, Minas Geraes, Ceará, Parahyba do Norte, Pernambuco, Bahia, Espirito Santo, Amazonas, Santa Catharina, R. Grande do Sul, Mato Grosso e o Uruguay e o Paraguay.

João Rodrigues Merêge.

RAIZES DE IDEALISMO

A civilização é uma violencia do homem á natureza. Por mais brutal que seja o impeto, uma força idéal, remota, obscura, intangivel, está na origem da energia creadora. A civilização é o mysterio, em que se cumpre a fatalidade da união dos homens para vencer a materia universal. Expressão externa e collectiva do rythmo individual, traz em si o germen do idealismo. Se ha povos sem a proeminencia daquella magia extasiada na religião, na philosophia ou na arte, ha em todos um residuo espirital, que um dia transmutará o maximo do realismo em função de idealismo. A propria realização americana, opposta ao traçado do civilizador

européu, revela-se idealista nas suas syntheses sociaes, na sua democracia, no fabuloso poder do dinheiro, na transbordante philantropia, no excesso da força, na rapidez da acção, na aspiração ardente e ingenua, de renovar o mundo. O povo americano, no desenvolvimento da parabola da sua historia, trêe as origens mysticas dos seus formadores, quakers, fenianos, sonhadores do ouro, anarchistas e os demais transviadores do idéal.

No Brasil o idéalismo propulsor da nacionalidade é uma predestinação. A terra surgiu do inconsciente immemorial, revelada por homens possessos da loucura dos descobrimentos. A inquietação é o fardo da vida do espirito. Nascido de um sonho de navegantes, o Brasil ficou para sempre enfeitado pela miragem. O espirito secreto, que inspirava os allucinados do desconhecido, soprou em todos os recantos do paiz e insuflou para sempre a nacionalidade. E' o espirito de progressão. Transplantada ao Brasil a raça portugueza, a sua lei de constancia vital determinou a força indomável, que desbravou, subjugou e disciplinou a terra. O idéalismo tornou-se consciente e agiu como suggestão no decurso da civilização brasileira. A historia colonial é uma affirmação de idéalismo patriótico, installação no solo, organização da collectividade politica, que espiritualmente é a nação. A' aurora do seu surgimento, já o Brasileiro apparece como collaborador do Portuguez, por vezes o supplantando, na repulsa das invasões perturbadoras, na conquista systematica do paiz, que é elaborada como uma obra de estado.

O idéalismo affirma-se e progride. Em toda expressão de progresso ha um idéal de perfeição. Na historia do Brasil esse idéal de perfeição é sempre proseguido, como se fosse a finalidade do espirito colectivo. A Independencia do Brasil é um acto de idéalismo. Veiu naturalmente do instincto de revolta nativista, resultou da crystalização do sentimento nacional e exaltou-se das idéas que flammejaram na independencia da America do Norte e na Revolução franceza. Na *Esthetica da Vida* escreveu-se, e aqui se repete, que jámais o homem brasileiro foi tão senhor e tão grande como naquella epocha. Um espirito de mocidade o condu-

zia. Para o valor homem o grande movimento da historia foi a Renascença. A personalidade humana nesse ardente e fecundo instante expandiu-se vivaz e livre, não conheceu limites á curiosidade da intelligencia, não referiu as paixões e tudo foi um deslumbramento de forças intellectuaes e sensuaes que refez o mundo e renovou a sensibilidade. A Renascença do Brasil foi a época da Independencia. O homem unico, o homem universal appareceu como furtivo clarão na vida do Brasil. Os *homens* não foram sómente os conductores do movimento. Foi uma vasta floração da personalidade humana, manifestada na luta politica da independencia nacional que tornou ousado o character. O exemplo da revolta do Principe que se fez Imperador deu o contagio da independencia a todos. Foi uma insurreição geral dos espiritos, que inflamou o sentimento nacionalista e repelliu toda a vassalagem de Portugal, purificando-se de todo o cosmopolitismo. Nesse maravilhoso instante da nossa historia havia o orgulho de se sentir o homem novo de uma patria nova. O nacionalismo no alegre nascer da patria foi a affirmação da vontade brasileira. Nesse tempo, a incandescencia nacionalista não temia os compromissos despertados pela necessidade de povoar o sólo, pelo destino economico do paiz, que exige a collaboração estrangeira. O homem brasileiro naquella alvorecer nativo tinha a illusão de se bastar a si mesmo.

A essa energia valorosa juntou-se o idéal de perfeição, que inspirara os Independentes. Estes geometras da politica procuraram architectar o paiz segundo um plano idéal. Ensaioi-se uma *Cidade de Deus* politica. A monarchia não foi só uma suggestão colonial e uma logica continuação, melhor que uma incerta substituição. Foi tambem a cupola do edificio, e sob o domo o Poder Moderador apparecia como a imagem da Razão, da Justiça e da Divindade, presidindo magesticamente a innumeravel theoria dos factos.

O artista revelou-se no constructor politico. Desde então a fórmula, consciente ou inconsciente, da historia do Brasil é esta: *idealismo e como funcção de idealismo a busca incessante da perfeição*. Se

não é attingida, o esforço permanece irreprimível, porque idealismo e ancia de perfeição dimanam daquela qualidade essencial da alma brasileira, a imaginação. Na sua pureza primitiva será um estado de magia, uma illusão da representação do Universo, mas ao influxo da cultura torna-se creadora de idealidade, dynamo de idealismo, chamma da perfeição paradoxal.

O Imperio desenvolve-se nessa progressão. Combate-se pela unidade do paiz, defendem-se as fronteiras, traçam-se as linhas divisorias das nacionalidades antagonicas, constróe-se a muralha imaginaria da patria. E a elite governa o povo com as ficções transplantadas exoticamente de outros estados, tudo pela suggestão de um idéal de perfeição politica, que parecia crystalizar-se na monarchia parlamentar. Não tardou uma exploração do idéalismo nesse ambiente de hierarchia. A Abolição foi uma idéa que se fez o sentimento violento de um povo. Apoderando-se da emoção do paiz, tornou-se invencível e na celeridade do seu movimento, tudo arrebatou, tudo desmoronou e exigiu a contribuição de todos para o seu triumpho. O que fizeram a monarchia e os estadistas não foi mais do que satisfazer, como pacificadores, as imperiosas exigencias da sensibilidade popular. E neste sentido, a abolição foi um acto revolucionario e ao mesmo tempo esse delirio de abnegação collectiva marcou na vida brasileira o mais bello instante da nossa emoção nacional. Cada um procurava exceder-se a si proprio e aos outros no desinteresse pela causa da redempção. A principio a idéa aponta ao longe no espirito de alguns inspiradores. Pouco a pouco foi ganhando as almas e mais tarde uma grande préamar espraia-se pelo paiz inteiro. Ha um repentino ferver de peidade a que deve chamar a loucura da abolição, como no tempo das perseguições aos christãos, houve a loucura da Cruz. São povoações que eliminam do seu recinto a escravidão, são provincias que se redimem, são senhores que se empobrecem alforriando massas de trabalhadores, são fazendas que, numa vertigem de abnegação, se immolam e se tornam em tapéras desertas e livres, é o proprio throno imperial que, no esplendor

da exaltação collectiva, se sacrifica... Onde, porém, a rebusca da perfeição neste idealismo redemptor? Na liberdade incondicional dos escravos, como respeito á humanidade. Foi o toque da elevação no sacrificio total da riqueza.

Com a abolição ainda mais se accentua no Brasil o impulso da egualdade. A Republica resultou como a consequencia do "absolutismo" democratico. O idealismo republicano teve a maravilhosa phantasia de esculpir os traços da sua affinação moral na liberdade religiosa sem restricções, na excessiva soberania federativa, na egualdade de brasileiros e estrangeiros, no arbitramento internacional obrigatorio — signos característicos desse espirito, destituido de compromissos, que é o da raça na sua livre expansão. Enthusiasmo, imaginação, idealismo, ancia de perfeição sentimental são os motores secretos da alma brasileira.

O povo de tal inspiração, sempre prompto a exceder-se, está predestinado a viver no absoluto e a repellar toda a relatividade. Os seus difficeis "trabalhos" na ordem pratica o elevarão do intenso realismo ao excelso idealismo. Assim quando transforma as pertinazes mattas em terras de cultura attinge a uma conquista material formidavel, que, vel-a ou evocal-a, se nos exalta o espirito a louvar a energia primitiva dos feros desbravadores das florestas, dos errantes caminheiros dos sertões, transmigrada nesta espiritualidade da conquista, que nasce do realismo. A terra, offendida para ser fecundada, permanece a eterna desejada do homem. Ha seguramente um amor physico entre o brasileiro e a natureza da sua patria e que é a raiz inconsciente do seu patriotismo. A progressão não péde ser reprimida sob pena de uma crise mortal da nação. Para cumprir o fado imposto pela sua lei de constancia, o brasileiro va e para a frente, pelas tragicas mattas, pelos tristes desertos, pelos vagos sertões, pelos rios absurdos, a vivificar o sólo nacional. Um dia elle augmentou o desmedido territorio, e a incorporação do Acre foi até hoje a maior realização brasileira na epoca republicana, porque foi a maior expressão da energia collectiva e obedeceu fatalmente ao idealismo creador da nacionalidade.

Depois de taes fructos, o idealismo, fortificado em tenazes e seculares raizes, não será estirpado do espirito brasileiro. A fé no prodigioso destino da patria lhe perdurará sobranceira e fervente, a despeito da amargura que soffrer, do cháos em que se abysmar o paiz, das retrogradações da justiça e do progresso moral, do eclipse da liberdade e da honra. Crê eternamente na ascensão da liberdade e

da honra. Crê eternamente na ascensão triumphante da patria, na sua illimitada força creadora, na sua immortal projecção no futuro. Faminto, torturado, esmagado sob a tyrania, lá vae o Brasileiro, caminhando extatico dentro da luz, escravo da miragem, mystico do idéalismo...

Graça Aranha.

(Da "America Brasileira").





CURIOSIDADES

O EVANGELHO NOVO

Para a maior parte dos homens, e também para uma boa parte das mulheres, correm ainda como dogmas as palavras de Zarathrusta:

“A mulher é enigma, e tudo nella tem uma solução, que se chama *parto*”.

E circumscrevem de tal modo o destino da mulher á maternidade, que não vêem nella mais do que a *femea*.

Realmente, é a maternidade uma grande missão, e ninguém de bom senso poderá desconhecer que esta função absorve quasi toda a vida da mulher, e lhe imprime na alma caracteres indeleveis.

Mas d'ahi não se deve concluir que ella seja incapaz de outras funções mais elevadas, na ordem social, a ponto de se lhe negarem direitos que a lei faculta a qualquer laçaio.

Tolstoi, advogando a extincção da especie, não deveria ter em muito essa tão falada prerogativa da mulher.

Devem-na achar um tanto incommoda os estadistas da Inglaterra, da Allemanha, dos Estados Unidos e de outras nações, onde sem trabalho se agrupam ás centenas de milhares, e pedem pão, com brados ameaçadores.

Sómente os que fazem da guerra uma instituição normal pedem ás mulheres muitos filhos para a patria, isto é, rezes para o matadouro.

Consideram-na a melhor auxiliar, o complemento natural da casa Krupp...

E os governos instituem premios para as grandes procreadoras; se houver guerra, elles morrerão, defendendo a patria; e, se não morrerem na guerra, como se esperava, deixam-nos os governos morrer de fome, depois que perderem as forças para gritarem, pedindo pão.

Eis a bella perspectiva que as instituições ultra-modernas offerecem ao instincto maternal, desenvolvido com premios.

Felizmente, a mulher vai dando accordo de si, e não se deixa embalar, como dantes, por phrases sonoras; acostuma-se já a pensar, revolve-as na mente, discute-as, e faz dellas o uso que a razão lhe dictar.

E, desde que a mulher attinja á maioridade do pensamento, ser-lhe-á facil attingir também a maioridade civil e politica, que lhe negam as leis do homem.

E assim me foi grandemente sympathica a missão que trouxe á America do Sul a Sra. Katt, cujo zelo e serenidade

impressionam todos aquelles que a escutam.

Na sua cabeça organizadora e pratica, o feminismo é pensamento fecundo; visando a emancipação da mulher, encara de frente os grandes problemas sociaes que a sua entrada na politica poderia resolver.

Fazem parte do seu programma, o voto feminino, o pacifismo e guerra á escravidão branca. Dois grandes males e o seu remedio. O voto da mulher influirá poderosamente na elaboração das leis por que se governa a sociedade. É facil é de ver como o senso e a sensibilidade da mulher podem contribuir para curar estas duas chagas da humanidade: a prostituição e a guerra. O homem, que as abriu, mostrou-se até hoje incapaz de cicatrizá-las. O mal é tamanho, que, mesmo que fosse para experiencia, devia dar-se á mulher ensejo de pôr suas faculdades ao serviço de tão nobre cruzada.

Como bem frizou a Sra. Katt, numa de suas conferencias, o homem mostrou-se incapaz de evitar a guerra, e mostra-se incapaz de fazer a paz. Isto só bastaria para condemná-lo como órgão de governo.

Ao contrario, a guerra provocada pelo homem deu occasião a que a mulher puzesse em jogo toda a sua capacidade multipla de trabalho. E, enquanto o homem descia, no conceito universal, a mulher se elevava a grande altura. O equilibrio estabeleceu-se entre os dois sexos. E não ha mais razão para que a mulher, que se mostrou capaz de todas as profissões até ahi desempenhadas por homens, permaneça em um estado de inferioridade politica que não merece.

Não se pretende, com este genero de feminismo, fazer guerra ao homem; pelo contrario, a mulher vem em auxilio da manifesta incapacidade do homem para resolver uns tantos problemas de ordem moral e social. A synergia de duas forças mentaes que se completam só poderia trazer bons resultados, na tarefa complicadissima de governar uma nação.

Bem sabemos que o suffragio feminino, a participação de mulheres no governo, se tem prestado a gracejos de opereta, nas pennas de alguns divertidos. Mas, que assumpto escaparia a uma troça? É

o voto masculino, com todas as peripécias de certas eleições, não se prestaria maravilhosamente á penna de qualquer galhofeiro?

Não será preciso um grande esforço mental para dizermos com La Fontaine:

*"...je sais sur ce fait
bou nombre d'hommes qui sont femmes..."*

A' Sra. Katt não passou despercebido o estribilho de quasi toda a gente: "Entre nós, a mulher não está ainda preparada para isso." Mas é o caso de perguntarmos: "E o homem está, porventura, mais preparado?" Creio mesmo que, se fossemos a encarar o assumpto por este lado, haveria entre nós mais eleitores do sexo feminino, que do sexo masculino. É empenho nesta minha asserção a tal ou qual experiencia que me deu o magisterio, em classes de um e de outro sexo...

A inferioridade civil e politica em que a lei collocou a mulher chega a revoltar os espiritos bem formados. Qualquer idiota, pelo facto de usar calças, pôde livremente dar e receber votos, para qualquer magistratura, quando mulheres, como a Sra. Curie ou D. Julia Lopes de Almeida, se devem recolher á insignificancia da sua *captis diminutio*!

Abundio da Silva, nas suas cartas sobre a acção feminina, insere estes conceitos expressivos:

"Na idade-media, a mulher, solteira ou viuva, possuidora de um feudo, exercia todos os direitos politicos; na nossa sabia idade contemporanea, V. Ex., grande proprietaria de lindas quintas na Beira e de vastas herdades no Alemtejo, é quem paga a contribuição predial, mas são os seus criados de lavoura que votam!"

E cita aquelle facto das mulheres americanas que, na exposição de Chicago, espalharam milhares de exemplares de uma gravura, em que a Sra. Frances Willar, popularissima presidente da *Associação de Temperança*, e assistida de um pelle-vermelha, um idiota, de um forçado e de um doido furioso, com esta simples legenda: "*A mulher americana e os seus iguaes em direitos politicos.*"

Não se recusa o direito de eleitor aos enfermos, aos estropeados, aos nullos de

toda a especie, e nega-se á mulher, que possúe honestidade e instrucção, que coopera na riqueza nacional, que é, por vezes, um elemento de trabalho productivo, um valor intellectual de primeira ordem?

Com uma eloquencia cheia de serenidade, a Sra. Katt, que serve apenas uma idéa nobre, que visa unicamente o aperfeiçoamento da humanidade pela cooperação integral da mulher, expõe aos seus auditórios este evangelho novo; expõe-no digerido pela sua intelligencia clara; expõe-no illustrado com factos de uma vida longa, em que muito luctou e muito venceu.

Mostra como as nações, na sua grande maioria, já concederam á mulher o seu código de direitos, quando nós lhe apontamos sómente o código dos deveres. E exprime a serena confiança de que o Brasil, a maior nação da America do Sul, não se deixe vencer em prioridade, neste ponto, por qualquer de suas irmãs menores.

E, dentre os factos de sua experiencia, citou um, que deve ser agradável á mulher brasileira: O homem nunca é tão gentil com as senhoras, como em uma assemblea eleitoral. Todas as deferencias são para a mulher. E assim respondeu ao receio dos que vêem no exercicio do voto um attentado á graça feminina, aos melindres do sexo.

A Sra. Katt não advoga a intervenção da mulher na politica em obediencia a um feminismo *theorico*; como fiz notar, ella tem em vista resolver serios problemas sociaes, que reclamam o concurso inadiavel do coração e da intelligencia femininos e de um modo efficaz.

Mas, ainda quando exigisse para a mulher esses direitos, puramente como feminista, por um systema philosophico a acção da Sra Katt mereceria todos os applausos daquelles que desejam se robustecer cada vez mais a personalidade da mulher, como base da sua independencia moral e economica.

Ora, qualquer *capitis diminutio*, que seria, no caso, a negação dos direitos politicos, é um obstaculo opposto ao progressivo desenvolvimento da personalidade, que é tambem character.

J. M. Gomes Ribeiro.

(D'O Paiz).

A IMPORTANCIA SOCIAL DO CIGARRO.

A importancia social do cigarro não pode jamais ser objecto de discussão; é um facto capital, um dos pequenos factos complementares ás satisfações da vida moderna. Fumar já não é mais um vicio; embora não tenha alcançado fóros de virtude, é um passa-tempo, uma necessidade, talvez, exigida por circumstancias momentaneas. Vicio é tudo aquillo que a sociedade condemna ou repelle, ou porque enfraqueça os élos da moral, ou porque, destoe dos habitos adquiridos, dos costumes e dos usos generalizados. Num certo grupo de pessoas, se se inquirir os que fumam e os que não fumam, ver-se-á que a maioria é de fumantes. Importa reconhecer que as leis a que a sociedade obedece são feitas pela propria sociedade; muitas a que hoje condemna, amanhã adopta. Essa versatilidade parecendo um defeito, prova evolução, melhoria, aperfeiçoamento na organização da sociedade.

O fumo foi prohibido como um elemento perturbador da saude humana, como um toxico lento que, dia a dia, eliminava vitalidade ao fumante.

Hoje, o fumo circula nas cidades e no sertão, nas choupanas e nos palacios, nas assembleas das sociedades musicas e na Camara dos Lords. Na Europa, faz parte da etiqueta social o cigarro; as damas da mais fina linhagem accendem-no e atiram graciosas nuvens de fumaça por entre os commentarios sobre a moda ou sobre o facto do dia. Quanto ao gosto e á preferencia sobre a qualidade do tabaco tambem é um facto capital. Ha pessoas que preferem os tabacos perfumados, os "caporaes" lavados, os cigarros envolvidos em papel de amido; outras ha, que só pitam cigarros de fumo virgem, fortes, envoltos em palha de milho, fumo puro.

A hora em que o cigarro sabe melhor, segundo os fumantes mais conspicuos, é após uma chicara de café. Os fumantes innocentes não tragam a fumaça, isto é, aspiram a fumaça para expiral-a depois; o fumo é, deste modo, inoffensivo.

Como se aprende a fumar?

Em geral, os meninos furtam os pri-

meiros cigarros á cigarreira do papá; depois o papá acha engraçado e alimenta o vicio ao rapazelho. Dahi por deante, os nickeis que o pequeno ganha para ballas e etc., são convertidos em cigarros, para fumal-os ás occultas das pessoas da casa.

O caçador fuma muito pouco, porque a fumaça serve de espantalho á caça; o pescador, principalmente o pescador de caniço, na "espera", fuma desesperadamente para afugentar os mosquitos, á beira dos rios.

O supplicio dos fumantes é ter cigarro e não ter phosphoros, o que afinal é supprimivel, porque vemos frequentemente, no bonde, na rua, em toda parte, quando um cavalheiro accende o cigarro o outro ao lado, supplice pedir o fogo.

— Faz obsequio de seu fogo?

Não consta que até aqui haja quem tenha recusado: "hodie mihi cras tibi".

Na campanha de Canudos, máo grado ser o theatro das operações no Estado da Bahia, que dá excellente fumo, houve falta de cigarros, o que não era para admirar porque faltaram outras coisas mais necessarias á vida. Naquellas paragens ardentes, os soldados acossados por um inimigo tenaz, mal alimentados, mal vestidos, não tinham sequer o cigarro para distrahir as maguas.

Os cigarros de qualidade infima, conhecidos por "fuzileiros", envoltos em papel pardo grosso e feitos de fumo de baixa qualidade, eram os unicos que appareciam e raramente. Um maço desses cigarros custava naquella época cem reis, na capital; o maço continha vinte cigarros. Quem conseguia um maço de cigarros estava bem, como diziam os soldados; isso porém, era uma ventura que nem os officiaes superiores conseguiam. Um cigarro já era grande ventura.

Quando os comboios chegavam de Monte Santo, os soldados entravam em commercio com os que traziam a tropa.

— Tem cigarros?

— Tenho cinco "fuzileiros", que arranjei com empenho, a dois mil réis cada um.

— Quanto quer pelos cinco "fuzileiros"?

— Já recusei vinte mil réis.

O grupo de soldados augmentava e o commercio continuava.

— Por quanto me cede um cigarro?

— Você é camarada; por cinco mil reis e por ser para você...

Que dura situação aquella, em que um maço de cigarros, que no Rio de Janeiro e na capital da Bahia era vendido por cem réis, em Canudos, onde operavam as forças legaes, chegavam a produzir cem mil réis; é espantoso. Mas quem possuia um cigarro estava bem, tinha um optimo negocio. Não havendo cigarros, os que conseguiam um "fuzileiro", negociavam fumaças. Um novo commercio. Reunia um grupo de fumantes, o dono do cigarro accendia o "fuzileiro", cada um dos demais pagava dois mil réis para tirar uma fumaça; o pagamento era adeantado. A's vezes a reunião se dissolvia violentamente, porque um dos compradores tirava uma fumaçada comprida, uma fumaça que enchia as bochechas. O dono do cigarro arrancava-o da bocca do fumante.

— "Tá" fóra do regulamento; uma fumaça desse tamanho, não pode custar o mesmo preço. "Tou" bem arranjado se vou comprar "fuzileiro" a cinco mil reis para vender cada fumaça assim a dois mil réis. Ficava desgraçado em pouco tempo.

Entre os officiaes não era raro ouvir-se:

— Quando você acabar, dá-me a "bagana".

Bagana era a ponta de cigarro.

A importancia do cigarro é grande em nosso meio; vemos nos bondes "é prohibido fumar nos tres primeiros bancos" e nos trens da Central: "neste carro não se fuma": o que é fomentar desejos. O prohibido é sempre tentador.

Ha funcionarios que não sabem trabalhar sem fumar, poetas cuja inspiração reside no cigarro. Em geral, consideram os superiores desrespeito se os subordinados fumam em sua presença, esquecidos de que o respeito é uma coisa reciproca e elles fumam em face de seus inferiores.

Um cigarro pode custar factos capitaes, haja vista o que occorreu no "paraná" Arary, no municipio de Paritins, no Estado do Amazonas.

O roceiro Francisco Pompeu Freire tomou uma canoa, levando em sua companhia o seu companheiro Pedro Alves Pinheiro. Quando a canoa passava na ponta

do Arco, ouviram-se gritos: accoreram ao local varias pessoas que encontram Pedro Alves Pinheiro, caído no fundo da canoa, com a cabeça ensanguentada e com o dedo indicador decepado.

— Que foi isso? — indagaram.

— Foi por causa de um cigarro. Freire me mandou enrolar um cigarro para elle; o meu fumo só dava para o cigarro que eu ia fumar. Recusei; foi o bastante. Freire balançou o remo e metteu-m'o na cabeça. Fiquei tonto; mesmo assim, vinha ainda paulada de criar bicho. Voltei a mim: elle me disse com o remo no ar:

— Deixa ver o cigarro, seu Pinheiro!

Eu não podia mostrar o cigarro, por que com a primeira paulada tinha-o engulido. Elle assentou o remo e eu abri a bocca no mundo. Foi isso, só isso, sem augmento ou diminuição.

Como se vê, o cigarro pode ser motivo de grandes coisas. Na França, na Italia e em Portugal, só os governos podem commerciar cigarros.

E' um vicio limpo, tanto que o povo já creou uma divisa: "Quem não fuma e não mente não é boa gente".

(Do "Diario de Pernambuco").

CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DO VENENO DO SAPO.

Especie estudada. — *Bufo marinus* (horridus, humeralis, ictericus, aqua).

O nosso sapo commum é o maior representante dos bufonideos: de 12 a 16 centímetros de comprimento geralmente, desde o focinho ao urostilo, pode attingir até 20 centímetros.

A cabeça achatada apresenta-se ligeiramente cavada na parte superior tendo ao mesmo tempo de cada lado da linha mediana uma aresta ossea, indo do focinho ao cimo dos olhos, constituindo as orbitas. Os olhos de côr amarella, e o timpano, são grandes. A boca é desprovida de dentes, encerrando uma lingua mucilaginoide e comprida, presa na base ao bordo superior do maxillar inferior, sobre a linha mediana.

São características as glandulas parotidas, collocadas sobre o dorso, e algum tanto volumosas. Os membros têm bom desenvolvimento. A pele, coberta de pequenas rugosidades na superficie supe-

rior, apresenta-se diversamente colorida: verde escuro sem manchas, verde escuro com manchas pardas, e escuro cinzento, nctando-se frequentemente raias brancas ou amareladas, cores que costuma ter o ventre.

Habitaculo. — Amigo do silencio e das trevas, encontra-se o sapo no occo dos paus, sob os soalhos das casas abandonadas, nos boeiros, etc.

O banhado é o meio predilecto desse batraquio, que com ser amphibio, prefere mais todavia, levar vida terrestre que aquatica, exeptuando-se porém na epoca de reproducção.

Ajudados pelas pererécas, os sapos fazem um barulho infernal; não se pode mesmo atravessar um pantano, sem que se tenha impressão desse barulho, o unico que aviva a natureza, na quietude da noite.

Distribuição geographica. — Esta especie existe em toda America do Sul, encontrando-se-a tambem até nas regiões meridionaes do Mexico.

Captura. — O sapo deixa facilmente prender-se. Em certas cidades do interior, por occasião das chuvas, nas ruas, ao pé dos postes de illuminação, é muito facil surprehende-los sem que ao menos tentem fugir.

Um bom processo para caçar rãs e sapos, aliás conhecido, é o que recomenda o naturalista Adolfo Lutz:

Consiste em se caçar á noite, com uma lanterna de holofote, como as de acetileno das bicycletas, e que servem admiravelmente bem. Com esta se vae de noite escura ao longo d'agua, principalmente onde se ouvem cantar rãs, sapos e pererécas, projectando a luz em todas direcções até descobrir um dos bichos. Conserva-se então a luz projectada sobre elle; assim, a mesma ou alguma outra pessoa, chegando com a mão por traz, pode agarrar o animal. Precisa-se talvez de um pouco de geito, mas está suficientemente demonstrado que qualquer pessoa com bons olhos pode caçar em pouco tempo uma porção de batracquios que durante o dia em muito mais tempo custaria arranjar.

Utilidade. — O sapo alimentando-se principalmente de insectos, colabora com-

nosco no combate ás pragas, que são o flagelo da agricultura. A quantidade de insectos que tenho sempre encontrado em sapos de diversas idades, varia de 25 a 350. D'entre esses insectos, existem em maior numero os coleopteros.

O que diz o povo sobre o sapo. — Não entraremos em detalhes. Estes assumptos pouco interesse apresentam, pelo disparate grosseiro que a maioria delles occulta. Entretanto não será demasiado dizer, que o vulgo teme no sapo a urina e a baba, reputados toxicos, e as mordeduras igualmente tidas por perigosas.

Attribue-se-lhe tambem a malefica propriedade de causador do cobreio.

Afirmamos porém, que nada de verdadeiro existe nessas affirmações: a urina é inocua; a baba é uma simples invenção de imaginações doentias, gozózas de pintarem o quadro da natureza, segundo os seus matizes pessoais e mesquinhos; quanto ao cobreio, jamais pudemos ver algum occasionado por sapos.

Orgão do veneno. — E' constituido pelas glandulas parotidas, ligeiramente arqueadas e de 2,5 cs. de comprimento, por 1,5 de largura. As glandulas exteriormente, apresentam innumerous orificios, correspondentes a um numero igual de lojas, communicando-se entre ellas. Essas glandulas, como já tivemos occasião de dizer, estão collocadas sobre o dorso.

Extracção do veneno. — Phisalix e Bertrand, extrahiam o veneno de sapo, mergulhando-o n'agua e expremendo as glandulas parotidas com os dedos, ou com uma pinça.

Repetiam a operação até que a agua ficasse suficientemente opalescente. O veneno a medida que sae dissolve-se n'agua.

Nós não seguimos esse processo pelas seguintes razões:

1.º — O veneno do *B. marinus* sendo insolúvel n'agua, nella se subdivide em muitas partes, difficeis de se juntar depois; 2.º — por se ter frequentemente o veneno sujo.

Achamos mais pratico espremer-se as glandulas com os dedos, sob uma placa de vidro bem limpa. O veneno sae em esguicho, endurecendo-se logo ao contacto do ar.

Propriedades físicas. — Sabemos já, qual o estado com que elle se apresenta normalmente: liquido; bastante denso, tem a propriedade interessante de se endurecer ao ar. Varia a sua cor do branco amarelado, ao amarello alaranjado.

Tem um cheiro especial e nauseoso, mais accentuado quando obtido de individuos novos, onde sempre guarda a forma liquida. O sabor é amargo e desagradavel. Não se dissolve n'agua, dando-lhe porém certa consistencia xacea; ao contrario, é bastante soluvel na glicerina. No alcool, durante algum tempo, torna-o colorido de vermelho.

Natureza chimica. — O veneno de sapo, segundo as pesquisas de Phisalix e Bertrand, parece ser constituido de dois principios: a bufotalina e a bufotenina.

A primeira dessas substancias obtém-se evaporando a solução alcoolica; o residuo obtido trata-se pela agua. Depois de bem lavado, ajunta-se-lhe nova quantidade de alcool, filtrando-se e evaporando-se em seguida; obtém-se então a bufotalina, de aspecto resinoide, soluvel no alcool, no chloroformio, no ether acetico, na acetona e no acido acetico. A agua de lavagem dessa operação tratada pelo alcool, filtrada e evaporada deixa um residuo.

Dissolve-se o residuo n'agua, defecando-se pelo acetato de chumbo e tratando-se finalmente pelo acido sulfidrico.

Após a defecação, ajunta-se ao liquido chloroformio, que dissolvendo a bufotenina, no-la dará por evaporação, sob a forma de uma substancia branca crystallizada.

O veneno em solução alcoolica, tratado pela agua e centrifugado, deixa depositar pequenos crystaesinhos, que devem ser forçosamente de principio crystalino do veneno.

Como bem observou Davi, o veneno quando tratado pelo acido azotico se colore de roxo avermelhado. Pelo acido sulfurico torna-se azulado.

Calmels diz haver encontrado no veneno metilcarbilamina e acido metilcarbilamina-carbonico.

Ação phisiologica. — Devemos notar primeiramente, que esse veneno tem uma acção caustica regularmente accentuada;

insuficiente todavia, para occasionar a perfuração dos olhos de animaes superiores, como temos observado.

Internamente, age com maior ou menor efficacia, segundo a via de introdução. Por via gastrica mata em pouco tempo. Nos cães, nas aves, nas cobaias e principalmente nestas ultimas, a morte dá-se num periodo mais ou menos longo, com um cortejo symptomatico caracteristico, acompanhado sempre de convulsões. Forma-se na laringe espuma espessa, e relativamente em grande quantidade, capaz mesmo por si só, de vitimar o animal por asfixia. As suas propriedades corrosivas se manifestam nas inumeras manchas no tubo intestinal, indicios seguros de uma pronta perfuração. Em injeccão subcutanea, actua com menos intensidade. O animal morre em mais longo tempo, sendo mais accentuada a agonia e mais frizantes os phenomenos que a acompanham. Nos cães, conforme as observações de Vulpiam, precede a morte, verdadeiro estado de sonolencia ou embriaguez, como tambem verifiquei.

Pelo que expuzemos, conclue-se pois que o veneno é um tetanizante.

S. Paulo.

J. Rodrigues de Merége.

PEDRO II NO VATICANO

O primeiro soberano catholico que visitou o Papa no Vaticano, depois de proclamada Roma capital da Italia, foi Pedro II. E' um episodio completamente ignorado dos historiadores e que só agora se revela, em correspondencia do sr. Francesco Bianco a um dos jornaes do Rio. Entrevistado o sr. Conde Soderini, chefe do partido catholico italiano e autor do "Vaticano na Renascença e nos primeiros annos do Reino de Italia", obra que em breve será publicada, ouviu aquelle jornalista as seguintes palavras:

— Pediu-me v. as minhas impressões sobre a visita do primeiro soberano catholico ao Vaticano? Pois bem — disse-me o conde Soderini — escreva em seu jornal que o primeiro soberano catholico que visitou o Pontifice no Vaticano, depois que Roma foi proclamada a capital da Italia, foi o Imperador do Brasil, d. Pedro II.

"E' esse um episodio historico ignorado, mas, muito importante, dos ultimos tempos da vida de S. S. o Papa Pio IX...

"Estavamos no ultimo quartel do anno de 1877. Foi pela manhã; eu era, então, "guarda-nobre" de Pio IX e me achava de serviço no Vaticano. Lembrome como se fosse hoje — era uma manhã friissima e ainda muito cedo, talvez 7 horas da manhã. O dia não tinha clareado de todo, tanto que a escadaria do Vaticano ainda estava illuminada pela luz dos lampeões (nesse tempo não havia luz electrica). Estava de inspecção no apartamento do Papa. Sua Santidade Pio IX levantava-se cedissimo, e, ás 7 1/2, celebrava a missa. A capella de S. S. era, como ainda é hoje, visinha á sala do throno. Eu, como do meu dever de guarda, antes que o Papa passasse, inspecionava aquella sala. Ia no cumprimento dessa obrigação, quando, com grande sorpresa, na sala do throno, vi um senhor desconhecido, com uma bella barba branca, que passeava gravemente de um para outro lado.

"Parei, maravilhado ante aquelle vulto estranho, ali, em uma hora tão matinal.

"Um camareiro secreto do Papa, aproximando-se, disse-me:

— "Aquelle senhor está aqui ha quasi meia hora, mas nenhum de nós sabe quem elle seja.

— "E quem o fez entrar? — perguntei.

"Precisamente nesse instante, abriu-se uma porta, e um dos secretarios do Papa advertiu-me rapidamente a não perturbar aquelle personagem, "que devia continuar desconhecido"...

"Todo esse mysterio fez augmentar minha curiosidade.

Quem podia ser aquelle homem?

"Olhava-o com admiração; e elle continuava sempre no seu passeio, indo e vindo, com muita gravidade.

"Não me lembro de ter nunca visto uma figura assim tão solemne, tão nobre. Parecia a incarnação de uma figura daquelles grandes quadros de Tiziano ou de Veronese, em que vêm retratados os maiores personagens da historia do mundo.

"O Papa celebrou a missa, e o desconhecido foi introduzido, com grandes re-

servas, na capella, onde nenhum estranho jámais puzera os pés.

“Entrou e ouviu devotamente a missa.

“Depois, Pio IX retirou-se, e o personagem desconhecido seguiu-o até seus apartamentos privados, onde ambos ficaram parados, em palestra, por mais de tres horas!

“Quando o desconhecido saiu da camera particular de Pio IX, eu montava guarda á sua porta. Então, elle parou e me disse, amavelmente:

— Sua Santidade falou-me tambem do senhor; eu sou o imperador do Brasil. Venha ao Hotel Bristol beijar a mão da imperatriz e almoçar connosco”.

“Depois, voltando-se rapidamente, desapareceu pela grande sala do Vaticano”.

O conde Soderini contou esse outro episodio historico que foi a obra de conciliação realizada pelo imperador do Brasil, entre o Vaticano e o Quirinal:

— “D. Pedro II honrou-me depois, sempre, com sua alta benevolencia, e foi da viva voz do imperador do Brasil e de S. S. Pio IX que eu ouvi a explicação da natureza daquella mysteriosa visita de d. Pedro ao Vaticano.

“O imperador do Brasil era amado em todo o mundo; era, naquelle tempo, juntamente com o Papa, a maior autoridade moral entre os homens de todos os paizes.

“Elle tinha relações intimas, até de parentesco, com Victor Manoel II, por isso que a imperatriz do Brasil era sobrinha do primeiro rei da Italia.

“Pio IX admirava e amava profundamente d. Pedro.

“Foi quando o imperador do Brasil concebeu a grande idéa de promover uma conciliação entre o Papado e o novo rei da Italia.

“Não querendo perder tempo, fixou-se, incognito, em Roma, e, então, começou o seu difficilimo trabalho diplomatico, encontrando-se secretamente com o Papa e com o rei da Italia.

“D. Pedro tinha confiança em realizar esse accordo e em concluir, assim, um dos melhores factos historicos dos tempos modernos.

“Surgiram, entretanto, cada dia, novas difficuldades, de character nacional e internacional que elle, sem se sentir cansado, affrontava e superava.

“D. Pedro sabia que no que dissesse respeito ao Vaticano, não precisava mais ter receios, e por isso trabalhava pacientemente.

“Aconteceu, porém, que o Papa Pio IX, já adoentado naquelle tempo, peorou e morreu. Poucos mezes depois, morria tambem Victor Manoel e toda a obra de conciliação, iniciada, com tanta sabedoria, pelo grande imperador do Brasil, ficou, então, interrompida.

Eis porque — concluiu o conde Soderini — hoje que as relações entre a Italia e o Vaticano marcham para uma reciproca cordialidade, de que é solemne attestado essa visita, ao Papa, de um soberano catholico, hospede do rei da Italia, julgo-me no dever de revelar ao Brasil essa acção historica que o grande imperador desse glorioso paiz desenvolveu, um dia, pela conciliação do Vaticano com a Italia.

AS CARICATURAS DO MEZ

LEVE, BARATO E ECONOMICO...

O sr. Ford, fabricante de automoveis, pretende ser o successor de Harding na presidencia dos Estados Unidos.

(Dos jornaes)



- Será um bom presidente. Vae fazer o que o povo quizer.
- Porque dizes isto?
- Ora, nos Estados Unidos, todo mundo sabe dirigir um Ford.

OSWALDO — (D. Quixote).

RESTAURANT DE 1.^a



— Mas que falta de hygiene ! Um jarro desses com uma agua tão suja...
— Ora essa ? Quererá o sr. que a agua venha tambem em um envolucro ?
JEFFERSON — (*D. Quixote*).

A POLITICA DEI "MAI.,



Il Brasile — Tutto ci unisce ; ma...
L'Argentina — Nulla ci separa ; ma...
VOLTO — (*Pasquino Coloniale*).

PREVINAM-SE

Na Camara discute-se um projecto creando um distintivo para uso dos paes da Patria o qual garantirá o ingresso do seu portador nas festas e reuniões de caracter official...



— Não comprehendes? E' uma instituição que se officialisa: o penetra agora faz-se garantir pela lei.

JEFFERSON — (*D. Quixote*).

Holmberg, Bech & Cia. Lmtd.

IMPORTADORES

RUA LIBERO BADARO', 169

SÃO PAULO

RIO DE JANEIRO,

STOCKHOLM,

HAMBURG,

NEW YORK,

E LONDRES

Papel, materiaes para
construcção, aço e
ferro, anilinas e
outros productos chimicos.

Para crianças

não ha melhor presente ás creanças que os livros que *Monteiro Lobato & Cia.* acabam de editar :

- “NARIZINHO ARREBITADO”, 2.^a edição do album illustrado a cores 3\$500
“NARIZINHO ARREBITADO”, edição escolar . . . 2\$500
“O MARQUEZ DE RABICÓ”, album agora lançado, com desenhos coloridos de Voltolino 2\$000
“O SACY”, album que foi o successo do ultimo Natal 2\$500
“FABULAS DE NARIZINHO”, album com desenhos em sombra 3\$000
“FABULAS”, edição escolar, muito augmentada, com desenhos em sombra 2\$500

Pedidos a MONTEIRO LOBATO & C.^{IA}
Rua dos Gusmões, 70 — S. PAULO

ACCEITAM-SE

desde já pedidos dos seguintes livros, que *Monteiro Lobato & Cia.* têm no prelo :

Cartilha de Alphetização, Ensino de Francez pelo methodo analytico e Livro de Problemas para o ensino Primario e Medio, pelo prof. Benedicto TOLOSA; obras ha tanto esperadas do conhecido technico que o governo de S. Paulo commissionou para a diffusão em suas escolas dos modernos methodos de ensino;

Saudade, pelo prof. *Thales de Andrade*, livro adoptado officialmente nas escolas de S. Paulo, Paraná e Ceará e que, alem de receber as mais encomiasticas referencias de quantos se interessam no Brasil pelas coisas do ensino, mereceu, em 1919, um premio do governo paulista.

Dirijam-se a MONTEIRO LOBATO & C.^{IA}
Rua dos Gusmões, 70 — S. PAULO

OPINIÃO DE TRES GRANDES SCIENTISTAS

Prof. E. Bertarelli

Prof. Rubião Meira

Prof. Miguel Couto

sobre o valor e a superioridade incontestavel do

Guaraná Espumante (Zanotta)

Diz o Prof. E. Bertarelli:

O GUARANA' ESPUMANTE é uma deliciosa bebida sem alcool, sobretudo recommendavel para a conservação da saude, tanto pela excellencia do seu paladar como pelas propriedades therapeuticas de seus componentes e absoluta pureza dos respectivos ingredientes.

A ausencia absoluta de FORMIATOS, de materias conservadoras e de substancias irritantes, bem como a ausencia completa de elementos nocivos ao consumo quotidiano do publico, torna o GUARANA' ESPUMANTE preferido ás bebidas que contêm aquellas substancias prejudiciaes.

São Paulo, 1.º de Outubro de 1921.

PROF. E. BERTARELLI

Diz o Prof. Rubião Meira:

"Attesto que o GUARANA' ESPUMANTE é bebida de valor altamente therapeutico, agradavel ao gosto, sem alcool, e deve ser utilizado por TODOS OS DEBILITADOS NERVOSOS, sem inconvenientes.

São Paulo, 19 de Setembro de 1921.

RUBIÃO MEIRA

Diz o Prof. Miguel Couto:

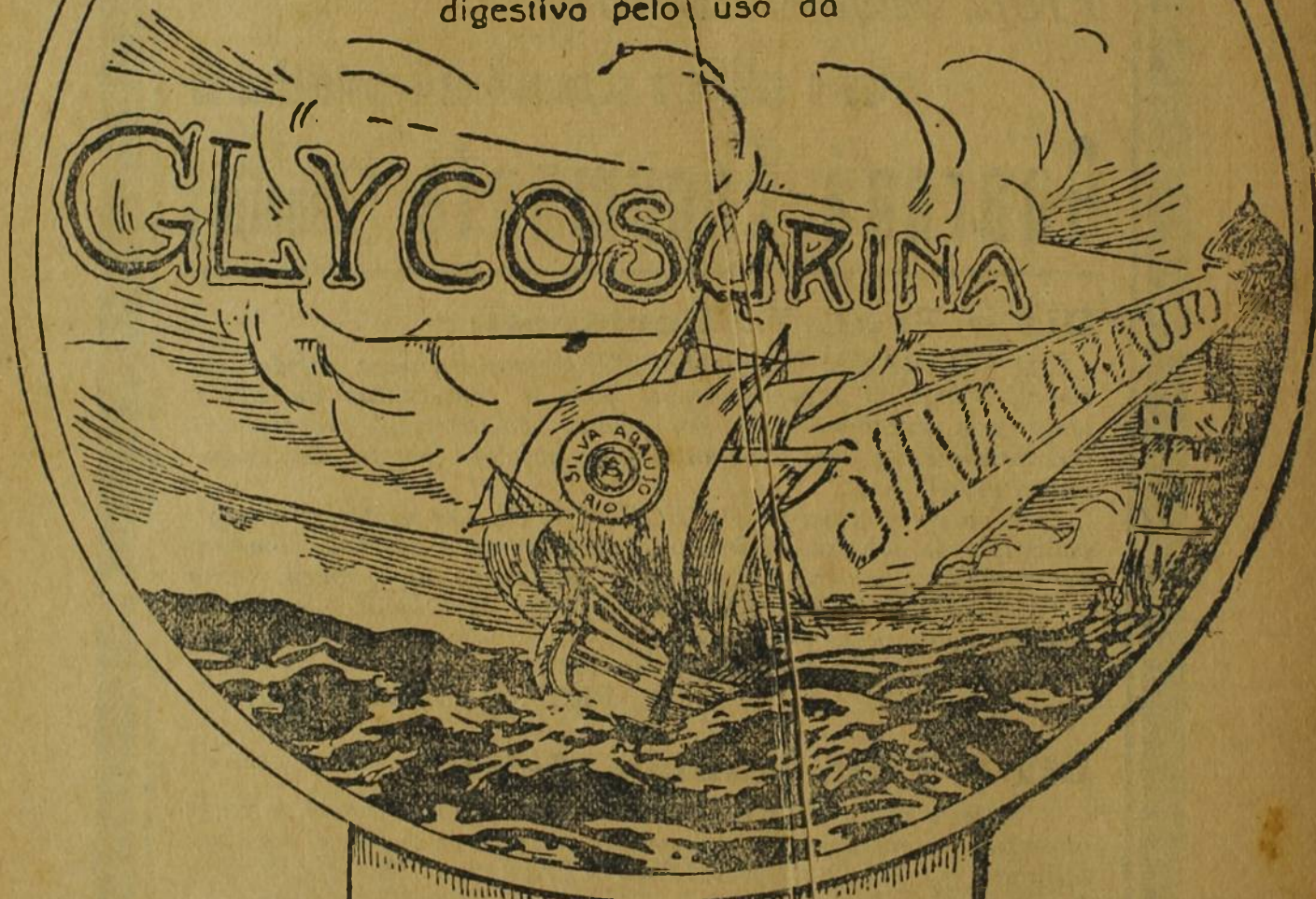
O GUARANA' ESPUMANTE, formula do meu sabio collega dr. Luiz Pereira Barreto, é uma excellente bebida, — doce, isenta de alcool, agradavel ao paladar, aperitiva e tonica; aconselhavel, pois, por estas qualidades.

MIGUEL COUTO

DIABETICOS

é preciso combater a perda
de açúcar, tonificar o or-
ganismo, regularisar as funcções dos órgãos internos
essenciaes a vida e restabelecer o appetite e a funcção
digestiva pelo uso da

GLYCOSCIRINA



heroico medicamento composto de
plantas indigenas brasileiras

PAU FERRO - SUCUPIRA

JAMELÃO e CAJUEIRO

Usa-se de 3 a 6 colheres
de chá por dia em agua

AS MACHINAS

LIDGERWOOD

**para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá**

São as mais recommendaveis
para a lavoura, segundo expe-
riencia de ha mais de 50 an-
nos no Brasil. : : : :

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a
vapor, Rodas de agua, Turbinas e acces-
sorios para a lavoura.

Correias - Oleos - Telhas de Zinco -
Ferro em barra - Canos de ferro gal-
vanisado e mais pertences.

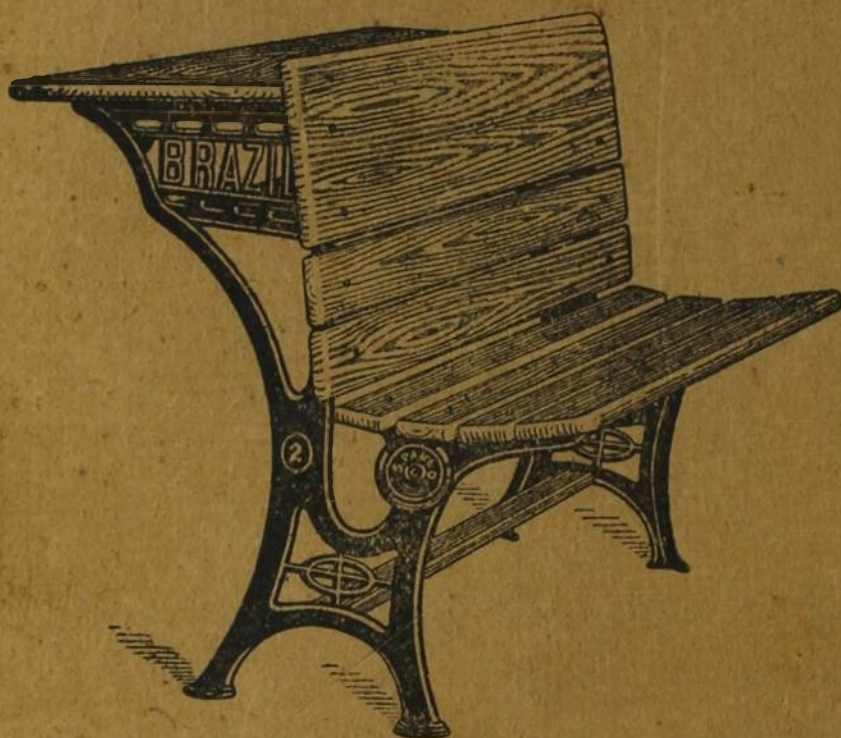
CLING SURFACE massa sem rival para con-
servação de correias.

IMPORTAÇÃO DIRECTA de quaesquer
machinas, canos de ferro batido galvanisa-
do para encanamentos de agua, etc.

PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.
DIRIGIR-SE A'

Rua São Bento, 29-c - S. PAULO

Moveis Escolares



Differentes modelos de carteiras escolares para uma e duas pessoas; Mesas e cadeirinhas para Jardim de Infancia; Contador mechanico; Quadros negros e outros artigos escolares.

Peçam catalogos e informações minuciosas á

FABRICA DE MOVEIS ESCOLARES

"EDUARDO WALLER"

— DE —

J. Gualberto de Oliveira

Rua Antonia de Queiroz N. 65 (Consolação) Cidade, 1216

SÃO PAULO